LUIZ PUNTEL

MENINOS SEM PÁTRIA



Luiz Puntel

MENINOS SEM PÁTRIA

21.ª edição



Série Vaga-Lume

ática

TEXTO

Editor

Fernando Paixão

Assistente editorial

Marta de Mello e Souza

Preparação de originais

José Roberto Miney

Suplemento de trabalho

Maria Aparecida Spirandelli

ARTE

Coordenação de composição

(paginação em vídeo)

Neide Hiromi Toyota

Capa: projeto gráfico

Ary A. Normanha

Ilustrações capa e miolo

Jayme Leão

ISBN 85 08 027699

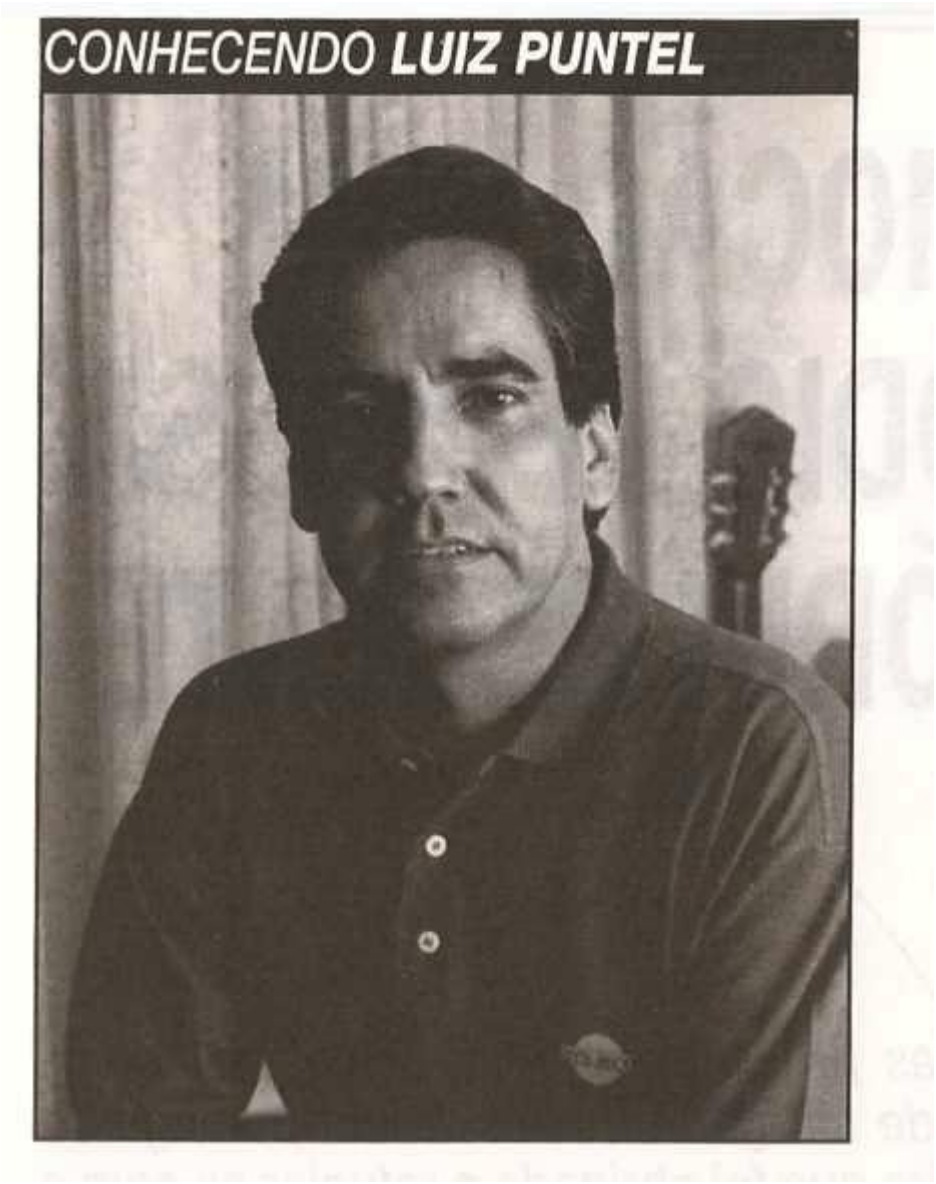
2000

EMOÇÃO NUM EPISÓDIO DE NOSSA HISTÓRIA RECENTE

Nas próximas páginas você vai acompanhar a vida de um garoto, filho de um perseguido político brasileiro que foi obrigado a refugiar-se com a família no exterior. Nos anos 60, os militares tomaram o poder no Brasil, com um golpe de Estado. Implantaram um governo autoritário que acabou com as liberdades democráticas no país.

Nos primeiros momentos, esse governo foi muito duro com seus opositores. Alguns foram mortos, outros presos, e muita gente, para escapar da perseguição, foi obrigada a ir viver longe da pátria. Já pensou?

É essa a história que você vai ler. Ela tem muito de aventura, embora não deixe de ser dramática. A trajetória de Marcão, no Brasil e no exílio, juntamente com a de muitos meninos que ele vai conhecer nos países em que é forçado a morar, não é brincadeira!



Meninos sem pátria, cujo tema está relacionado a um recente período de nossa História, revela a preocupação com a realidade que caracteriza a obra de Luiz Puntel. Mineiro de Guaxupé, passou a infância em São José do Rio Pardo, no interior de São Paulo. Adolescente, mudou-se para Ribeirão Preto, no mesmo Estado, onde reside ainda hoje. Pensou em ser padre e chegou a ingressar no seminário. Depois, mudou de ideia e passou a exercer múltiplas atividades, entre as quais se destaca a de professor de Português e Redação. Hoje é um escritor consagrado, principalmente de histórias para jovens.

Obras do autor

Infanto-juvenis

Felino Fidélis. (Esgotado.)
Mocinhos do Brasil. (Esgotado.)
Deus me livre. São Paulo, Ática, 1984.
Açúcar amargo. São Paulo, Ática, 1986.
Meninos sem pátria. São Paulo, Ática, 1988.
Um leão em família. São Paulo, Ática, 1990.

Contos

Não aguento mais esse regime. São Paulo, Ática, 1978.

Participações em antologias

Assim escrevem os paulistas. São Paulo, Alfa-Ômega, 1977.
É Natal. São Paulo, Salesiana, 1980.
Feliz Páscoa. São Paulo, Salesiana, 1980.
As melhores crônicas do IV concurso Sérgio Porto. São Paulo, Fenab, 1981.
Os melhores contos do II concurso Osman Lins. São Paulo, Fenab, 1981.

Com licença, posso entrar?

A ideia deste livro nasceu quando eu lecionava Português no Otoniel Mota, em Ribeirão Preto, uma escola de segundo grau, um dos mais antigos estabelecimentos escolares do Estado de São Paulo.

De repente, no meio de orações coordenadas e subordinadas, lá no fundão da classe, visualizei o rosto de um garoto bonito: magro, nariz fino, rosto imberbe, cabelos claros, revoltos e olhos extremamente tristes. Na caderneta, apenas um número e o nome, coisa que não diz muito; aliás, diz muito pouco.

Na hora do recreio, procurei conversar com ele, "levar um lero", como eles dizem. O sotaque era de garoto português, o que me intrigou. Mas José Pedro não era português, e sim angolano: fugira com os pais da revolução de Agostinho Neto. E estava ali, no meio dos outros, decorando — para ele — a imbecilidade das orações coordenadas e subordinadas, com o pensamento a milhares de quilômetros, pensando no horror da fuga, deixando para trás sua namorada, seu país, sua cultura e tendo de se conformar em viver no Brasil, um país estranho, falando palavras que não faziam parte do seu código linguístico, comendo uma comida que não era a sua, olhando para mulheres de maneira diferente, sem o seu jeito africano de entendê-las.

Na mesma época, os noticiários televisivos anunciavam a chegada dos exilados brasileiros e de seus familiares, via anistia.

Nem bem os meninos desceram dos aviões lotados, encaminharam-se para as escolas. Ao entrarem nas classes, perguntaram em francês, em dinamarquês, em sueco, em inglês, em castelhano, se era aqui mesmo que haviam nascido, que haviam passado a infância, perguntando se era aqui mesmo o Brasil.

Ressabiados, pediam desculpas por chegarem atrasados à escola. E o atraso não foi causado pelo tráfego intenso nem por um dia chuvoso, mas sim por um tempo de arbitrariedades, onde, para alguém ser preso, bastava um telefonema anônimo ou um dedo apontando na direção de um nome.

Sei que chegaram ressabiados, com o mesmo olhar medroso do José Pedro. E a cada um que pedia "com licença, professor, posso entrar?", sei que a vontade era parar a aula e os receber com uma salva de palmas. Afinal, eles não tinham culpa de estarem atrasados, não é mesmo?

Quando foram publicados *Deus me livre!* e *Açúcar amargo*, por esta mesma editora, estive em muitas escolas, conversando com os alunos, falando sobre essa necessidade fisiológica que é o escrever. Deparei com as mesmas carinhas de espanto e medo. E agora não eram apenas brasileiros, mas nicaraguenses, argentinos, bolivianos, angolanos, portugueses, uruguaios, chilenos, vietnamitas, todos fugindo de golpes de esquerda e de direita, indistintamente.

E é para esses garotos, para esses meninos sem pátria que o livro é oferecido. Para garotos como José Pedro Mendonça Malho, angolano; Guillermo, nicaraguense; Angelito, uruguaio; Juan, argentino; os filhos do Babelo, do Lucena; enfim, para todos os brasileiros exilados, banidos e deportados, não só pela revolução de 1964, mas por todas as revoluções brasileiras. E para um boliviano que acabei não sabendo o nome, porque ficou mudo de medo.

Luiz Puntel

"A almazinha de meu filho
vai se compondo e decompondo
com pedacinhos de pátrias misturadas.
De noite a gente recolhe os pensamentos
com um cansaço internacional.
— Pai!
— Que é que tu qué, meu filho?
Ele achega-se a mim com um abraço carinhoso.
— Pai! Me conta mais uma vez como é que era mesmo o Brasil?"

(Raul Bopp)

"Esse cara vai me fazer falar sobre o Brasil, vai me fazer sentir saudades do Brasil, vai me dar vontade de voltar ao Brasil."

(Fernando Gabeira)

UM BINÓCULO DE LENTES QUEBRADAS

— Tererê, arrombaram o jornal! — disse papai, entrando no apartamento, voz sumida, desabando em seguida seu corpo na poltrona da sala, ao mesmo tempo em que afundava os dedos nos cabelos anelados e pretos, entrelaçando-os na nuca.

Naquela época ele estava com uns trinta anos. Era sempre assim quando alguma coisa o preocupava: mergulhava os dedos nos cabelos, segurando a cabeça.

Eu e o Ricardo — lembro-me como se fosse hoje, embora isso tenha acontecido há tantos anos — jogávamos uma partida decisiva de futebol de botão na mesa grande da sala. Mamãe, grávida, tricotava o enxovalzinho de criança.

— Mas arrombaram como? — mamãe, surpresa, perguntava mais para ter tempo de entender o que papai dizia em letras garrafais.

— Arrombaram arrombando. Arrebentando a porta, entrando arrombando, oras!

Percebendo que ele estava muito nervoso, cutuquei Ricardo, que estava alheio, concentradão no jogo.

— Prepare que lá vai bomba, Marcão! — Ricardo, eufórico, não percebia o que se passava à sua volta.

Lá em casa, até hoje, todo mundo me chama assim, de Marcão, por causa do meu jeitão desengonçado de quem cresceu demais.

— Mas, e aí? — mamãe, também nervosa, não sabia como conduzir a conversa. — Chamaram a polícia?...

— Polícia? — papai gargalhou nervosamente.

— Sim. Se roubam, é preciso chamar a polícia, não? — Meio desconcertada, ela achou onde descarregar seu desapontamento: em cima de nós. — Rico, pare com essa gritaria!

A bronca até que tinha motivo. Ricardo estava infernal. Enquanto jogava, tinha a mania de irradiar a partida:

"Bola com Jair Bala. Passa por um, passa por dois, olha lá, torcida brasileira! É i-na-cre-di-tá-vel... Mas como é que esse cracão de bola não foi convocado para a Copa do México, seu Zagalo?"

— Como chamar a polícia, Tererê — papai sempre a chamava assim, embora o nome de mamãe fosse Terezinha se eles são os primeiros suspeitos? Quebraram tudo lá dentro, mas não roubaram nada...

— Será que foi por causa do artigo que você publicou sobre a tortura do padre? — mamãe perguntou, já sabendo a resposta.

— Claro que sim, Tererê. Eles já estão deixando de ameaçar, partindo para a ação...

O diálogo dos dois me preocupava. Ricardo não estava nem aí, concentrado no jogo. Tocava os botões com mestria, não errando uma tacada, colocando os meus na roda.

— Antes, a repressão se restringia às cidades grandes, mas, agora, até aqui,

em Canaviápolis, já estão partindo para o quebra-quebra...

Papai falava com voz cansada, de quem entregava os pontos, derrotado.

— Bola outra vez nos pés do incrível Jair Bala. Atenção, torcida!...

Mamãe não pediu silêncio outra vez. Aproximou-se e, descarregando a tensão da péssima notícia, desferiu duas cacholetas na cabeça do Ricardo.

— Eu já falei para você não gritar, diabo!...

— Saco! — ele resmungou, atrapalhando-se, desfazendo a jogada preparada. Nervoso, esmurrou a mesa, esparramando os craques pelo chão.

— Não jogo mais essa porcaria... — ele decidiu terminar a partida, abandonando o gramado, indo curtir sua mágoa no quarto.

Papai, tentando minorar o drama, aproximou-se, pondo-se a me ajudar.

— Desculpe, filhão! Nem percebi que vocês estavam aí jogando botão. Não era hoje a decisão do campeonato?

— É... a gente estava... no aquecimento... — menti, para não deixá-lo mais chateado.

Percebendo que eu mentia, sentiu-se culpado por ter interrompido a partida decisiva, por ter trazido também aquela péssima notícia. Querendo certificar-se de que estava certo na maneira como conduzia o jornal, parou de pegar os botões e ainda de joelhos, perguntou à mamãe, que passava em direção à cozinha:

— Eu tinha que publicar o artigo, não tinha?

— Lógico que tinha, Zé — mamãe concordava. — Se você não publicasse, não seria o mesmo Zé Maria combativo que eu conheci nos tempos da faculdade. *O Binóculo* se você não publicasse — passaria a ser chamado de *Óculos Fundo de Garrafa*, ia ter muita graça...

Rimos os três, imaginando a mudança do cabeçalho do jornal que papai fundara e dirigia com alguns amigos.

— Quem ia gostar muito era o seu Oredes — papai referia-se ao dono d'*A Cidade de Canaviápolis*, jornal da situação, especialista em classificados, trovas e coluna social.

— Eu prefiro *O Binóculo* assim: capengando, cheio de dívidas, mas denunciando as injustiças, o que a fazendeirada faz com os boias-frias, as safadezas do prefeito... Não faz mal que ele é um de-vez-em-quandário, mas é imparcial, não segura rabo de ninguém.

Mamãe tentava, assim, levantar o moral de papai. Meio pensativo, como quem remoi ideias, ele falou mais para si do que para nós:

— Agora entendo o que o Quinzinho queria dizer outro dia com aquela prosa fiada. Era o cabo Cirilo mandando me avisar...



A depredação nas instalações do jornal O Binóculo *significava que dali pra frente a tensão iria aumentar.*

Cabo Cirilo era um militar de patente coronel, capitão ou tenente, não sei direito. Sei que papai, nas conversas caseiras, rebaixou-o de posto e pegou. E o cabo, com o endurecimento político do final da década de sessenta e começo da de setenta, começou a dar em cima da imparcialidade d'*O Binóculo*.

— O que o cabo mandou avisar, Zé? — mamãe cobrava que ele falasse às claras.

— Outro dia o Quinzinho, aquele ordenança do cabo, disse que a turma do terço ia me contar umas mentiras e que se eu abrisse o bico, o cabo Cirilo ia arrebentar com tudo...

— Turma do terço?

— O pessoal da Igreja. É certo que o Quinzinho não falou assim, como se fosse manchete de jornal, bem grandão, mas falou naquele estilo meloso, ouvi dizer que, sabe como é, parece que me contaram... Você sabe como são essas coisas, não, Tererê?

— Mas o cabo pode ficar dizendo que vai arrebentar tudo, assim, sem mais, Zé?

— Agora eles podem tudo, mulher! com esse monte de atos institucionais, com essas medidas de exceção, não há mais garantia para nenhum cidadão. Para que alguém seja preso, basta um telefonema, basta que apontem o dedo na direção de alguém, e pronto! Isto não sai na grande imprensa e nem na televisão, mas estou sabendo que a situação está ficando insustentável.

— O que você vai fazer, Zé?

— Ainda não sei que atitude tomar. Sei que não queria trazer preocupações para você e...

— Agora mais do que nunca, Zé, você precisa dividir suas preocupações comigo, como tem sido sempre...

— Desculpe-me, querida! Você está grávida e fico...

— Gravidez não é doença, marido! Até parece que preciso ficar quietinha, fora do mundo. Quem gerou e deu à luz esses dois marmanjões aí — e mamãe olhou em minha direção — vai ter medo de alguma coisa? Ou será que das outras vezes foi diferente? Foi o mesmo sufoco, a mesma briga de sempre, a mesma batalha para sobrar menos dias no fim do mês...

Mamãe falava com a mesma fé na vida com que falaria sempre, tanto no Brasil, como na Bolívia, no Chile, na França, por todos os lugares, que, ainda sem saber, passaríamos.

O SINO DO DIA DO RICARDO

Com o tempo, a vivência na pequenina Canaviápolis foi se tornando insuportável.

Seu Valdemar, o zelador e porteiro do prédio onde morávamos, logo depois do quebra-quebra do jornal, avisou papai.

— Seu Zé Maria, eu gosto muito da família do senhor, seus meninos são muito educados... O senhor sempre que pode me ajuda muito... Eu queria dizer...

— Fale, seu Valdemar — papai adivinhava que, por trás do jeito reticente do zelador, havia uma notícia ruim.

— Estiveram procurando pelo senhor... — seu Valdemar, finalmente conseguiu desembuchar.

— Quem?

— Não quiseram dar o nome. Mas me pareceram estranhos. Não estavam com cara de bons amigos. Perguntaram em que andar o senhor morava, mas não fizeram questão de subir. Parece...

— Parece? — meu pai perguntou, preocupado.

— Parece que só queriam confirmar...

— Ou, então, fazer guerra de nervos... — papai falou mais para si do que para nós ou para o zelador.

— O que o senhor falou, doutor?

— Nada, não. Mas de qualquer forma, seu Valdemar, obrigado.

Ao tomarmos o elevador, papai estava visivelmente preocupado. Querendo disfarçar o nervosismo, ele passou a mão pela cabeça do Ricardo, gracejando.

— E aí, Rico? Para quando foi adiado o final do campeonato?

— Que campeonato? — Ricardo ainda estava bronqueado com a interrupção da partida.

— Aquele que foi interrompido pelas cacholetas da mamãe...

— Foi adiado sino do dia...

— Sino do quê? — rimos da confusão que Ricardo fez.

— Ah, você quer dizer *sine die*. Esta é uma expressão latina que quer dizer "sem dia marcado", "indeterminadamente".

— É isso aí... os craques estão se recuperando do tombo que levaram, ao cair da mesa Ricardo desculpou-se.

Chegamos ao apartamento até aliviados com o "sino do dia" do Ricardo. Mas durou pouco a descontração. Nem bem entramos na sala, o telefone tocou.

Papai correu a atender.

— Alô?

Ficamos olhando para ele. Franzindo a testa, gesto que sempre fazia quando estava escutando algo que o magoava, papai ficou ouvindo. Depois, desligou, dizendo:

— Era engano...

Não era. Eu e mamãe sabíamos que não era, mas não insistimos. Do outro lado, certamente havia uma voz de homem ordenando que ele não voltasse a publicar certos artigos.

E isso eu mesmo pude comprovar, no dia seguinte, quando jogávamos bola.

Pouco movimentada, nossa rua permitia verdadeiros rachas de futebol.

Naquele dia, eu estava no gol, já que de bola eu sou uma negação. O Artur fez um lançamento em profundidade para o irmão dele, o Hugo Rozestraten, nossos vizinhos. Hugo abriu para a esquerda, fintou nossa defesa inteirinha e carimbou com vontade. A bola bateu na trave improvisada e foi parar no fundo da rede. Como não havia rede, a bola correu solta pela rua. Enquanto o meu time reclamava mais garra, eu saí correndo atrás da bola. Um crioulão forte, careca que nem o Kojak, me esperava com a bola entre as mãos. Ao devolvê-la, sorriu para mim, aproveitando para certificar-se sobre meu nome.

— Você é o filho mais velho daquele jornalista que escreveu sobre o padre torturado, não é? Seu nome é Marcos, certo? Pois diga para seu pai, Marcos, que não publique mais essas coisas, viu?

Na hora, nem liguei ao que ele falou. Estava chateado. A defesa não segura o Hugo e eu é que tenho culpa?

— Pô, Marcão, assim não dá, né, meu? — o Leandro Bôer, do nosso ataque, reclamou.

— A gente se mata lá na frente e você pisa no tomate? — até o Rodrigo Pantoni veio tirar satisfação.

— Os bananas da defesa não seguram o cara e eu é que sou culpado? — reclamei.

No banho, logo depois, repassando as jogadas, dei de cara com o negão sorrindo para mim, entregando a bola e perguntando se eu era filho do Zé Maria, mandando um recado para ele.

Na hora do jantar, relatei o fato. Meu pai disse para eu não ligar.

— Não se importe, Marcão. Deve ser coincidência...

Não era. À noite, eu estava lendo um livro, deitado em minha cama e a conversa em voz alta no quarto de papai chamou-me a atenção. Aproximei-me da porta e escutei o diálogo dos dois.

— Devemos ficar prevenidos, Tererê. O clima, na verdade, é de guerrilha urbana. Nesses dois anos, só para você ter uma ideia, sumiram com um monte de gente, mataram dois líderes comunistas e decretaram até a pena de morte. Em contrapartida, os guerrilheiros sequestraram dois embaixadores e um cônsul...

Os dois ficaram em silêncio por um tempo. Logo depois, papai retomou.

— Você escutou o que o Marcão me disse ainda na hora do jantar?

— Escutei. Isso me deixou preocupada...

— É, eles estão fechando o cerco. Ainda hoje eu notei que o nosso telefone está sob controle.

— Notou? — mamãe perguntou, com a mesma tensão na voz.

— Foi na hora do almoço. Eu estava telefonando ao professor Karr, para

acertar uns detalhes de uma matéria sobre a prisão dele...

— Ele também foi preso?

— Digamos detido. Há pouco tempo, no final do ano passado, ele comentou com os alunos sobre a tortura do padre. E foi detido por isso... Pois na hora em que eu falava com ele ouvi um clique no telefone, como se houvesse alguém mais na linha. Agora o Marcão conta esse negócio do futebol...

— Você acha que corremos perigo, Zé?

— Não acho. Corremos. Eu não queria comentar isso com você, mas lá na redação... Redação, ou o que sobrou dela, o pessoal comentou que não só ele, mas outros professores da Universidade foram presos. O negócio anda feio. E se você vai confirmar, ninguém informa nada. Dizem que não sabem de nada, que não há prisão nenhuma.

— Então, é preciso tomar cuidado...

— Eu não queria alarmá-la, Tererê, sabendo que você está grávida, mas é melhor ficarmos de olho vivo.

VAI GÁS AÍ, DONA?

O cerco foi se fechando cada vez mais. Além de causarem um estrago considerável na redação d'*O Binóculo*, passaram a escutar nossas conversas e a fazer ameaças telefônicas.

Atendi duas delas. Eu estava estudando na sala, quando o telefone tocou. Pensei que era o Artur e já fui falando:

— A turma vai jogar hoje, Artur?

Do outro lado do fio, uma voz de homem ironizou:

— Jogar bola, Marcos? Você não sabia que é perigoso jogar bola na rua?

— Quem está falando? — eu gelei.

— Um amigo de seu pai...

— Ele não está em casa.

— Eu sei que ele não está em casa — a voz frisou, dando a entender que sabiam muito bem onde ele se encontrava. — Eu só queria que você desse um recado a ele...

— Qual recado?

— Diga a ele para abrir uma coluna social n'*O Binóculo*. Sim, porque é bem melhor falar das pessoas gratas da cidade do que ficar inventando aquelas matérias sobre o padre e agora sobre o professor, você não acha?

Eu não conseguia responder nada. Quis dizer alguma coisa, mas a voz não saía.

— Coluna social. Não vá se esquecer, Marcos...

Antes que eu conseguisse pensar em alguma resposta, desligaram.

Não disse nada a papai para não preocupá-lo. Mas, no dia seguinte, novo telefonema.

— Marcos — a voz era a mesma — , você é um mau menino, sabia? Não deu o recado para o papai. Isso não se faz...

Quando eu fiz menção de desligar, a voz parecia adivinhar meus movimentos.

— Não, não desligue, não. Sabe o que acontece com meninos maus?

Eu não conseguia dizer nada.

— Sabe, não sabe, Marcos? Meninos maus são desobedientes e não respeitam sinais de trânsito, não respeitam faixa de pedestres e podem ser atropelados no caminho da escola, sabia?

Desliguei depressa, nervoso. A ironia da voz era tanta que não saía de minha cabeça.

Eu estava sozinho em casa e a sensação que eu tinha era de que o homem estava do outro lado da porta de entrada, pronto para invadir o apartamento.

Nisso eu escutei a chave rodar na fechadura, a porta sendo aberta. Eu quis correr, mas não conseguia tirar os pés do chão. Era como se eles estivessem colados no assoalho.

— Que cara é essa, Marcão? Parece até que você acaba de receber um telefonema do Sombra... — Ricardo entrou no apartamento, batendo a porta atrás de si.

Desconversei, dizendo alguma mentira.

No dia seguinte, logo no café da manhã, enquanto mamãe estava na cozinha e Ricardo escovava os dentes, aproveitei que estava sozinho com papai, nós dois sentados à mesa, e contei-lhe sobre os telefonemas.

Logo depois, o interfone tocou e fui atender. Era seu Valdemar. Achei estranho o que ele falou e, se não fosse papai perguntar o que ele queria, talvez não tivesse dado tempo de ele pensar rápido.

— Era o seu Valdemar. Acho que ele se enganou de apartamento...

— O que ele disse?

— Marcão, fale para o seu pai que hoje eu vou caçar rolinha. Se ele quiser ir, é só aparecer na sacada e confirmar.

— Caçar rolinha? Aparecer na sacada? — meu pai repetiu as palavras do porteiro, parando com a faca cheia de manteiga no ar.

— Ele deve ter se enganado de apartamento — eu disse, sentando-me.

— Enganado coisa nenhuma. Se ele chamou você pelo nome é porque deve estar acontecendo alguma coisa... — meu pai levantou-se, de repente, indo à sacada.

Fui atrás dele. De lá, dava para notar que, além do caminhão de gás, estacionado na frente do nosso prédio, havia uma viatura policial e dois carros fechando a saída do estacionamento.

Quando voltamos à sala, a campainha tocou.

— Não abra, Marcão. São eles...

A campainha voltou a insistir e ouvimos uma voz:

— Gás!

Mamãe gritou lá da cozinha.

— Marcão, diga que não quero hoje, não...

— Diga que quer sim — papai adiantou-se, abrindo a porta.

— Quer gás? — o homem perguntou.

Em resposta, papai agarrou-o pelo colarinho, puxando-o para dentro.

— Tire o macacão — papai ordenou, ríspido, sacando o revólver que, de uns tempos, trazia sob o paletó.

— Que é isso, meu senhor?

— Obedeça sem fazer perguntas. Rápido!

Diante de um cano de revólver não se fazem muitas perguntas. O homem concordou e, despindo o macacão sem saber por quê, pedia clemência:

— Não me mate, pelo amor de Deus. Se o senhor não quer, eu nunca mais visto esse macacão... — ele dizia, abobalhado.

— Fique quieto! — papai ordenava, despindo-se, colocando o macacão do

homem. — Agora, dê-me o seu boné também...

Quando mamãe veio saber que barulho era aquele, deparou com o homem só de cuecas.

— Que é isso? — ela gaguejou, espantada.

— Dona, eu juro que sou inocente... — o homem quase chorava.

— Inocente do quê?

— E eu sei? — ele tremia como vara verde.

— Tererê, eles estão subindo... Eu vou tentar fugir — meu pai lutava para se acomodar dentro do macacão fora de suas medidas. — Se eu conseguir, mando notícias. Se não conseguir, cuide dos meninos e saiba que eu sempre a amei...

Papai beijou-a rapidamente, passou a mão em minha cabeça, gesto muito dele, e tomou o elevador social.

Depois, seu Valdemar contou-nos como foi que ele conseguiu escapulir.

Ao chegar ao saguão, papai ainda levou bronca do zelador:

— Como é que o senhor usa o elevador social? — seu Valdemar, pensando tratar-se do vendedor de gás, reclamou. — Eu ainda disse para o seu amigo que só é permitida a subida pelo de serviço...

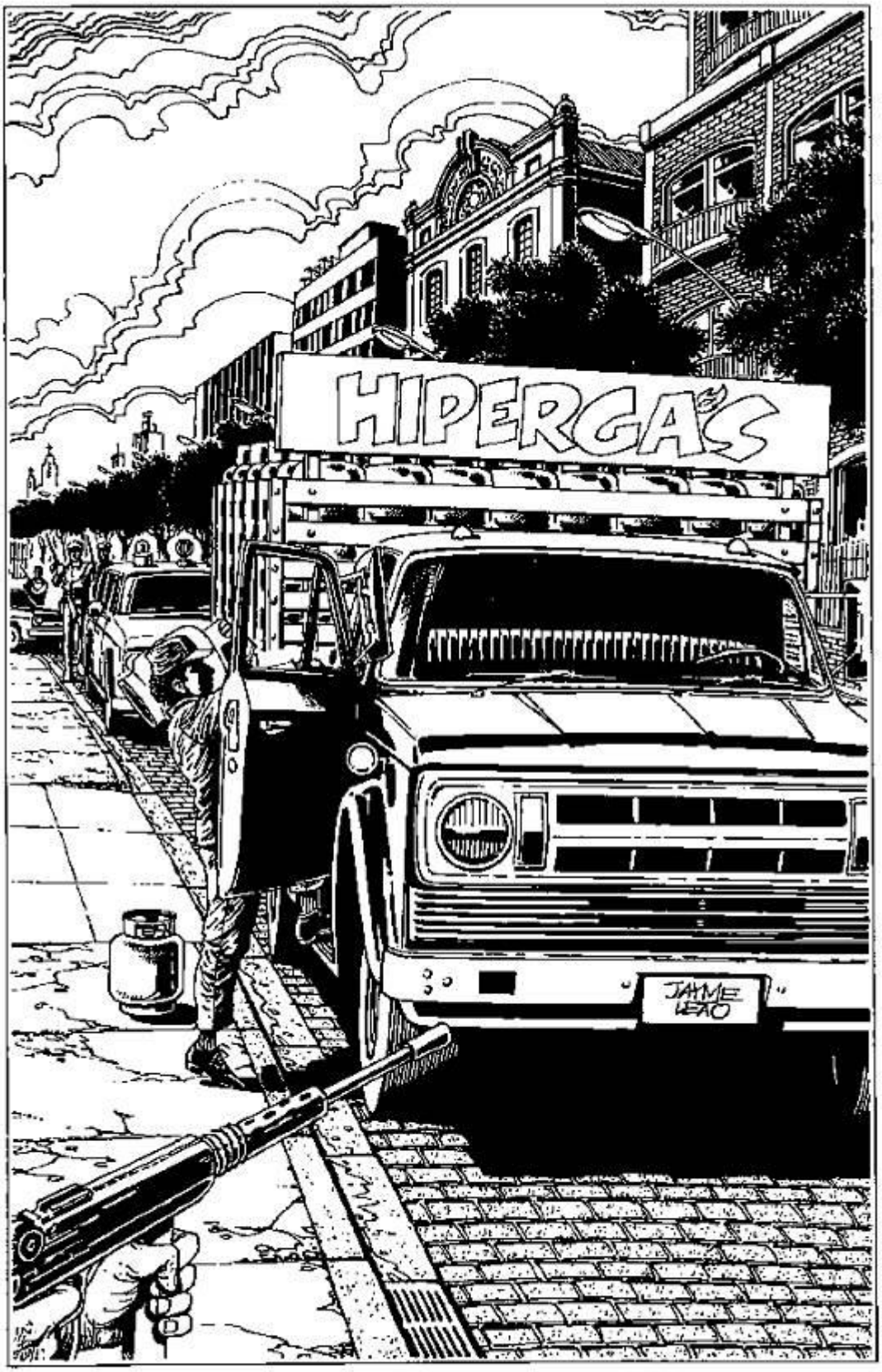
— Desculpe, seu Valdemar, mas eu tava lá no sétimo andar e o elevador de serviço enguiçou. Aí a dona do 72, a dona Tererê mandou eu descer pelo social mesmo, que ela tá precisando de um botijão com urgência. Eu vou pegar um para ela...

Percebendo que era papai, seu Valdemar liberou-o.

— Anda logo, então... — e, virando-se para os dois homens que aguardavam no saguão, ele disse: — Esse pessoal anda cada dia mais folgado e espaçoso. Pois, na volta, ele vai ter de subir de escada. Até ele começar a subir, eu vou dar uma desligadinha no elevador social...

Chegando à rua, papai, com o maior sangue-frio, entrou na cabine do caminhão e, aproveitando que a chave estava no contato, deu a partida, saindo devagar, rezando para acertar as marchas e para que o outro encarregado do gás demorasse o suficiente nos outros apartamentos para ele escapar.

Não gosto nem de lembrar a cara dos policiais, quando, dando busca pelo apartamento, localizaram o pobre homem do gás, só de cuecas no banheiro. Muito menos de lembrar a dele. Saiu do banheiro, escoltado pelos policiais, que lhe apontavam armas.



Chegando à rua, Zé Maria entrou na cabine do caminhão de gás e, aproveitando que a chave estava no contato, deu a partida.

— Eu não fiz nada, moço! — ele estava branco, pálido. — Eu juro pela minha mãezinha que está me olhando lá do céu...

— Que mãezinha olhando o quê, seu subversivo! Publicar no seu jornal aquilo do padre você sabe, não sabe?

— Jornal? — e o pobre homem fazia cara de quem não estava entendendo absolutamente nada. — Que jornal?

— Sabe não? — outro policial encostou o revólver na sua boca.

— Sei sim — ele mentiu, com medo de levar um tiro. — Lógico que sei...

— Então vamos descendo...

O policial que se adiantara reclamou do elevador social.

— Não funciona. Os dois, o social e o de serviço estão encrencados...

— Então vamos de escada. Demora mais, mas é o jeito...

Tão logo saíram, eu e mamãe corremos para a sacada. Já não havia mais o caminhão de gás.

Na delegacia, ao ver que os policiais haviam trazido o homem errado, cabo Cirilo, espumando de raiva, dispensou o coitado.

Não demorou muito, eles voltaram para buscar mamãe. Depois de prestar depoimento, para alívio do Ricardo e meu, ela voltou para casa.

— Papai conseguiu fugir, meninos. O cabo está fulo da vida. Mandou prender todos os motoristas e carregadores de gás da cidade. Quando eu ia saindo da delegacia, vi uns quatro caminhões de gás chegando, todo mundo preso...

Eu ri, imaginando a cena. Um riso nervoso, espremido, tenso. Mas chorar adiantaria?

CRISTO TAMBÉM ERA JORNALISTA?

Daquele dia em diante, notava-se claramente que éramos seguidos. Na frente do prédio, sempre havia um carro com dois ocupantes. No caminho da escola, eu e o Ricardo éramos acompanhados à distância por alguém.

Mamãe teve de voltar outras vezes, para prestar mais declarações.

O que estranhamos, dias depois, é que, de repente, desapertaram o cerco. Não mais carros em frente ao prédio, não mais acompanhamentos à escola. Na delegacia, nos depoimentos rotineiros, desvendaram o mistério. Segundo eles, papai havia sido preso e não mais incomodariam a gente. Mamãe quis saber onde papai estava e só responderam:

— Foi preso no Paraná.

Não era verdade, saberíamos mais tarde. Isso apenas fazia parte da guerra psicológica desencadeada para nos confundir.

Não demorou muito, dias depois, apareceu lá em casa uma mulher baixinha, que se dizia faxineira.

— Ela insiste em subir, dona Terezinha — seu Valdemar dizia pelo interfone. — Ela está falando que precisa, e seu Valdemar enfatizou o *precisa*.

— Então, mande-a subir...

Mamãe chegara à conclusão de que só poderia ser alguém trazendo notícias de papai. Fossem policiais, já subiriam sem avisar.

— Bom-dia, dona Terezinha — a mulher foi entrando, sem pedir licença. Sentando-se, ela completou, sorrindo: — Ou devo chamá-la de Tererê?

Aquilo era suficiente para saber que viera a mando de papai. Só ele chamava mamãe assim.

— Como está ele? — mamãe perguntou, ansiosa. Pedindo silêncio, a mulher passou-lhe um bilhete, enquanto ia falando, em voz mais alta que o normal: — Mas, então, a senhora não quer mesmo que eu faça faxina hoje?

Mamãe, ao ler o bilhete, ficou sem saber o que dizer. No papel estava escrito que papai se encontrava em lugar seguro e havia também um endereço para onde deveríamos ir, mas sem despertar suspeitas. Mamãe quis fazer perguntas, mas a mulher fez sinal para que ela se calasse. Poderia haver microfones instalados na casa, sabia-se lá!

— Bem, então, quando a senhora resolver fazer faxina — a mulher disse, despedindo-se, no mesmo tom alto de voz a senhora avisa o seu Valdemar que ele dá o recado para mim, certo?

Acreditar, desacreditando. Isso nós aprendemos a partir daquele dia. Quem nos garantia que aquela mulher estava falando a verdade? Quem nos garantia que, naquele endereço, não nos esperavam surpresas desagradáveis? Mas, e se ela estivesse dizendo a verdade e nós não fôssemos? A questão, agora, era pegar ou largar. Ou tudo ou nada.

Fomos. Meio ressabiados, mas fomos. Não lembro ao certo o endereço. Aliás, esse detalhe é dispensável. Lembro-me de que era um convento.

Na manhã seguinte, saímos de casa normalmente, como se fôssemos à

escola. Mamãe saiu mais tarde, dizendo a seu Valdemar que ia a Ribeirão Preto, cidade de maior recurso, próxima a Canaviápolis, consultar o doutor Nelson Augusto, seu médico.

Quando percebi que ninguém nos seguia, falei para o Ricardo:

— Rico, acho que já dá para a gente mudar de rota, o que você acha?

— Tá legal, Marcão. Eu também concordo. O caminho está livre.

Chegamos primeiro, antes de mamãe. E, para nossa surpresa, quem nos recebeu foi a mesma mulher que passara por faxineira. Só que ela estava de hábito, uniforme que as freiras usam.

— Mas a senhora não é a faxineira? — Ricardo, como eu, estava confuso.

— Não, não sou faxineira. Apenas foi a maneira encontrada para podermos entrar em contato com sua mãe, levando o recado de que seu pai estava bem.

— A senhora tem razão. Se a senhora fosse assim, vestida de hábito, a polícia já estaria sabendo de tudo...

— Isso mesmo, Marcos — ela me chamou pelo nome, convidando-nos a entrar.

Mamãe não demorou a chegar. Foi logo querendo saber onde papai estava.

A irmã "faxineira" acalmou-a, levando-nos para conhecer a madre superiora.

— Tranquilize-se, minha senhora — ela foi dizendo à mamãe, tão logo entramos em sua sala. — Seu marido está em mãos amigas...

— Mas onde? — mamãe não se conformava com aquele mistério sobre o paradeiro de papai.

— Nem se eu quisesse dizer onde ele está, eu não saberia, senhora. É questão de segurança. E essa preocupação toda é porque estamos aprendendo a dançar conforme eles tocam a música. É tudo o que posso dizer.

— O que eu não entendo, madre, é o empenho de vocês, da Igreja, em ajudar-nos. Está certo que o jornal do Zé Maria denunciou a tortura do padre Mauro. Mas daí a...

— Nós entendemos que seu marido não se furtou ao dever de noticiar as injustiças cometidas contra o padre Mauro. E, por isso, nós também não nos furtamos ao dever de ajudá-lo.

A madre falava pausadamente, com uma calma e uma tranquilidade que nos deixou aliviados. Havia tanta doçura no seu jeito manso de dizer as coisas, que isso nos confortou, não só naquele momento, mas durante todo o tempo que ficamos ali.

E esse tempo de retiro forçado foi bom, porque adquirimos confiança em nós mesmos.

Lembro-me de que, às vezes, aproveitando o sem-fazer da estada obrigatória no convento, íamos, pela manhã, à missa, na pequena capela do convento.

Um dia, eu estava absorto, pensando naquela confusão toda, quando o padre que sempre celebrava a missa sentou-se ao meu lado.

— Pensando na vida, Marcos?

Eu nem percebera que a capela já estava vazia e que o padre, tendo

terminado a missa, estava indo embora.

— É... mais ou menos... — respondi, sem jeito.

— Com saudades do papai?

— Saudades... medo disso tudo... dúvida se ele tinha mesmo que escrever aquela notícia...

— Sabe, Marcos — disse ele me abraçando a vida tem sentido quando a gente luta por aquilo em que acredita. Seu pai, por exemplo, podia muito bem ficar calado. Não noticiar a tortura do padre Mauro, não noticiar a prisão do doutor Karr, não dizer nada disso. Vocês estariam juntos, a família reunida, todos contentes e felizes. Mas será que estariam realmente felizes?

— Não, meu pai não é de ficar calado — respondi, com firmeza, sabendo que aquele não era o feitio de papai. Estava contente por o padre me tratar como gente grande.

— Eu também acho, Marcos...

— O chato é que meu pai é acusado de subversão, de...

— Na verdade, seu pai está defendendo as ideias dele. E está sendo perseguido porque tem gente que não concorda com suas opiniões. Cristo também foi mal interpretado e...

— Ele também era jornalista? — perguntei, de supetão, logo percebendo que cometera uma gafe.

— Não, não era... — o padre sorriu, meio desconcertado, mas com ternura. — O crime dele foi estar sempre ao lado dos pobres e resumir toda a sua filosofia em uma única frase: "Amai-vos uns aos outros".

Convidando-me a ajoelhar, ele bateu paternalmente nos ombros.

— Fique tranquilo, Marcos. Seu pai é um verdadeiro homem. E, agora, vamos rezar um pouco. Quem não reza, vira bicho.

ESSE NEGÓCIO BESTA CHAMADO EXÍLIO

As conversas com o padre, o tempo passado no convento, tudo isso valeu como injeção de ânimo para os difíceis problemas que iríamos enfrentar. Problemas que serviram para me amadurecer precocemente. Saindo dali, iríamos passar por tanta correria, por tanta tribulação, que, mesmo com apenas dez anos completos, um garotinho ainda, fui quase obrigado a desenvolver uma visão muito crítica e, às vezes, até amarga da vida.

Mas, enquanto estivemos no convento, foi muito bom ter o padre como amigo. Ele me apresentou um Deus diferente daquele que eu tinha na cabeça. Até ali, Deus era um chato de galochas, como diria o Artur. Um Deus de temor, que vivia de dedo duro, apontando meus pecados, meus erros, meus maus pensamentos. Nas conversas com o padre, eu pude conhecer um Deus de amor, que não me condenava, mas que estendia sua mão para me amparar.

No entanto, aquele tempo tranquilo estava no fim. Numa daquelas manhãs, mamãe acordou-nos, dirigindo-se a mim.

— Marcão, levante-se. Nós vamos viajar...

Ainda sonolento, eu resmunguei.

— Tá bom, mãe. Mas me deixa dormir um pouquinho mais...

— Não, senhor. Levante-se e acorde o Rico. Nós vamos para Campo Grande, no Mato Grosso.

— Campo Grande? — eu pulei da cama, fazendo uma careta de espanto, sem entender por que iríamos tão longe.

— Não faça muitas perguntas, filho. Daqui para a frente, teremos que fazer um montão de coisas que não estamos acostumados. E sem muitas perguntas. Mas já que você entende as coisas, eu vou dizer: nós vamos para Campo Grande. Depois de lá, vamos para Corumbá. Aí atravessamos a fronteira da Bolívia, onde seu pai está esperando pela gente...

— Ele está na Bolívia? Mas...

— Sem muitas perguntas, Marcão. Acorde o Rico. Se ele perguntar, diga que estamos indo passar as férias bem longe. Não adianta explicar muito. Ele ainda é pequeno para entender metade dessa história toda...

Ricardo gostou da ideia. Ele entendia que aquelas férias, assim, ainda no tempo de aula, vinham mesmo a calhar. A quietude do convento deixava-o irritado demais.

Na despedida, a irmã "faxineira" acompanhou-nos até a rodoviária.

— Não se preocupe, dona Terezinha. Lá em Campo Grande já tem alguém à sua espera. Eles vão levá-la até Corumbá. Lá também haverá alguém esperando. Vocês poderiam tomar o trem da Noroeste, em Bauru. Mas não tem sido tão seguro — a irmã explicava, solícita.

— Irmã, eu não sei como agradecer a vocês... — mamãe emocionou-se, abraçando a religiosa.

— Não agradeça, dona Terezinha. Reze. Nós, que vamos ficar por aqui, no meio das feras, precisamos de oração, muita oração.

Ao nosso lado, dentro do ônibus, um rádio portátil — "pra frente, Brasil" — irradiava o massacre da seleção brasileira sobre a Tchecoslováquia, por quatro a um, gols de Rivelino, Pelé e dois de Jairzinho, no primeiro jogo da escalada triunfante para a conquista da taça Jules Rimet, nos gramados do México. Nós íamos — "pra frente", mas rumo ao desconhecido — sendo colocados para fora dos gramados brasileiros.

Nas várias barreiras policiais — e eram muitas — mamãe sorria para mim, tentando deixar-me calmo, já que Ricardo estava bastante feliz por aquelas férias fora de tempo.

— Marcão — ela cochichou-me, tão logo o ônibus fora liberado, em uma das primeiras barreiras — não se preocupe, filho. Uma mulher grávida e dois garotos não colocam em risco a segurança de um "gigante pela própria Natureza" como o Brasil.

Ela disse aquilo sorrindo, com um jeito bem irônico. Sorri também, acalmando-me, embora não tivesse consciência para entender que, a cada barreira policial ultrapassada, íamos perdendo o carimbo de brasileiro na nacionalidade, para receber, em nossos documentos, o internacional *exilado*.

Na fronteira de São Paulo com Mato Grosso a coisa engrossou para valer. O ônibus foi obrigado a parar, e os policiais não se limitaram a uma revista superficial.

Entrou um agente, à paisana, encarando passageiro por passageiro, pedindo documentos, querendo saber quem era quem.

Na vez de mamãe, o policial perguntou, ríspido:

— Para onde a senhora vai?

— Vou até Campo Grande...

Ela mal conseguiu responder, já que ele a interrompeu:

— Até aí a senhora não contou nenhuma novidade. Se o ônibus vai a Campo Grande, a senhora só pode ir para lá. Eu quero saber o que a senhora vai fazer lá.

— Se o senhor esperasse eu terminar, ficaria sabendo o que eu vou fazer lá — ela respondeu no mesmo tom, enfrentando o brutamontes. E continuou: — Acho que dá para perceber que estou grávida, não? — mamãe continuava irritada. — Estou levando os meninos para a minha mãe tomar conta, até eu ter o bebê...

Ricardo, sentado no banco da frente, virou-se para trás, ficando de joelhos na poltrona. Até me deu um calafrio na espinha, quando ele abriu a boca. Pronto.

Só faltava ele dizer que vovó morava em Belo Horizonte, pondo tudo a perder. Ainda bem que, na cabecinha dele, só havia a preocupação com as férias de graça.

— A gente não está indo de férias, mãe? — ele meteu o bedelho.

Ainda bem que mamãe não contara a verdade para ele. Contasse, ele iria, sem querer, entregar a família, dedando o verdadeiro motivo de nossa viagem.

Mas o jeitão despachado e espontâneo com que ele interferira na conversa, reclamando em voz alta, serviu para quebrar a tensão gerada pela presença do policial, todo o ônibus rindo de meu irmão.

O policial ficou meio sem graça, comentando, amistoso, dando por encerrada a inspeção:

— Então, aproveite bastante, seu pilantrinha!

Tão logo o ônibus, livre da barreira policial, pôs-se em marcha, mamãe sorriu para mim, confirmando mesmo que uma mulher grávida e dois garotos não colocavam em risco o "gigante pela própria Natureza".

Passado o susto, cessando o burburinho dos passageiros sobre a truculenta batida policial, comecei a me lembrar dos amigos que ia deixando para trás. E, de repente, tropecei em um nome muito querido: Ana Rosa.

Mas que ingratidão a minha! Com os acontecimentos tão repentinos — a fuga precipitada de papai, nossa ida para o convento, a viagem inesperada — não pude dizer nem um até mais à menina de quem eu gostava. Sim, porque nos meus dez anos completos, eu amava Ana Rosa. E o nosso amor, se é que o relacionamento de duas crianças pode ser chamado de amor começara no Santos Dumont, nossa escola. Um dia, marcamos um encontro na matinê de domingo no Cine São Jorge.

— Eu posso me encontrar com você no cinema? — perguntei, tímido.

Quando as luzes se apagaram e o primeiro tiro foi detonado, avariando seriamente o chapéu do mocinho, eu me senti o dono do mundo. Olhávamos para a tela, de mãos dadas, sem ver o filme, preocupados não mais com as correrias dos índios, bandidos e mocinhos, mas em não soltar as mãozinhas que trazíamos apertadas, com medo de mexer um músculo e isso ser interpretado como cansaço ou desamor. Não sei se foi ela quem me beijou ou se fui eu que a beijei, se é que se pode chamar de beijo ao encontro furtivo e medroso dos lábios de um menino de calças curtas e os lábios trêmulos de uma inexperiente garota. Sei que foi um beijo novinho, mais gostoso que morango com *chantilly*.

SI VÁS PARA CHILE...

Papai nos esperava em Puerto Suárez, já na Bolívia.

— Mas, gente, que saudades de vocês! — foi o que ele conseguiu dizer, antes de nos abraçarmos, saudosos.

Ficamos um bom tempo assim, sem dizer nada, chorando de mansinho, querendo recuperar o longo tempo de separação.

Não ficamos muito tempo na Bolívia. Apenas o suficiente para, através de uma comissão de direitos humanos, arrumarmos a documentação e atravessarmos a fronteira, em direção ao Chile.

Quando fomos para o aeroporto internacional de La Paz, Ricardo estava falante toda vida.

— Marcão, nem acredito. Depois de conhecer a Bolívia, vamos conhecer o Chile...

Ricardo não entendia aquilo como exílio. Para ele, ainda eram férias, e umas férias ótimas, porque incluíam viagem de avião.

— Imagine só, Marcão! Além de conhecer o Chile, nós vamos de avião, já pensou?...

Quando, porém, o avião começou a se movimentar, preparando-se para a decolagem, ele fez cara de choro, com medo do barulho.

Rimos, achando graça do jeitão dele. Mas aquele riso solto, descontraído, era também a certeza de que no Chile poderíamos mesmo ter um pouco de paz e tranquilidade.

De fato, como diz uma música de que papai gostava muito, enquanto estivemos no Chile, fomos realmente bons vizinhos, fomos *hermanos*.

Lá, eu e Ricardo pudemos continuar *nuestros* estudos, paralisados há tanto tempo.

Mas uma das coisas mais gratificantes que aconteceu no Chile foi o nascimento do Pablo, nosso *hermanito*, nome escolhido em homenagem ao poeta Pablo Neruda.

Até hoje eu me lembro do discurso inflamado que papai fez aos amigos jornalistas, reunidos para comemorarem o nascimento do Pablo.

— O *nacimiento* cá *en el* Chile deste *chiquito* — papai dizia, no seu portunhol, não é só um ato de *agradecimiento* à acolhida de vocês, mas *es también una respuesta* de fé *en nuestra* América, um compromisso com *la hermandad* americana. E para selar este compromisso, eu pediria que cantassem *una canción que me gusta mucho: Si somos americanos.*

"Si somos americanos" — dizia a música — *"somos hermanos, senores. Seremos buenos vecinos, tendremos las mismas flores, tendremos las mismas manos. Si somos americanos, no miraremos fronteras, seremos todos iguales, seremos una canción".*

Mas, esta *hermandad*, esta *tranquilidad* não durou muito. Um dia, eu e o Ricardo estávamos jogando botão, quando papai entrou na sala, vindo da rua.

De repente, a mesma cena já acontecida há três anos, no Brasil, se repetiu.

Ele entrou, semblante carregado, sem fazer festa, sem perguntar quem estava ganhando.

— Que é pai? — perguntei, enquanto o Ricardo não estava nem aí.

— As coisas não andam bem, Marcão — ele disse, vagamente.

— Como assim, Zé? — mamãe veio da cozinha.

— Tererê, acho que Allende não resiste por muito tempo... Salvador Allende era o presidente do Chile, eleito em 1970.

— Mas se ele cair... — mamãe preocupava-se com o nosso futuro.

— Se ele cair, adeus tranquilidade — papai sentenciou, continuando: — Nós, os brasileiros, seremos os primeiros procurados. A grande maioria dos exilados veio para cá, principalmente depois de 68. Se o governo de Allende cair...

— Aí vai começar tudo de novo — concluí, diplomado que estávamos em situações semelhantes.

Não demorou muito tempo; quando as pressões políticas, contrárias ao governo aumentaram para valer, sabíamos que nossos dias no Chile estavam contados.

— O termômetro de que a coisa está ficando insuportável — mamãe comentou, uma noite, no jantar — são essas enormes filas. Já está difícil conseguir alimentos no mercado. É fila para o pão, para a carne, para tudo.

— O meu instinto de fugitivo profissional, com carteira de trabalho assinada, ienepeésse e fundo de garantia me diz que a coisa vai ficar preta — papai filosofou, empurrando o prato, sem apetite.

Quando houve o *paro de camioneros*, uma greve nacional dos motoristas de caminhão, sabíamos que era hora de afivelarmos as malas.

Na família, apenas um consolo: mamãe não teria que fugir com um filho na barriga dessa vez.

MÃE, EU VOU MORRER. ME BALEARAM, MÃE!

Quando o presidente Allende caiu mortalmente ferido, naquele setembro de 1973, ficamos em casa, já que não tínhamos para onde fugir. Sair às ruas, com o movimento de tropas e os tiroteios espaçados, era arriscado.

— Sair agora é muito perigoso — papai tentava acalmar-nos. Há movimentos de tropas e tiroteios. O certo é esperar que as coisas acalmem. Aí sim a gente toma alguma atitude.

Enquanto aguardávamos, começamos a balbuciar orações, ora em português, ora em castelhano, mas prestando atenção nos barulhos vindos da rua.

— Zé, acho melhor você procurar um lugar seguro. Não vai demorar muito, eles estarão aqui, à sua procura.

— Eu sei, Tererê. Mas não quero abandonar vocês...

— Não se trata de nos abandonar, homem. Trata-se da sua segurança... Eles não vão prender a gente. Se querem alguém, esse alguém é você... Para que ficar esperando eles chegarem? Aqui em Santiago não tem o seu Valdemar para dizer "vou caçar rolinha". Você sabe que eles não vão tampouco ficar telefonando, fazendo ameaças bobas.

Papai escutava calado. Quando mamãe dava uma brecha, ele apenas respondia:

— Eu sei, Tererê.

— Sabe, sabe. Sabe, mas fica aí parado, esperando ser preso...

— Calma, Tererê. Eu só estou querendo evitar um mal maior.

— Se quer evitar, Zé, trate de se esconder. Você sabe que eles virão buscar primeiro os estrangeiros e, entre eles, nós, os brasileiros...

Mamãe estava certa. Os militares chilenos não ficariam telefonando, fazendo ameaças. Éramos estrangeiros — *hermanos* — , mas *hermanos do gobierno* que acabava de sucumbir ao golpe militar de Pinochet. Isso era o suficiente para nos complicar.

E havia a agravante de que papai era um homem muito ativo dentro do processo político chileno. Trabalhando sempre como jornalista, fatalmente deveria ser um dos primeiros nomes a encabeçar as listas negras.

Papai compreendeu que deveria seguir os conselhos de mamãe. Ele não poderia ser preso. Deveria tentar se esconder, fugir dali. Se fosse preso, tudo ficaria muito mais difícil. À noite, ele nos reuniu na sala.

— Tererê, meus filhos, eu estou indo. Já arrumei onde ficar, com alguns amigos. Não digo onde para evitar problemas para vocês. Mas eu dou notícia. Marcão, cuide do Rico, do Pablito e de sua mãe. Tererê, eu...

— Não diga mais nada, Zé. É melhor você sair sem muitas despedidas. Coragem! — mamãe o interrompeu, evitando uma despedida mais difícil.

Assim que ele saiu, nos pusemos em estado de vigília, balbuciando orações, com medo, mas com a certeza, de que nossa casa seria invadida a qualquer momento. Lembrei-me, então, do padre de Canaviápolis, anos atrás, na capela do convento, abraçando-me carinhosamente e pronunciando aquela frase que nunca

mais saiu de minha cabeça: "Fique tranquilo, meu rapaz. Seu pai é um verdadeiro homem".

No dia seguinte, o que temíamos, mas aguardávamos, aconteceu. Era de tardezinha, eu jogava botão com o Ricardo, tentando distrair o nosso medo. Mamãe estava sentada no sofá, com Pablo no colo.

Quando escutamos a viatura parar em frente de casa, olhei para mamãe.

— Calma, Marcão. São eles, mas tenha calma. Espere até tocarem a campainha...

Não se deram a esta gentileza. Um violento pontapé arrombou nossa porta.

— Marcão, estou com medo... — Ricardo sussurrou.

— Fique quieto, Rico. Nada de choro, agora. Vamos mostrar para esses gorilas que a gente é macho...

Diante de nós, surgiram *carabineros* portando metralhadoras, comandados por um homem de capote. Em seus olhos, o mesmo olhar de ódio dos policiais brasileiros de Canaviápolis.

Olhando a bucólica cena, deviam sentir-se ridículos. Metralhadoras contra uma mãe, com o filho no colo e dois garotos no inocente manuseio do jogo de botões.

Entraram pela casa adentro sem pedir licença. Como não encontrassem quem procuravam, começaram a sair. O de capote, no entanto, numa atitude de intimidação, parou em frente à mamãe. Acariciando a cabeça de Pablo, dirigiu-se a ela.

— Este deve ser o pequeno Pablo, não?

Mamãe agarrou-se ainda mais ao Pablo, numa atitude de defesa. O homem, sem esperar respostas, saiu com os outros.

O último deles, de pirraça, varreu a mesa onde jogávamos, usando o cano da metralhadora como vassoura, derrubando quase todos os botões no chão.

Ricardo, em vez de ficar quieto, quis avançar no brutamontes. Tive de segurá-lo pela camisa. Ainda bem que o soldado não percebeu a valentia do Ricardo, pois estava com pressa, saindo logo em seguida.

Assim que ganharam a rua, mamãe desabafou:

— Deviam ter vergonha do ridículo. Um monte de marmanjos, armados até os dentes, contra uma mulher e três garotos...

— Se o Marcão não me segura, eu pregava a mão naquele *filhaço* que desarrumou os botões... — Ricardo, depois do susto, tomava coragem, fazendo bravatas.

— Aí sim que estávamos fritos — eu tentava acalmá-lo.

— Se ainda não estamos fritos, pelo menos já acenderam a frigideira — mamãe tentava sorrir, ainda abraçada a Pablo, demonstrando calma. Depois, quase chorando, ela disse: — Não podemos mais ficar aqui, filho. Eles sabem até o nome do Pablo, você viu?

— Mas ir para onde, mãe? — eu também tentava mostrar-me forte, embora as pernas tremessem.

— Não sei, filho. Mas se a gente ficar aqui em casa, acaba acontecendo tudo

de novo: os depoimentos intermináveis, as humilhações de sempre.

No dia seguinte, mamãe chamou-me, dizendo:

— Marcão, não dá mais para ficarmos aqui. A vizinha ouviu dizer que o Estádio Nacional, o campo de futebol, está cheio, lotado de presos políticos.

— Será que prenderam papai?

— Não sei, filho. Quero acreditar que não. Mas veja, eles não vão ficar ameaçando, telefonando, como fizeram no Brasil. Aqui eles já estão prendendo todo mundo no Estádio Nacional.

— Mas o que nós vamos fazer, mãe?

— O mais aconselhável é tentar pular para uma embaixada qualquer — mamãe raciocinava com precisão.

— Embaixada? — eu e Ricardo perguntamos ao mesmo tempo, querendo saber o que mamãe tencionava fazer.

— A embaixada é um pedaço de terra seguro, entendem?

— Mais ou menos...

— Seguro porque se nós entrarmos na da Inglaterra, por exemplo, os chilenos não podem nos prender, porque lá é território inglês...

— Mas a da Inglaterra é longe daqui...

— Eu sei, Marcão. Deixe-me pensar um pouco — mamãe tentava organizar as ideias. — Para nós, a melhor embaixada é a da França. Fica mais perto.

— Será que o papai está lá, mãe? — Ricardo perguntou.

— Tomara que sim, filho.

Para nós, a embaixada da França era mesmo a mais aconselhável. As outras eram de difícil acesso, teríamos de passar por várias barreiras. A da França era perto de casa, coisa de quarteirões.

— Marcão — mamãe chamou-me, tomando uma decisão. — Preste atenção no que vou dizer. Se, ao sairmos do Brasil, uma mulher grávida com dois filhos não punha em risco o "gigante pela própria Natureza", aqui a mesma tese deve funcionar. Nós vamos tentar. A gente vai sair juntos daqui. Quando estivermos perto da entrada da embaixada, você e o Rico vão procurar distrair os *carabineros*. Mas fique de olho em mim. Assim que eu conseguir entrar, corra, trazendo o Rico, está bem?



Marcão e Rico corriam o mais depressa que podiam em direção à embaixada da França, quando um tiro foi disparado.

Fizemos do jeitinho que ela mandou. Fomos andando pelas ruas cheias de soldados. Quando estávamos bem perto, eu e o Ricardo ficamos brincando de pique. Mostrando naturalidade, nos metemos no meio dos soldados que montavam guarda no quarteirão.

Nossa brincadeira durou uns poucos minutos. Mas foram minutos que pareceram séculos. Correndo entre os *carabineros*, vi mamãe aproximar-se do muro da embaixada.

Vi quando ela cruzou com dois deles, que nem notaram sua presença. Não notaram ou fizeram que não haviam notado. Logo depois, mamãe entrava pelo portão. Correndo, com Pablo no colo, ao ver que havia conseguido, ela desesperou-se e começou a gritar: — Marcão, Rico, corram, meninos! Não era hora para gritaria. Ela devia fazer como combinamos: entrar na embaixada o mais depressa possível. Nós iríamos em seguida. Gritando, ela poderia chamar a atenção dos *carabineros* e, aí, adeus asilo político.

— Rico, é agora que nós temos que mostrar serviço. Agora é sebo nas canelas. Comece a correr atrás de mim. Mas corra com toda a força de suas pernas...

— Vamos embora, Marcão!

Disparamos que nem foguete em direção ao portão da embaixada francesa. Mamãe gritando, eu correndo, o coração quase saindo pela boca, mas as pernas continuavam firmes, obedecendo ao comando de correr a toda velocidade.

Naquele salve-se-quem-puder, devemos ter batido o recorde de cem metros rasos, porque eu e Ricardo corríamos mais depressa que pensamento.

Nesse momento, enquanto nas janelas da embaixada, atraídos pelos gritos de mamãe, formava-se uma instantânea torcida a nosso favor, vi um dos *carabineros* levar o fuzil ao ombro, fazendo pontaria, preparando-se para atirar. Escutei o tiro e fechei os olhos, já sentindo a bala derrubar-me no chão. Mas ao abri-los, eu ainda corria com toda força. Olhei para trás e Ricardo vinha junto comigo, inteiro. Olhei para mamãe, já que não sentia nenhuma dor e ela gritava mais ainda.

Quando alcançamos as escadarias e fomos abraçados por mamãe e pelos que se encontravam ali, deu-me um desespero danado. Comecei a gritar:

— Mãe, eu vou morrer. Me balearam, mãe! Pelo amor de Deus, me salva!

Ricardo, ao contrário, estava calmo, compreendendo que o perigo havia passado.

— Calma, Marcão! Calma, filho!

— Eu vi o soldado atirar — alguém tentava me acalmar. — Ele atirou para cima, só para constar. Fique calmo...

— Quer dizer... quer dizer... — eu mal conseguia falar, sorrindo e chorando ao mesmo tempo. — Quer dizer que eu não vou morrer?

Mais calmo, pude entender que os *carabineros*, se quisessem, poderiam ter baleado mamãe, que, com o Pablo no colo, não conseguia correr o suficiente. Poderiam também ter baleado a mim e ao Ricardo, mas não foram tão cruéis. Talvez tivessem filhos também, garotos inocentes como o Pablo, ou fossem veteranos de outros golpes, sabendo que tudo aquilo não valia um disparo e a vida de um ser humano.

Mas a maior alegria não foi tanto conseguir entrar na embaixada francesa,

mas foi ver alguém conhecido, muito conhecido entre os asilados.

— Tererê, meus filhos — papai abriu passagem entre a pequena multidão que vinha nos receber. — Vocês conseguiram, vocês conseguiram...

O CRISTO REDENTOR DÁ ADEUSINHOS CÚMPLICES

Ali, estávamos sãos e salvos, dividindo o espaço diminuto da embaixada, centenas de pessoas, esforçando-nos para não entrarmos em pânico, já que não sabíamos quanto tempo iríamos ficar ali.

Se no começo todos estavam contentes por terem escapado, com o passar dos dias aquela alegria foi se transformando em impaciência, em angústia. Os dias demoravam a passar. Sem nada para fazer, esperávamos a resolução que as autoridades dariam ao nosso caso. E a longa espera comendo mal, dormindo pior ainda, aliada ao frio cortante daquele final de ano, deixava em todos uma angústia irritante.

Eu e o Ricardo brigávamos por qualquer coisa. Papai nos pedia paciência.

— Enquanto não conseguirmos os salvo-condutos, meninos, temos de aguentar firmes...

— O que é isso pai? — desconhecíamos o que fosse salvo-conduto.

— Salvo-conduto é o documento que todos estão aguardando para sairmos daqui.

Quando, depois de meses de espera, conseguimos sair do Chile, iniciando aquela excursão forçada, sem um roteiro muito organizado, queríamos apenas encontrar um pouco de paz.

Embora experientes, jamais nos acostumaríamos àqueles bota-foras meio na marra, sem as despedidas dos amigos e parentes e lencinhos brancos acenando adeuses. O carimbo de exilados nos documentos nos marcaria pelo resto da vida.

Depois da espera interminável dos meses, finalmente conseguimos abandonar o Chile.

Mas só suspiramos aliviados quando, já no avião, pudemos afivelar o cinto de segurança. Isso porque o traslado da embaixada até ao aeroporto foi um misto de insegurança e medo. Embora escoltados por elementos da Cruz Vermelha, sempre ficava aquela dúvida; será que estamos indo para o aeroporto ou nos levarão para o *Estádio Nacional* e nos fuzilarão com os que estão lá?

Por isso, quando, já no avião, afivelei o cinto, pude respirar aliviado, sentindo que conseguiríamos nos manter vivos até o próximo país, até o próximo golpe militar.

A França sempre foi um país tradicionalmente estável, mas quem poderia nos garantir que, estando lá, não haveria um golpe de Estado, uma mudança brusca no governo, obrigando-nos a procurar outro canto de mundo para nos esconder?

Mas respirávamos aliviados também por podermos deixar a embaixada francesa. Não estava dando mais para viver tão apertado, raramente podendo nos dar ao luxo de tomar banho, dormindo pelos corredores, com o frio que fazia, sem o mínimo conforto.

Mas uma coisa que doeu muito, que cortou o coração de todos nós, os brasileiros que estavam naquele voo, é que, por ironia do destino, o avião foi obrigado a fazer escala no Rio de Janeiro. Quem me chamou a atenção foi o Ricardo. Olhando pela janelinha, ele ficou espantado:

— Marcão! Eu conheço aquele cara de algum lugar...

— Que cara? — perguntei, preocupado com o espanto dele.

— Lá fora, olhe! Aquela estátua...

Olhei e vi o Cristo Redentor, de braços abertos, pronto para nos receber. Doeu ver a silhueta da baía de Guanabara, ver o contorno nítido das praias do Rio, aquele calor gostoso, bem brasileiro, atraindo a gente, querendo-nos de volta.

Era tentador saber que a cem, duzentos metros de onde o avião estacionou, eu poderia sair correndo, tomar um táxi, ir à rodoviária e pedir, de boca cheia:

— Cinco passagens para Canaviápolis, por favor!

Estávamos absortos, quando um ruído surdo e ritmado chamou-nos a atenção. Olhando para a direção do barulho, avistei o Ricardo esmurrando a porta de saída.

Chorando, ele exigia que abrissem a porta, para ele descer.

— Rico! — papai pegou-o no colo, agradecendo a intervenção da aeromoça. — Rico, fique calmo...

— Eu quero descer... Quero ir para Belo Horizonte, para casa da vovó...

— Calma, filhinho, calma...

Ricardo ficou chorando, durante muito tempo. Papai e mamãe não o censuravam. Ninguém naquele avião censurava o ímpeto de Ricardo. Na verdade, todos nós gostaríamos de fazer o mesmo que ele: descer do avião e tomar o rumo de casa.

No entanto, o que nos restava fazer, quando o avião rolou na pista, levantando voo, rumo ao desconhecido, foi sentir os olhos se encherem de lágrimas.

Olhando novamente pela janelinha do avião, pensei ter visto o Cristo Redentor desfazer o marmóreo e eterno gesto de manter os braços abertos, e abanar cumplicemente a mão, num aceno de adeus. Quis confirmar, mas o avião deu uma guinada e só pude ver o mar infinito à nossa frente, um deserto esverdeado de água e saudade.

ALLONS ENFANTS DE LA PATRIE...

O aeroporto de Orly, perto de Paris, pareceu-me como tantos outros aeroportos que já havia conhecido naquela andança toda bem maior que o de La Paz, ou o de Santiago do Chile, mas com a mesma característica básica: a correria de sempre, a preocupação em não se perder o próximo voo, os adeuses, os acenos de mãos, as recepcionistas e aeromoças cada uma mais produzida que a outra, mas também as lágrimas de despedidas, os executivos frios, sabendo que há uma ida e uma volta, a rotina. Para nós, no entanto, havia o clima de insegurança de sempre, um clima de desconfiança.

— Pai, para que é que a gente tá vindo morar aqui tão lonjão? — Ricardo perguntou, antes de descermos do avião.

Papai ficou sem resposta. Dizer o que em resposta? Que nós estávamos ali para curtir a civilização europeia, que estávamos ali a passeio?

— Bem, Rico — papai tentou contornar a situação. — A gente não quer, mas é preciso. Um dia, filhão, você vai compreender tudo isso direitinho, entende? Um dia, tá? — e ele nos abraçou carinhosamente.

Tempos difíceis aqueles: ainda estava bem claro em minha mente os tempos de Canaviápolis, nós jogando bola na rua, despreocupados. De repente, começamos a nos despedaçar pela América do Sul, deixando um pouco de nós na Bolívia, um pouco no friorento Chile e, agora, íamos nos despedaçar pela Europa, em uma excursão forçada, tipo ida sem volta.

Se no Chile dava para entender bem a língua, pois o castelhano é muito parecido com o português, em Paris, ficamos fora do ar um bom tempo. Até entender que ali se falava e se pensava em francês, demorou bastante.

Mas uma coisa que iria nos marcar, a mim e ao Ricardo, para sempre, era a presença dos soldados. Até hoje, quando passo por um comando de trânsito, em alguma batida policial de rotina, suo frio, minhas pernas tremem sem parar.

Não só eu, mas o Ricardo também ficou com esse trauma.

Logo que chegamos à França, por exemplo, fomos ver o desfile do *14 Juillet*. Quatorze de julho é o dia da independência francesa, o 7 de Setembro deles, dia em que o povo, nos idos de 1789, na Revolução Francesa, derrubou o símbolo da monarquia, a prisão da Bastilha.

Quem deu a ideia foi papai:

— Macacada, vamos bater perna e ver o desfile? Assim a gente desenferruja os cambitos...

— Aí, eu nem acredito que podemos andar de novo. Depois de tanto tempo enjaulados na embaixada francesa do Chile...

— É mesmo, Tererê, aquela situação já me desesperava...

Lá fomos os cinco, ver o desfile, perto do gigantesco Arco do Triunfo, na Place de l'Étoile, como muitos franceses ainda chamam a Place Charles de Gaulle.

Ricardo estava muito à vontade, feliz com o clima de festa, agitando a bandeirinha azul, branca e vermelha, cores da França, se bem que todos nós preferíamos estar abanando as cores verde e amarela, que para nós significava muito mais.

Quando começaram a cantar a *Marseillaise*, o hino francês — "*Allons enfants de la patrie, lejour de gloire est arrivé*" , Ricardo olhou-nos como quem diz "que é que esse povão está cantando?"

— É o hino deles, Rico!

— Coisa mais careta — Ricardo opinou, sendo repreendido severamente por papai.

— E eles lá sabem o que é careta? — saí em defesa dele, todos nós rindo.

Virei-me para um velho ao meu lado e perguntei:

— Hino careta esse, hein, chefe?

O velho me olhou com aquele jeito de quem nada entendeu.

— *Comment*?...

— Ca-re-ta! — silabei, mamãe fazendo de conta que nem nos conhecia, de vergonha.

— *Je ne comprend pas!* — ele reagiu, dizendo que não compreendia.

— Tão vendo — concluí, voltando-me para papai e mamãe. — O velhinho também concorda...

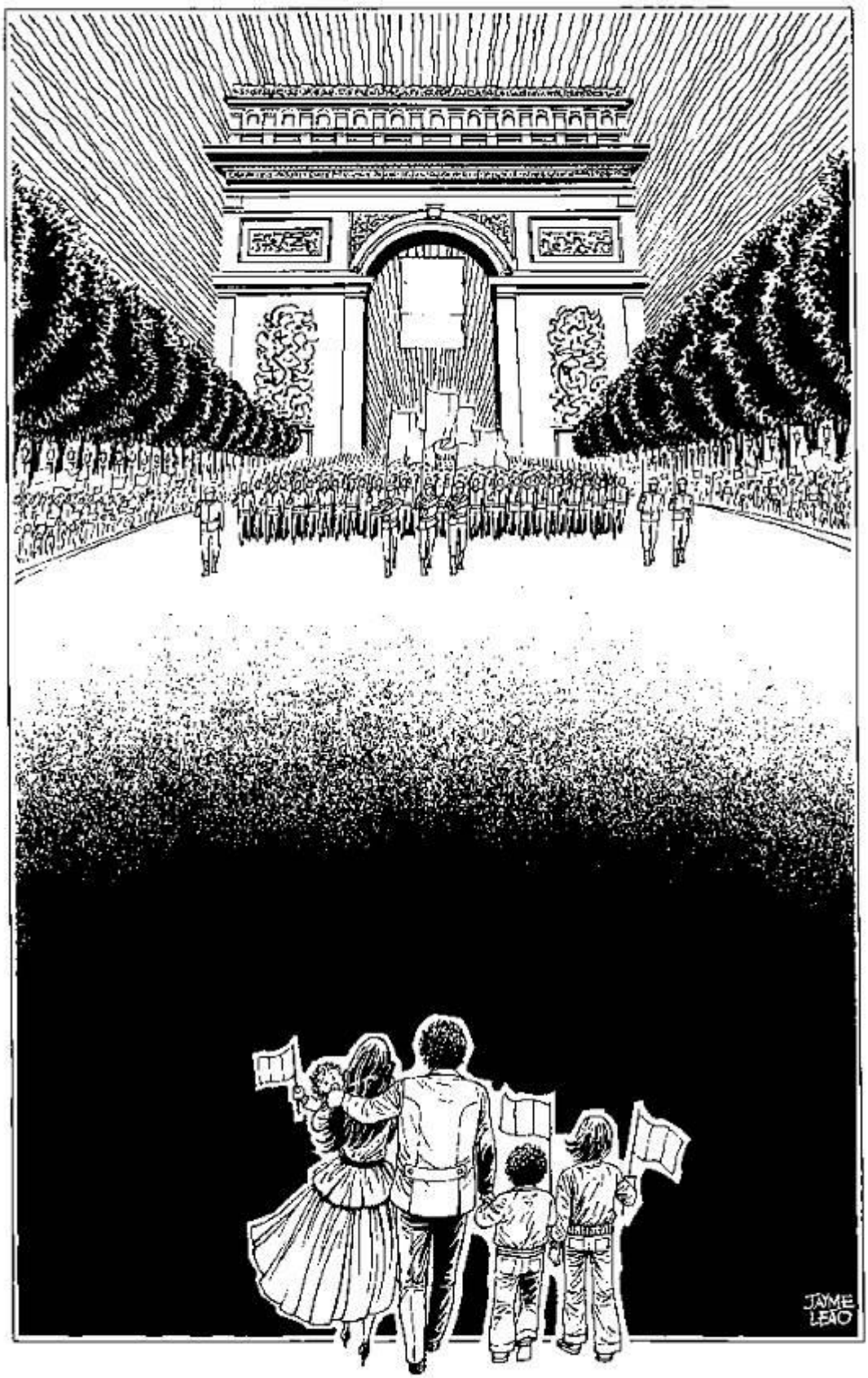
Mamãe ainda quis me puxar a orelha, dizendo que não se deve cuspir no prato onde se come. Concordei que eu estava sendo pedante, mas o hino francês não nos dizia absolutamente nada. Era uma canção a mais, apenas.

Logo depois, no entanto, ao perceber os soldados desfilando, Ricardo, demonstrando pavor, largou a bandeirinha francesa e, atropelando dois ou três coleguinhas, amizades feitas naquele momento, correu em direção a papai.

— Estou com medo. O soldado quer me pegar... chorando, desesperado, agarrou-se firme no pescoço de papai.

Para ele, o desfile havia terminado ali. Para ele e para nós.

Resolvemos, então, caminhar sem destino pelas avenidas parisienses, pelo simples prazer de, depois de cinco meses presos na embaixada francesa no Chile, podermos andar livremente pelas ruas. E, enquanto caminhávamos, voltei meu pensamento às nossas comemorações da Independência. No 7 de Setembro de Canaviápolis, o desfile não tinha tanta pompa, carros de combate, tantos soldados nas ruas, mas havia o passo cadenciado dos estudantes e, entre eles, o passo de Ana Rosa, minha namoradinha, naquele uniforme tão lindo: saia e boina azul-marinho, blusa e luvas brancas, marchando séria, com medo de errar o passo e levar pito da diretora.



Empunhando bandeirinhas da França, a família assistia ao desfile, perto do Arco do Triunfo, e sentia saudades do Brasil.

Foi nesse 7 de Setembro que, à tarde, ela mentiu para a mãe, dizendo que ia estudar na casa de uma amiga, e nos encontramos na matinê do Cine São Jorge.

Quem diria que, quatro anos depois, eu recordaria disso a milhares de quilômetros de distância, empunhando outra bandeira nacional e ouvindo um hino bem diferente do nosso "Ouviram do Ipiranga..."

Mesmo assim, havia no ar aquela lembrança do nosso primeiro e único beijo, com sabor de morango com *chantilly*.

— Ei, Marcão! Quer ou não quer sorvete? — mamãe insistia comigo.

— Hãnnn?!?!

— Quer de abacaxi ou de ameixa? — ela tornou a perguntar, a família rodeando um carrinho de sorvete, um pouco para trás.

— Não, obrigado... — eu respondi, ainda com o pensamento no passado. E, sem refletir, falei: — Eu acabei de chupar um de morango...

— Mas como? — ela ficou meio atrapalhada. — Você anda chupando sorvetes invisíveis agora?

— Esqueça, mãe! — eu disse, sem jeito, não querendo dar explicações da minha gafe, voltando a caminhar cabisbaixo, os pensamentos no passado um tanto distante.

E, absorto, fui andando, sem conversar com ninguém. Ia atravessando avenidas, distraído, sem prestar atenção em nada.

Foi papai que me chamou a atenção:

— Marcão, dê uma olhada para cima...

Ainda com a cabeça mergulhada no 7 de Setembro de Canaviápolis, ainda com o gosto de morango com *chantilly* na boca; os lábios quentes pela lembrança do beijo de Ana Rosa, eu levei o maior susto ao levantar a cabeça, me dando conta de que estávamos novamente em Paris.

Havíamos chegado nas imediações do Palais de Chaillot e, dali, via-se à frente a monstruosa e imponente torre Eiffel, do outro lado do rio Sena, majestosa nos seus trezentos metros de altura.

— Se fosse uma cobra, hein, filhão? — papai gracejou, aproximando-se e abraçando-me com carinho, ao ver que eu curtia saudades. — Sabe como Apollinaire chamava a torre Eiffel?

Como eu não me interessasse pelo que ele dizia, papai continuou:

— *Bergère dês nuages*. . .

Vendo que eu não estava mesmo interessado em saber nem quem era Apollinaire, nem na sua definição de pastora de nuvens que ele havia dado à torre, papai não insistiu. Para mim, naquele momento, a torre era um montão de ferro e nada mais.

— Cadê o Santos Dumont? — Ricardo aproximou-se, lembrando-se de que foi em volta da torre que o Pai da Aviação, em 1901, ficou famoso com suas voltinhas, ganhando o prêmio Deutsch, por ter conseguido contornar a torre e voltar ao parque Saint-Cloud, em meia hora, pilotando um dirigível.

Rimos da pergunta dele. Eu, mais que os outros, para espantar de vez a saudade, pois Santos Dumont era também o nome da escola onde eu e Ana Rosa estudávamos. Só que o riso virou um nó na garganta. Disfarcei bastante as

lágrimas.

Tomamos o elevador e, quando chegamos lá em cima, no terceiro patamar da torre, mamãe percebeu que eu estava coma voz embargada.

Enquanto papai matava a curiosidade de Ricardo, explicando que a torre Eiffel era grande, mas que nos Estados Unidos havia edifícios que eram maiores que ela, mamãe aproximou-se.

Papai nos mostrava a cúpula dourada dos Inválidos, do Panthéon, da basílica de Sacre-Coeur, as torres de Notre-Dame. Mamãe perguntou-me:

— Tudo bem, filho?

— Tudo bem, mãe. — E, embora ela não tivesse perguntado, eu concluí: — A senhora sabe que eu tenho medo de altura, não sabe?

Mamãe conhecia-me o suficiente para saber que isso não era verdade. Quando morávamos em Canaviápolis, eu vivia dependurado na pontinha da mangueira que havia no quintal da casa do Artur, reeditando os gritos do Tarzan, pulando de galho em galho.

— Eu sei, filho. Lógico que eu sei... — ela disse, cúmplice. Mas tenho certeza que eu não a enganei. Ninguém engana o coração de mãe.

PIERRE, UM GOZADOR

Com o tempo, fomos instalados, graças à Anistia Internacional, em Sceaux, *banlieue* sul de Paris, uma cidade-satélite da Grande Paris. Nossa casa ficava na Avenue de la Gare, quase defronte à estação Robinson, estação do metrô. Bastava atravessar a rua, entrar no metrô e, dali a alguns minutos, estávamos em Châtelet, no coração de Paris, pertinho do rio Sena.

Apesar dessa facilidade de locomoção e de Sceaux ser uma cidadezinha bem pacata em relação à frenética Paris, nossa adaptação foi difícil. O francês, como o castelhano, o italiano, o romeno e o português são línguas que vieram do latim. Mas o que se aproxima mais do português é o castelhano. Em Santiago do Chile, depois de poucos dias nós já dominávamos bem o castelhano. Na França, foi muito difícil até conseguirmos entender o que os franceses diziam. Não só o que diziam, mas a maneira de eles entenderem o mundo, seus costumes, suas tradições, sua maneira europeia de pensar.

Em termos profissionais, até que papai se saiu muito bem.

— Tererê! — ele chegou, um dia, comunicando, fazendo o maior dos alaridos. — Estou empregado! Empregado!

— Empregado onde, meu Deus do Céu!

— Arrumei uns *frilas* naquele jornal importante — *Le Monde*...

Frila, na gíria jornalística, quer dizer "*free-lance*", ou seja, um trabalho que se faz para uma empresa sem ser contratado por ela.

— Mas *frila*, Zé? — mamãe sabia que isso não dava a estabilidade necessária que um orçamento mensal necessita.

— Você não vai querer que os caras me deem a editoria principal, não é? Começo com uns *frilas* sobre a situação política brasileira e sul-americana. Quando sentirem que estão diante do maior jornalista sul-americano, aí, sim, a coisa melhora. O importante é que o *Le Monde* é um jornal de peso...

— Eu que o diga — Ricardo suspirou. — Domingo passado eu fui comprar um aí na banca da esquina, quase não chego em casa, de tão pesado...

Quanto aos estudos, até que tivemos sorte. O ano escolar francês, bem diferente do nosso, começa em setembro. Nós havíamos chegado em Paris praticamente em julho. Quando começaram as aulas, já estávamos instalados em Sceaux.

Isso foi importante porque eu não perdi mais um ano. Nisso, o exílio ajudou bastante. Ajudou a atrapalhar a nossa vida escolar. Com quatorze anos, eu deveria estar cursando a *troisième*, que corresponde à nossa oitava série do primeiro grau. Mas, como eu perdera dois anos, um na saída do Brasil e outro na saída do Chile, só pude matricular-me na *cinquième*, no liceu Marie Curie, que corresponde à nossa sexta série, e o Ricardo, no *éléméntaire* do Saint-Marcel.

Na cidade e na escola havia um quê de curiosidade pelos *sud-américains*, como eles nos chamavam, a mim, ao Ricardo e aos outros garotos brasileiros que foram morar em Sceaux.

Durante um bom tempo, fomos alvos de brincadeiras e gozações por parte dos garotos de Sceaux.

Um deles, o mais atrevido, o que mais nos provocava, era um francesinho sardento, que não perdia a oportunidade de perturbar.

Logo que eu entrei no liceu, em uma das aulas, ele me perguntou se eu conhecia São Paulo. Eu ia respondendo que sim, que Ana Rosa era de lá, quando ele me interrompeu:

— Então, me responde depressa, *sud-américain*, quem é mais barbudo, ele ou São Pedro?

A classe toda caiu na risada e *Monsieur* Gauthier, o professor de Matemática, mandou-nos para a diretoria.

Monsieur Legrand, o diretor, não ficou muito satisfeito ao nos ver.

— *Ça alors!* De novo, Pierre! Você já passou da idade, mas não emenda... E o senhor, *Marc?* Seguindo os passos deste moleque? Já era para você estar na *troisième*, não? Espero que o senhor não siga o mal exemplo de Pierre. E, depois, o último exilado encapetado que tivemos aqui no Marie Curie era um garoto árabe, um demônio em pessoa. Espero que você não nos traga problemas; se bem que está claro que o culpado é o Pierre...

— Pierre não tem culpa, *Monsieur!* — eu o defendi. — Houve apenas um mal-entendido entre nós. Ele falou uma coisa, eu entendi outra, os garotos riram e *Monsieur* Gauthier pensou que estávamos brincando, só isso...

Liberados pelo diretor, que acreditou em minha palavra, Pierre não entendia por que não quis denunciá-lo.

— Não sou dedo-duro, cara!

— O que você falou? — Pierre não entendeu o que eu disse. Sem querer eu falara em português.

— Eu disse que não sou dedo-duro.

— De-do-du-ro?

— É assim que chamamos a quem denuncia os outros — e apontei o dedo em direção ao peito de Pierre, para ele entender a expressão.

— Tenho certeza de que vamos ser bons amigos, *sud américain*!

De fato, fomos bons amigos durante os seis anos, de 74 a 79, que ficamos na França. Pierre tinha a minha idade, tendo repetido dois anos; um por doença, outro por vagabundagem.

Ele só me aprontou mais uma gozação. Não sei se foi naquele mesmo ano, ou se foi quando cursávamos a *quatrième*, que corresponde à nossa sétima série.

— *Brésilien*! — Pierre não me chamava mais pelo genérico *sud-américain* — tenho uma coisa *mer-vei-lleu-se* para lhe mostrar...

A aula, eu me lembro bem, era Geografia, com a terrível *Madame* Ledoux.

— Mostre agora — eu pedi, curioso.

— No fim da aula. É um livrinhos de piadas. Se eu mostro agora, *Madame* Ledoux pode achar ruim...

Pierre já havia aguçado a minha curiosidade e sabia que eu não desistiria tão facilmente.

— Mostre agora, Pierre. Deixe de frescura, vai...

— *Madame* Ledoux pode não gostar. Isso vai dar encrenca...

— Sem essa. Eu me cuido...

Madame Ledoux de há muito já havia iniciado a aula, lutando para que aprendêssemos sobre os montes Pireneus e eu me preparava para ver o tal livrinho.

Disfarçadamente, então, Pierre passou o livrinho para o Sorel, que o entregou, logo atrás, ao Antoine, depois ao Armand, fazendo chegar às minhas mãos, com mil recomendações.

Abri meu livro de Geografia para disfarçar, colocando o livro de piadas por baixo da carteira, esperando uma brecha oportuna para manuseá-lo.

A classe estava atenta às explicações da professora. O silêncio era tanto que, se uma mosca cruzasse a sala de aula, pareceria um avião na decolagem.

Aí aconteceu a desgraça. Ao abrir o livro, que era de capa dura, levei o maior choque de minha vida. O livro era oco por dentro e tinha um dispositivo que, ao abri-lo, fechava o circuito e dava choque.

O choque foi tão inesperado que caí para trás, dando um grito de dor. O susto fez com que eu despencasse da cadeira, ficando branco que nem cera.

Sorel, Antoine, Armand, Jean-Paul e os outros, conhecendo o trote, riam baixinho.

Madame Ledoux, por trás dos oclinhos de tartaruga, quis saber o que acontecera. Todo mundo fez que não sabia de nada, os anjinhos, desaparecendo com o livro-surpresa.

O jeito, então, foi alegar crise de exilado. Deu certo. Sempre que algo saía errado, eu acionava o tipo exilado-traumatizado.

— Sabe o que é, *Madame* Ledoux — inventei na hora — , eu não queria falar sobre isso, mas já que a senhora insiste... eu não posso ouvir falar em alturas. A senhora está falando dos Pireneus e isso me recordou os Andes, nossa fuga para a Bolívia, entrando no Chile. E, depois, tem também o medo dos aviões na hora da decolagem...

Fui tão teatral que não só convenci a professora, mas a classe toda.

— *Très bien, Marc* — *Madame* Ledoux ficou com dó permitindo que eu fosse tomar ar no pátio para acalmar-me.

Foi eu sair, o Pierre veio atrás.

— *Brésilien*, tudo bem? — ele foi dizendo, com o semblante preocupado.

— Pô, meu! Que susto!

— Você está bem? — insistiu ele.

— Estou, por quê? — eu disse, sorrindo.

— Aquele negócio de montanhas, de Andes, de Bolívia, aquilo é verdade?

— Tem muito de verdade, sim, Pierre. Mas não se preocupe...

Como estivesse para bater o sinal do recreio, eu o convidei para irmos à cantina.

— Vamos comer alguma coisa, Pierre?

Antes que nos levantássemos do banco onde estávamos, Sarinha

aproximou-se. Ela era uma garota da minha classe, exilada paranaense. Aliás, no liceu, éramos seis ou sete exilados brasileiros.

— Pierre, posso pedir um favor a você? — ela se aproximou, com o jeitinho doce que sempre tinha.

— Pede, claro!

— Não faça mais isso, não, tá? Essa brincadeira é de muito mau gosto...

Sem graça, Pierre concordou, mas quis saber o porquê.

— O *Marc* que é o *Marc* não reclamou, Sara...

— Eu não gostaria de dar explicações. Só gostaria que você não fizesse mais...

— Tudo bem, Sara...

— Ela está de olho em você, *brésilien!* — ele insinuou, assim que Sarinha afastou-se.

— Não, por quê?

— Para defender você assim...

— Eu não tenho certeza, Pierre. Mas acho que isso deve ter trazido lembranças ruins à Sara. O pai dela, quando preso, andou tomando choque...

— Uau! Sabe que não é fácil lidar com vocês? — Pierre estava chateado, mas procurava não demonstrar isso. — Cada um de vocês tem um trauma: você me contou que não pode ver soldado. A Sara tem esse problema. Contaram-me que a Mariana, uma brasileirinha da *troisième*, gosta de ir a Orly ficar vendo os aviões brasileiros decolarem... Bem, eu vou falar com a Sara...

— Deixe para depois. Agora ela está muito tensa. Vamos comer alguma coisa, vai! Antes que o povão tome de assalto a cantina...

— Pois, para pagar os meus pecados, eu o convido para comermos um *croque-monsieur* — Pierre pedia desculpas, convidando-me para um misto-quente.

"PRA FRENTE BRASIL", SALVE O "OUVIRAM DO IPIRANGA"

O incidente com Sarinha, embora Pierre não tenha demonstrado, serviu para modificá-lo bastante. Com o amadurecimento da nossa amizade, pude comprovar que ele deixara de fazer gozações para tornar-se cada vez mais amigo, desses que a gente pode confiar, contando segredos.

Papai, como eu disse, começou a trabalhar, escrevendo artigos para o *Le Monde*. Não demorou muito, ele foi contratado, já como jornalista efetivo, escrevendo artigos no seu estilo de sempre: metendo o dedo na ferida.

Nos primeiros artigos, ainda em 1974, papai criticava duramente o governo Médici, que terminava naquele ano.

E, se os artigos lhe valiam o respeito da comunidade dos exilados, por outro lado, começaram a chamar a atenção dos militares brasileiros.

Naquela ocasião, fiquei conhecendo o Juca, um brasileiro que morava em Fontenay-aux-Roses, cidadezinha encostada em Sceaux, mas que estudava no mesmo liceu, o Marie Curie. Juca era baiano, mas estivera muito tempo em Portugal.

Amigo do Ricardo, que já estudava no liceu, Juca falava português com um sotaque lusitano tão carregado que eu preferia quando ele falava francês. Dava para entendê-lo melhor. Isso porque ele, além do sotaque forte, usava expressões muito estranhas para mim. Falava *gajo*, querendo dizer "rapaz"; *bicha*, em vez de "fila"; *golo*, em vez de "gol"; *equipa*, por "time"; *guarda-redes*, por "goleiro"; *camisola*, por "camisa de jogador"; *baliza*, por "trave". Falava tudo diferente!

Essa mistura de significados quase deu briga.

Um dia, logo que o conheci, nós falávamos sobre jogadores de futebol. Ele defendia os jogadores portugueses, dizendo que eram melhores que os brasileiros coitados! E citou, como exemplo, o Eusébio, que eles achavam ser melhor que o Pelé.

— Mas o Eusébio não é português — eu argumentei. — Ele é angolano.

— Ora, pois, pois — ele sorriu —, o Eusébio, desde *puto* que vive em Portugal...

Aquilo me ofendeu. É certo que falávamos português, mas a Sarinha e a Mariana estavam por perto, e eu não admitia que ele as desrespeitasse.

— Juca, sem falar palavrão, tá? Você não precisa apelar...

— Palavrão? O que eu disse errado? — Juca estava sem entender o que dissera demais.

— Você percebeu o que você falou? — eu chamei sua atenção.

— Eu disse que o Eusébio vive em Portugal desde *puto*...

— Então...

— Isso é palavrão? — ele sorriu, achando-me um tolo.

— E não é?

— Mas que cabeça mais suja a sua, Marcão! Achar que *puto* é palavrão...

Fomos verificar no dicionário que havia na biblioteca, já que o Juca jurava

pela mãe dele que estava inocente, e realmente não era palavrão. Em Portugal *puto* quer dizer, conforme a etimologia latina, "menino", "garoto". E depois a gente fala que os portugueses é que são burros...

Naquele mesmo dia, quando cheguei a casa, encontrei o Ricardo na escadaria, chorando sentido. Como ele se negasse a dizer o que acontecera, entrei, perguntando à mamãe o que havia acontecido. O almoço estava na mesa, mas ninguém estava com fome.

— O Rico chegou todo eufórico, dizendo que tinha aprendido o Hino Nacional com o Juca, um coleguinha lá da escola... — explicou mamãe.

— Eu sei quem é. Ainda hoje estive falando com ele.

— Então, eu cheguei até a elogiar o Rico, pedindo que ele cantasse. Pois não é que ele se levantou, empertigou-se todo e começou a cantar "Pra frente, Brasil, salve a seleção..." É certo que não deveríamos rir, mas foi tudo tão espontâneo... Aí ele largou o prato e foi chorar lá fora...

— Deixe que eu converso com ele, mãe — eu disse, levantando-me da mesa. Nesse momento, ele entrou e foi em direção ao seu quarto.

— É melhor comermos primeiro, embora a fome já tenha até passado. Agora ele está nervoso, e o Rico, quando fica nervoso, é besteira tentar conversar.

À noite, quando soube do ocorrido, papai veio ter comigo.

— Marcão, eu estou preocupado com o que aconteceu entre o Juca e o Rico...

— É coisa de moleque, pai. Amanhã eles já estão de bem. O Juca não deve ter feito por maldade...

— Não. Não é propriamente com o desentendimento entre os dois que eu me preocupo. É justamente com o desconhecimento do Juca, do Rico, de vocês todos. Eu aposto como o Juca não queria fazer gozação. Na verdade, vocês, vivendo em países emprestados, que não escolheram para viver no Chile, em Cuba, na França, em Portugal ou na Argélia, vocês conhecem mais os heróis, os hinos e a geografia dos outros países do que do Brasil. Não é verdade?

Era lógico que sim. E eu teria outro exemplo desse desconhecimento dias depois. O gostoso é que eu provaria meu desconhecimento, mas descobriria uma coisa muito boa.

Dias depois, eu iria conhecer uma pessoa encantadora, que me fez esquecer as preocupações com Juca, Rico e o desconhecimento do Hino Nacional.

Eu estava trocando ideias com o Pierre, na cantina, quando passou por nós uma menina que me chamou a atenção. Sempre fui meio tímido com as meninas, principalmente quando se tratava de alguém que me interessava. Mas quando vi a garota, fiquei entusiasmado. Loira, olhos azuis, um narizinho arrebitado e de cabelos escorridos, bem lisos, ela me inquietou para valer.

Sem querer, esqueci que estava na França e falei em português, chamando a atenção de Pierre:

— *Saca* só que *mina* linda!

Pierre não entendeu o que eu disse, mas olhou na direção da garota. Não era preciso tradução para entender o que eu dissera. Esse negócio de mulher bonita é mesmo universal.

— É a Claire. Ela também está no mesmo ano que a gente, só que em outra classe. Você tem bom-gosto, hein, *brésilien*...

— Mas eu nunca a vi no liceu...

— Ela morava em Paris, em Montparnasse. Mudou para cá faz pouco tempo... — Pierre, percebendo que eu estava vidrado, parado na menina, cutucou-me: — Ei, acorde, *brésilien!* Até parece que você nunca viu mulher... Lá no Brasil não tem isso, não? — ele gracejava.

Fiquei sem responder. No Brasil havia Ana Rosa, uma lembrança esmaecida na memória, um namorico de criança, impossível, sem chances pela distância e pelo tempo.

Claire descobrira Mariana, que estava perto de nós, e veio conversar com ela.

Tomando coragem, eu resolvi batalhar, querendo ganhar sua atenção. Eu não tinha muita intimidade com a Mariana, mas larguei a timidez boba de lado e fui em frente.

— Você não me apresenta, Mariana?

Quando soube que eu era brasileiro, Claire ficou vivamente interessada.

— Outro brasileiro? Pensei que era só você e o Juca que eram brasileiros, Mariana.

— Que nada — eu destravei a língua. — Logo, logo, vamos tomar a França de assalto...

— Eu tenho uma tia que tem uma amiga que trabalha na embaixada brasileira, em Paris. Ela sempre me presenteia com discos brasileiros. Eu adoro!

Como Claire falava gostoso, macio, meu Deus!

A conversa, que começou meio furada, foi ganhando corpo, a gente se entrosando. Mariana percebeu meu interesse, deu uma desculpa qualquer e foi conversar com o Pierre.

Quando bateu o sinal, ela quis se despedir, já que não ia mais ter aula. Eu fiz questão de acompanhá-la. Pedi ao Pierre que inventasse qualquer coisa para o

professor.

— Invente uma dor de barriga, uma crise de exilado traumatizado, qualquer coisa, tá? E não se esqueça de levar os meus livros. Eles estão debaixo da carteira. Depois eu telefono para você...

Claire morava um pouco longe, no Boulevard Colbert, mas a conversa estava tão gostosa que, quando chegamos ao portão da sua casa, nem parecia que havíamos andado tanto.

— Você quer entrar?

— Não, eu vou incomodar...

— Não vai, não. Mamãe vai gostar de conhecê-lo.

Entramos. Claire apresentou-me à *Madame* Lésage, sua mãe. Muito gentil, ela cumprimentou-me, fazendo questão de deixar-me à vontade. Logo depois, enfiou-se para os lados da cozinha, atrás dos afazeres domésticos.

Ficamos conversando na sala. Claire contou-me um pouco de sua vida. Seu pai, *Monsieur* François, morrera em 60, combatendo na Argélia, norte da África. Claire não o conheceu. Sua mãe, que quando jovem fora *midinette* de Christian Dior, ou seja, fora costureira de um nome importante da alta costura, continuava a costurar. Agora, como as coisas estivessem muito caras em Paris, elas alugaram o apartamento que tinham e vieram para a *banlieue*, para o subúrbio.

— Morávamos em Montparnasse, Boulevard Raspail com Montparnasse, conhece?

Fiz um trejeito de desconhecimento com a cabeça.

— Onde viveram Modigliani, Matisse, Picasso, pintores famosos... Até o Hemingway escreveu um livro — *O sol também se levanta* — sobre Montparnasse...

Eu me levantei, e, com ironia, cumprimentei o vazio, como se eles todos estivessem ali na sala: — Muito prazer! Muito prazer!...

— *Três bien, Marc!* Então falemos de coisas que você conhece. Que cantor brasileiro você gosta mais?

Pronto. Era outro item meio desconhecido para mim.

— Bem, lá em casa a gente tem... Meu pai gosta muito do Altemar Dutra... do Lúcio Alves...

— E deste aqui, você gosta? — Claire, que já estava junto à vitrola, aumentou o som.

— Este daí eu gosto, lógico...

— Quem é? — Claire perguntou, inquisitorial.

— É o... o...

— Você não reconhece o Milton Nascimento, *Marc*?

— Claire, desculpe-me, mas eu não estou tão por dentro assim dos cantores do meu país, sabe? Eu saí de lá com dez anos e, de lá para cá, nesse tempo todo, nós temos perdido muito o contato com a língua, com o pessoal e confesso que já não sei mais pensar em português, às vezes...

— Desculpe-me, *Marc*. Eu acabo chateando você, não? Fomos salvos por *Madame* Lésage. Nesse momento, ela entrou na sala, capitaneando uma bandeja

com um café bem gostoso.

Ao me despedir, *Madame* Lésage foi muito gentil.

— *Venez toujours, Marc! Votre présence nous plaît beaucoup* — a mãe de Claire convidava-me para voltar outras vezes, afirmando que a minha presença agradava bastante.

Ao regressar, notei a presença de um homem parado na esquina de casa. Vestia-se como um francês comum: chapéu e *pardessus* escuro, sobretudo escuro. Mas resolvi não dar importância porque, em qualquer esquina do mundo, é comum que haja pessoas paradas, à espera de alguém ou indecisas sobre que direção seguir. Ainda mais naquela esquina, proximidades do metrô.

DE REPENTE, SOM QUE ME TRAZ SAUDADES

— Uai, pai! O senhor não foi trabalhar hoje? — eu estranhei, quando na semana seguinte, ao chegar da escola, papai estava refestelado na poltrona da sala, muito jururu.

— Agora você falou igualzinho à sua avó lá de Belo Horizonte, a dona Quiquinha — papai estava com a voz bem fanhosa. — com uai, voz mole e tudo a que os mineiros têm direito.

— Gripado, pai?

— É esta mudança de tempo. Tenho que ficar de molho. Mas vou aproveitar a tarde para escrever um artigo analisando os quatro anos do governo Médici.

— Mas não mudaram o presidente do Brasil? Outro dia o senhor disse que é um outro general, um tal de Geisel...

— Mudou este ano. O artigo é justamente falando do Médici, que saiu no começo do ano...

— Bem, vamos almoçar? — mamãe veio chamar-nos.

— Antes eu quero dar uma telefonada para a Claire.

— Agora é uma *pajeação* com esta menina, hein? — mamãe reclamou.

— Ainda bem que é com menina. Você queria que ele ficasse pajeando homem, Tererê?

— Não é isso. O almoço está pronto e ele vai ficar meia hora dependurado no telefone...

— Claire — eu perguntei, tão logo ela atendeu, não dando a mínima para as broncas de mamãe —, lembra-se que você reclamou que eu não conhecia muita coisa em Paris? Eu queria dar uma andada por lá... Você tem de ir até a cidade? Então eu adivinhei. Você passa aqui? Não fica chato? Tá, eu sei que o metrô é aqui pertinho... Mas sei lá como vocês francesas são... Não é machismo não senhora. Eu só estou querendo entender o jeito de vocês, franceses, se relacionarem...

— E ele *promete*, viu, Zé? É igualzinho a você, com a mesma lábia, o mesmo jeitão envolvente...

— Lógico, é meu filho...

— E, a senhora, vê se não fica escutando as conversas atrás da porta... — reclamei, ao desligar o telefone.

— Que atrás da porta, menino! Você quase grita ao telefone para a casa toda ouvir e eu é que fico atrás da porta? Ande, coma logo.

Engoli, não comi.

— Mas que pressa é essa?

— Arrume uma toalha para mim, mãe! Eu vou tomar banho...

— Depois da comida faz mal, Marcão!

— Faz não. Eu estou acostumado. E ainda nem começou a fazer a digestão...

Ao sair do banheiro, Ricardo, que ia para o quarto, respirou fundo, como que "farejando" o ar.

— Marcão, aonde você vai tão perfumado?

— Escute aqui, pirralho! Vê se não se intromete na vida dos outros, tá legal?

— Mas o que eu fiz de mais? Aí, mãe, tá vendo? Só porque eu perguntei aonde ele vai, já quer tirar satisfação...

— Deixe o Marcão, Rico. Ele está às voltas com as mulheres — papai filosofou.

— Mas precisa ficar respondendo desse jeito, com má-criação?

— Não é má-criação, Rico. É insegurança, apenas isso.

Não entendi o que papai disse. Mas nem perguntei. Estava atrasado. A qualquer momento, Claire apareceria. Resolvi sair, esperá-la na esquina.

Claire não demorou muito a aparecer. Estava uma gracinha: um manto bege e calças jeans. Ficava mais linda ainda sem o uniforme do liceu. Sua figura delicada compunha bem com aquela paisagem de outono.

O que eu estranhei é que ela usava fitas verdes e amarelas na cabeça. Achei que ela estava querendo fazer alguma brincadeira comigo, mas não quis perguntar. Eu estava meio nervoso e procurava controlar minha timidez.

Tomamos o metrô e fomos trocando ideias, conversando sobre coisas sem importância. Quando percebi, já estávamos em Luxembourg.

Ah, como andamos. Ainda bem que Claire conhecia Paris como a palma da mão. Não titubeava diante de qual ônibus tomar, de que rua seguir. E ela tinha mesmo vocação para cicerone. Fazia questão de ir mostrando os monumentos, contando detalhes de um, curiosidades de outros, comentando o itinerário por onde passávamos.

Vimos o Palais du Luxembourg, fomos ao museu Rodin, onde existe a famosa estátua d'*O pensador*, um fulano sentado, com a mão eternamente no queixo, pensando na vida; entramos nos Inválidos para ver o túmulo de Napoleão; passamos pela Place de la Concorde, onde, por causa da discórdia da Revolução Francesa, morreram mais de 1300 pessoas; demos uma olhada na praça Vendôme, onde existe uma coluna feita com o bronze dos canhões que Napoleão tomou aos russos e austríacos.

— Cansado?

— Um pouco.

— Então vamos à Cité!

— Você diz aquela ilha no meio do rio Sena, onde tem a igreja de Notre-Dame?

— Vamos à ilha, mas não propriamente à igreja. Eu quero lhe mostrar uma pracinha que tem ali pertinho, que é muito acolhedora. Vamos?

Fomos. No caminho, de repente, um som chamou-me a atenção, íamos passando em frente a uma loja de discos, quando escutei um som bem brasileiro:

"Pra ver a banda passar, cantando coisas de amor..." Parando, eu comecei a acompanhar a letra, meio emocionado.

Quando a música terminou, ela me olhou, com carinho.

— Isso eu conheço, Claire. É *A banda*, do Chico Buarque. Quando eu era menorzinho, lá no Brasil, a gente cantava muito essa música. Eu e a Ana Rosa até

fizemos um teatrinho na escola...

A lembrança repentina do passado me deixou emocionado. Cortei a frase pela metade, pondo-me a caminhar.

Até à ilha, não trocamos mais uma palavra. Seguimos quietos. Eu, repensando o passado; Claire, ao meu lado, respeitando meus sentimentos.

A pracinha era realmente acolhedora. Ficava bem no bico da ilha. E, para quem se sentava bem lá na frente, dava a sensação de que estávamos na proa de um barco.

— Que tal? — ela pediu minha opinião, sentando-se ao meu lado.

— Maravilhoso aqui. Em pleno centro de Paris, mas com um toque meio silencioso, meio de cidade do interior até...

— Eu gosto muito daqui. Mas, agora me conte, você ficou chateado ao ouvir aquela música, não?

— É, confesso que a coisa me pegou meio de surpresa. Eu não esperava... Mas já passou. Foi coisa de momento.

Olhando as fitas verdes e amarelas na cabeça de Claire, eu ironizei:

— Se não a conhecesse, diria que você tirou o dia para me chatear...

— Por que você diz isso?

— Você não precisava sair com essas fitas no cabelo, né? Só porque são as cores da bandeira do meu país...

— Cor da bandeira do seu país? — Claire fez um gesto de exclamação, de muita surpresa. — Ninguém lhe falou da festa de Santa Catarina?

— Festa de Santa Catarina?! — era a minha vez de exclamar.

— Sim, senhor. Hoje é o dia das *midinettes* e também das solteironas. Todo dia 25 de novembro, as *midinettes* e as moças com mais de 25 anos costumam colocar estas fitas no cabelo. Antigamente era mais tradicional. Mas em casa a gente ainda usa...

— Você se acha uma solteirona, Claire? — ironizei.

— Não. Mas mamãe foi *midinette* quando jovem e o costume ficou. Quer dizer que... você... você achava que... eu coloquei as fitas para provocá-lo?

Abandonando o ar de surpresa, Claire caiu em uma gostosa gargalhada.

— Vocês não têm isso no Brasil, *Marc*? — ela não se aguentava, ao ver a confusão que eu fizera.

— Não... lá, as solteironas rezam para Santo Antônio... Depois que Claire se fartou de rir, ela perguntou, séria:

— Fale-me de você, *Marc*...

— Falar o quê? — eu estava realmente sem saber o que dizer.

— De você, do Brasil, das suas tradições...

— Bem, eu estudo no Lycée Marie Curie... — comecei, sem jeito.

— Não diga... — ela olhou-me com expressão de quem acaba de escutar a maior novidade do mundo. — Espere um pouco. Não vai me dizer que você mora em Sceaux?

— Como você sabe? — eu aceitava o jogo.

— Eu sou meio feiticeira, sabia?

— Sei. Você está enfeitiçando meu coração...

Claire ficou meio sem jeito com a minha declaração. Até eu mesmo me espantei. A coisa saiu tão de repente, tão sem pensar...

— Fale-me do Brasil, *Marc*, da sua vida lá, dos seus amigos — Claire retomou o fio da meada, não deixando a peteca cair, como a gente diz.

Ficamos conversando, eu contando por alto o que eu lembrava: de Canaviápolis, dos amigos, da escola. Depois resumi bem nossa saída, a rápida passagem pela Bolívia, os anos no Chile.

— E quem é Ana Rosa? — Claire perguntou-me, de supetão. Que memória! Eu tinha apenas mencionado o nome de Ana Rosa quando lhe contei do teatrinho que fizemos juntos.

— Eu não quero falar sobre isso, Claire... — respondi evasivo.

— Eu exijo, *Marc* — ela sorriu lindo, enterrando o dedo indicador em meu peito, como se estivesse apontando um revólver, muito brava.

— Bem, se você me aponta uma arma, eu me rendo, *mademoiselle*.

— Então, conte.

— Bem, foi um namorico muito rápido, muito novinho. Ana Rosa estudava comigo na mesma escola. Era morena, cabelos pretos...

— Que mais? — Claire insistiu, vendo que eu tentava desistir.

— Ela trazia-os sempre cortados assim, com franja... — eu tentava, por gestos, descrever o penteado de Ana Rosa.

— Chanel?

— Isso aí. Ana Rosa tinha os cabelos cortados à Chanel e era do tipo *mignon*. Eu me lembro de que a chamava de Fragilesa...

— *Fragi* o quê?

— Fragilesa, um misto de frágil com princesa. E o chato é que ficou um caso não-resolvido, entende? Eu nem tive tempo de dizer adeus a ela. Foi tudo tão rápido...

Não consegui terminar a frase. Fiquei meio emocionado, com um nó na garganta.

Odiei-me por isso. Não era hora de mostrar fraqueza. O macho que havia em mim precisava demonstrar firmeza.



Abraçado a Claire, Marcão percebeu que um homem de óculos escuros, acompanhado de um cão, os olhava fixamente.

Claire aproximou seu rosto e me beijou ternamente.

— Gostei disso, Marc.

— Disso o quê?

— De você se emocionar. Isso demonstra que você é humano...

Tomei coragem e a enlacei com o braço direito. Ela aninhou sua cabeça em meu ombro e ficamos quietos, silenciosos, olhando o rio correr, vendo os *bateaux-mouches*, barcos típicos do Sena, cheios de turistas, para cá e para lá...

Abraçado a Claire, percebi, em um dos bancos, um homem de óculos escuros, nos olhando fixamente. A seus pés, havia um cão policial, preso por uma coleira.

Gelei de medo. Mas não disse nada a Claire. Apenas sugeri que fôssemos embora.

Quando descemos na estação Robinson, em frente de casa, notei que um homem de chapéu e sobretudo escuro desceu junto. Desceu, mas não parou na esquina. Tomou rumo ignorado. Parecia ser o mesmo que estava parado nas vizinhanças do metrô naquele outro dia.

O TIRO QUE SAIU PELA CULATRA

Quando cheguei à casa, papai ainda estava às voltas com o artigo que prometera escrever.

— Ainda não terminou, pai?

— Está quase pronto — ele disse, alegre, satisfeito. Colocando ordem nos papéis espalhados sobre a mesa, me convidou.

— Dá uma lida, filhão!

— É... está bom... — tentei imitar o seu jeito de falar, assim que acabei de ler o artigo.

— Só isso? Você fala como se não tivesse gostado...

— Não é bem isso, pai! Para ser sincero, não entendi direito esse negócio de uso político da Copa do Mundo de 70, o porquê das críticas à construção da Transamazônica, da assinatura desse projeto hidrelétrico de Itaipu, da construção da ponte Rio Niterói, do Mobral, da televisão em cores... Para mim, acho que tudo isso é bom, que acabar com o analfabetismo é importante, que vencer o tricampeonato é uma boa, que televisão em cores, abrir estradas, tudo isso é um avanço...

— Tá, filhão! Eu explico: é como se, de repente, acordassem o gigante adormecido nesses séculos todos de subdesenvolvimento. Segundo eles, o Brasil passou ou vai passar, assim, num passe de mágica, a não ter mais analfabetos, a ser, através desses projetos, uma potência mundial. Estão até chamando isso de "milagre brasileiro"!

Ficamos conversando um bom tempo, papai colocando a sua visão crítica, esclarecendo coisas que, para mim, passavam despercebidas.

Na semana seguinte, quando o artigo foi publicado no *Le Monde*, o telefone tocou.

Quem atendeu foi o Pablo, já com quatro anos de idade.

Eu estava no quarto, mas como percebi que ele se atrapalhava, fui a seu encontro.

— Marcão, é uma voz esquisita...

— Quem fala? — atendi, com um pressentimento ruim.

— Quem tá falando? — uma voz de homem, ríspida, falando português sem sotaque, lembrou-me os telefonemas de Canaviápolis. Antes que eu respondesse, ele perguntou:

— Cadê o Zé Maria?

— Me... meu pai... e... ele...

— Não precisa gaguejar, garoto. Dá um recado para ele. Diz para ele não começar a fazer aqui na França o que estava acostumado a fazer no Brasil e no Chile. Fala para ele deixar de abrir as asas, que já está passando da conta...

Papai precisava saber daquilo. Tão logo ele apareceu, à noite, chamei-o para lhe contar. Não queria deixar mamãe preocupada. Ela estava novamente grávida e eu queria evitar aborrecimentos.

— Pai, eu queria falar em particular com o senhor — cochichei. — Hoje à tarde, eu atendi um telefonema, daqueles que o senhor já conhece...

— Miseráveis! Até aqui eles não dão sossego? O que eles falaram?

— Disseram para o senhor não começar a fazer aqui o que estava acostumado a fazer no Brasil e no Chile...

— O artigo, então, repercutiu para valer. Até o embaixador, em pessoa, telefonou para o jornal, fulo da vida. Mas daí a voltarem as ameaças...

— Paizão! — eu disse, com medo. — Podemos esperar pelo pior, não? Já notei a presença de homens estranhos perto de casa...

— Eu também, Marcão. Mas não queria deixar você nem a Tererê preocupados. Por isso, não os avisei.

— Acho bom todo mundo nessa casa voltar a ficar de sobreaviso. Só quero saber qual será o próximo país... — suspirei, meio desconsolado.

— Não se preocupe, filhão! — papai sorriu, passando a mão em minha cabeça, tentando me acalmar. — vou dar uma trégua a eles. Mas que não fiquem muito folgados — ele completou, nós dois rindo, já acostumados com aquele clima de insegurança.

Não sei se papai deu trégua, evitando temas polêmicos. Sei que os telefonemas pararam.

Essa trégua, no entanto, foi até outubro do ano seguinte, 1975, quando uma notícia o deixou bastante abalado.

Nesse dia, ele chegou com os olhos vermelhos de quem chorara, mergulhando os dedos nos cabelos, segurando a cabeça, naquele gesto típico de quando tinha uma péssima notícia para dar.

— O que foi, Zé? — mamãe e eu sabíamos que algo de ruim havia acontecido.

— Mataram o Herzog.

— Quem?

— O Vladimir Herzog, um antigo conhecido dos tempos de faculdade. Hoje, lá no jornal, chegou a notícia de que ele foi assassinado em São Paulo, nas dependências do Exército.

Mamãe não disse nada. Compreendeu que seria inútil tentar consolá-lo.

Durante um longo tempo, papai deixou-se ficar jogado no sofá. Quando levantou-se, pegou a máquina de escrever e começou a metralhar teclas, descarregando no papel todo o seu inconformismo pela morte injusta do jornalista.

Eu sabia que a trégua terminava ali.

Quando o artigo sobre a morte de Vladimir Herzog saiu, sabíamos que voltariam a telefonar. Papai acabava de denunciar ao mundo o que estava sendo cuidadosamente escondido até dos brasileiros.

Bastava o telefone tocar, eu já me preparava para o pior. Mas comecei a ficar preocupado mesmo foi quando entendi que, dessa vez, não telefonariam.

— Isso é um mau sinal, Marcão — disse mamãe, que também estava atenta.

Passou um dia, dois, três e nada.

— Marcão, nada hoje? — mamãe perguntava, sem que papai soubesse que estávamos preocupados. Mas ele mesmo não conseguia disfarçar muito bem a sua preocupação.

— Alguém telefonou, Marcão?

— Não, pai. Por quê?

— Por nada. Estou esperando uma resposta do *Diário de Notícias*, um jornal lá de Lisboa... Dei o telefone do jornal, mas o de casa também... Tenho uma proposta de fazer uns *frilas* para eles...

No fim da segunda semana, a coisa aconteceu. Papai não chegou na hora que costumava.

— Que horas são, filho? — mamãe, que estava na sala, perguntou-me, assim que entrei.

— Já é um pouco tarde. É que fiquei conversando com a Claire e não vi a hora passar — respondi, desculpando-me. Sabia que mamãe era muito exigente com o horário de chegada.

— Você não viu seu pai por aí?

— Não, não vi. Ele ainda não chegou?

— Ainda não. Isso me preocupa, Marcão.

— Não esquente não, mãe. Vai ver ele se atrasou no jornal, ou foi comemorar o aniversário de alguém...

— Não foi. Ele não foi nem trabalhar hoje. O editor do jornal telefonou-me, perguntando se ele estava doente, porque precisavam muito dele lá...

— Ele não foi trabalhar? Mas ele saiu comigo, logo de manhãzinha. Ainda vi quando ele entrou na estação do metrô...

— Pois é. É isso que me preocupa. Você sabe que ele não é do feitio de não avisar aonde vai...

Em casa, não era feitio de ninguém não avisar. Sempre que saíamos, avisávamos onde estávamos, mesmo que fosse só para ir comprar uma *baguette*, comprar um pão. Havíamos aprendido isso, talvez um pouco pela disciplina mineira que vovó passou à mamãe, mas muito também por questão de segurança.

Pela manhã, ao levantar-me, mamãe já estava na cozinha.

— E o pai, ainda está dormindo? Que horas ele chegou?

— Ele não chegou, Marcão...

— Não? — eu me espantei.

— Não chegou, não. Fiquei a noite toda de plantão, sem pregar olho, telefonando para a Anistia Internacional, para os hospitais, para as delegacias...

— Vai ver os capangas do cabo Cirilo apertaram o cerco e ele teve de fugir de novo...

— Gostaria de acreditar nisso, filho — mamãe sentou-se à mesa, o peso da barriga se fazendo sentir.

— Esquente não, mãe. A senhora vai ver que ele deve ter tido algum probleminha. Probleminhas operacionais, como ele mesmo diz...

Eu tentava acalmá-la, mas eu mesmo estava preocupado.

— Mãe, eu tenho de ir à escola, porque hoje é dia de prova de Inglês. Qualquer novidade, a senhora telefona para *Monsieur* Legrand, o nosso diretor. Assim que eu acabar a prova, eu volto.

No liceu, eu não conseguia guardar segredo. Pierre parece que adivinhava. Antes de começar a aula, nós já estando dentro da classe, ele perguntou:

— Que foi, *brésilien*?

— Não foi nada, por quê?

— Eu te conheço, *brésilien*... Quando você está assim é porque mataram mais alguém em seu país...

— Pierre, não dá mesmo para guardar nada de você. Estou realmente preocupado. Meu pai não voltou para casa essa noite...

Sarinha, que se sentava ali perto, escutou o que eu dissera.

— O que houve com seu pai, Marcão?

— Ele não veio dormir em casa, Sarinha. A gente está preocupada...

— Será que tem a ver com o artigo do Herzog?

— Você leu?

— Li. Meu pai me mostrou. Ele disse que repercutiu bastante. Até na Itália, onde ele tem uns amigos, em Portugal, na Bélgica, todo mundo leu...

A primeira aula era importante. Mas como eu podia prestar atenção? O chato é que eu tinha prova na segunda aula. Tive de esperar.

No meio da prova, o servente entrou na classe, pediu permissão ao professor e me chamou.

— Telefone para você, *Marc*.

— Espere terminar a prova — o professor falou.

— É urgente — o servente insistiu.

Não esperei pela autorização do professor. Corri a atender.

— Marcos, aqui quem está falando é um amigo de vocês, pai da Sara, sua colega de classe...

— Pois não, seu Adolfo. O senhor tem notícias dele?

— Seu pai está bem, fique tranquilo. Ele pediu-me que telefonasse para você. Ficou com medo de ele mesmo fazer isso; o telefone da casa de vocês poderia estar *grampeado*, sob controle. Ele disse para você ir se encontrar com ele...

— Onde?

— Preste atenção. Você deve tomar o metrô e ir até onde ficam os *bouquinistes* aqueles vendedores de gravuras e livros usados, à margem do Sena...

— Eu já estive lá com ele. Eu sei bem onde é...

— Sabe, né? Fica na *rive gauche*, na margem esquerda do Sena, do lado da catedral de Notre-Dame...

— Isso mesmo.

— Você deve procurar a banca do Monsieur André, um *bouquiniste* que sempre arruma uns livros raros para seu pai.

— Sei quem é...

— Este senhor vai lhe passar o endereço aonde você deve ir se encontrar com seu pai.

— Ele falou a hora? Deu alguma dica?

— Depois do almoço. Aí por volta das duas horas... Não tive mais condições de continuar a prova. Entreguei quase tudo em branco.

— Mas você não fez nada, rapaz? — o professor surpreendeu-se. — Você é tão bom na minha matéria...

— Eu poderia ter cabeça, naquele dia, para fazer prova de Inglês? Não sabia direito nem o Português e o Francês, quanto mais o Inglês, e naquela situação?

— Professor — eu falei baixinho, não querendo que a classe escutasse. — Eu estou passando por momentos difíceis. Outro dia eu explico, mas agora eu não tenho cabeça nem para isso. Com licença!

Saí sem pedir autorização. Depois o Pierre me contou que ele o chamou à frente, pedindo explicações da minha atitude. Quando soube o que estava acontecendo, foi compreensivo. Marcou outra prova, em outro dia.

— Marcão, — até agora nada — mamãe esperava-me, ansiosa.

— Eu tenho notícias...

— Qual notícia? Seu pai está bem? Como você tem notícias?

— Calma, mãe. Eu não posso dar muitas informações. Só posso dizer que ele está bem. Depois do almoço, eu vou me encontrar com ele.

— Ele telefonou?

— Não. Foi o pai da Sarinha, o seu Adolfo...

— Eu vou ligar para ele. Quero saber como está seu pai.

— Não faça isso, mãe. O telefone pode estar *grampeado*. Foi papai quem entrou em contato com ele, pedindo que se comunicasse comigo. Não telefone para ninguém.

— E onde você vai encontrar seu pai?

— Ele pediu que eu procure um daqueles *bouquinistes*, às margens do Sena...

— Sei, sei, e daí?

— Daí que papai vai deixar o local certinho para eu me encontrar com ele...

— Vocês andam assistindo a muito filme policial — mamãe criticava o improvisado esquema de segurança de papai.

— Dessa maneira eu me certifico se estou ou não sendo seguido. Se papai está tomando essas providências é porque é preciso. A senhora sabe como ele já está escolado nessas coisas...

Depois do almoço, tomei o metrô. Mamãe queria ir comigo, mas eu a fiz desistir. Não seria conveniente. Ela estava em estado adiantado de gravidez e eu não sabia o que me aconteceria no resto da tarde.

— É melhor a senhora ficar esperando. Qualquer problema, eu telefono. A senhora está grávida e...

— Eu já cansei de dizer que gravidez não é doença. Mania que você e seu pai têm de ficar achando que gravidez é para a gente ficar de repouso, quietinha, sem fazer nada.

— Não é isso, mãe! Quem fica com o Rico e com o Pablo?

— É, você tem razão. Eu poderia pedir à mãe do Pierre, *Madame* Dupin, mas não quero envolvê-los nisso.

No metrô, eu olhava o rosto das pessoas que me cercavam, procurando, na fisionomia dos passageiros mais próximos, os traços de um possível agente, detetive ou espião. Tarefa difícil, impossível. Uns liam, outros estavam de olhos fechados, ninguém olhava para ninguém. Desisti. Comecei a me preocupar novamente assim que desci em Saint-Michel.

Não fui diretamente aos *bouquinistes*. Dei uma volta, passando pelo Boulevard Saint-Germain, até me certificar de que não estava sendo seguido.

Não foi difícil encontrar o *bouquiniste* André.

— Meu nome é *Marc*. Meu pai pediu para conversar com o senhor...

— Quem é seu pai?

— O nome dele é Zé Maria. Ele é jornalista. O senhor sempre arruma uns livros para ele — eu tentava avivar a memória de *Monsieur* André.

— *Ah, oui, oui, lê brésilien! Vous êtes son fils?*

— Sim! — eu confirmava que era filho de Zé Maria.

— Aqui está. Ele pediu para entregar este envelope.

— *Merci, monsieur*!

Afastei-me, abrindo o envelope. Dentro havia um bilhete:

> Marcão
>
> Encontre-me na Place du Tertre. Tome um táxi. Se o motorista não souber, diga que é pertinho do Sacré-Coeur, em Montmartre. O dinheiro que está junto é para o táxi. Verifique se você não está sendo seguido. Todo cuidado é pouco.
>
> Papai

Fiz como papai ordenou. O motorista não sabia direito onde era a praça. Quando disse que ficava perto do Sacré-Coeur, ele lembrou-se.

— Ah, *je sais!* Essa pracinha é cheia de artistas, de pintores...

Ao descer do táxi, já na praça, pude comprovar que ele estava certo: por todos os lados, cavaletes e telas esparramados numa alegre confusão, como se fosse um grande ateliê ao ar livre.

"E agora?", pensei em voz alta, sem saber como encontrá-lo. Andei um pouco pela praça, mas nem sinal de papai. Comecei a ficar tenso, embora ainda não fossem duas horas, o horário combinado.

Cansado de ficar vendo os pintores, resolvi sentar-me em uma das cadeiras, na calçada do La Bohème du Tertre, um restaurante de esquina.

O garçom veio e pedi um refrigerante. Como ele fizesse cara feia — ainda havia muita gente almoçando e as mesas vagas iam sendo ocupadas —, pedi um sanduíche. Assim ele não poderia reclamar que eu estava ocupando lugar de quem queria almoçar.

Foi até providencial o sanduíche. Na hora do almoço eu mal tocara no prato e estava com fome.

Mesmo faminto, comi devagar, fazendo hora para esperar por papai.

De uma mesa não muito distante, um homem de óculos escuros me olhava com insistência. Fiquei com medo. Lembrei-me do homem de óculos escuros da pracinha perto de Notre-Dame, onde estive com Claire.

Não demorou muito, o garçom aproximou-se, entregando-me um papel. Ao olhá-lo, estremeci. Na folha estava desenhado, com traços rápidos, meu rosto, denunciando meus olhos inquietos, à procura, à espera.

Procurei pelo garçom, mas ele já se perdia entre as mesas, atendendo os fregueses. Meus olhos, então, se cruzaram com o olhar fixo do homem de óculos. Ao ver a minha inquietação, sensação de quem é pego em flagrante, ele sorriu, levantando-se. Antes que eu conseguisse fugir, ele sentou-se à minha frente.

Fiz menção de derrubar a mesa sobre ele e sair correndo, mas ele foi mais rápido.

— Eu não marquei com você este encontro, filhão?

A voz era de papai, mas o boné, o cavanhaque, o bigode e aqueles óculos escuros não combinavam com a imagem dele.

— Mas... mas... eu não estou entendendo...

— Calma, filhão. Sou eu, sim, seu pai. Estou disfarçado, apenas isso. Preciso tomar precauções. Pelo menos por enquanto...

Vendo que eu não me refizera do susto, papai gracejou.

— Se continuar assim, ainda deixo de ser jornalista para me tornar ator de teatro. Pelo menos em matéria de disfarce não estou tão mal, estou?

— Não, eu jamais iria saber que era você quem estava naquela mesa. Foi você quem fez o desenho? — perguntei, ainda estupefato, esquecendo-me de que papai desenhava muito bem. — Eu, neste sufoco todo, desesperado e você tem calma até para desenhar?

— Eu queria ter certeza de que você não estava sendo vigiado. Vi quando você chegou, ficou andando pela praça, e quando sentou-se aqui...

— Mas, conte, pai. Conte o que houve. Lá em casa está todo mundo preocupado — pedi, preparando-me para escutar uma história de arrepiar.

— Bem, ontem cedo, quando eu me despedi de você, eu já estava sendo seguido sem saber. Quando entrei no metrô, por sorte o vagão onde eu estava não tinha muita gente. Deu até para ir sentado, coisa muito rara. Do meu lado, sentou-se um cidadão.

— Com chapéu, sobretudo de couro escuro?

— Esse mesmo.

— Então é o sujeito que estava sempre perto de casa...

— Até aí tudo bem. Comecei a ler o jornal, como costumo fazer, para ganhar tempo. Mas, quando estávamos perto da estação Port-Royal, ele disse-me, quase num sussurro. — O que eu tenho debaixo desta capa é um revólver. Você vai ficar quietinho e me obedecer. Se quiser dar no pinote, leva chumbo...

— E você, o que fez?

— Fiquei paradão, sem saber se eu fechava o jornal, se eu continuava a ler ou se eu saía correndo. O jeito foi continuar como eu estava, lendo o jornal. Só virei levemente a cabeça para confirmar que, debaixo do sobretudo estava um revólver, com o cano virado na minha direção.

— E aí? Não havia um guarda por perto, o pessoal todo?

— Ele falou em português, Marcão. E podia até ter gritado, o que ia adiantar? Ali dentro, tenho certeza, só eu, a vítima, sabia que estava sendo ameaçado de morte, caso não obedecesse. E, depois, se alguém tivesse entendido, o melhor que poderia fazer é ficar bem longe, para não sobrar para ele...

— Que situação! — eu esfreguei as mãos, num gesto de impaciência, mas também de torcida.

— Aí nós descemos em Luxembourg e ele me obrigou a caminhar em direção contrária ao Palais. Entramos por uma rua, acho que a Rue Gay-Lussac. No cruzamento de uma rua movimentada, nós paramos. Pelo que eu percebi, alguém deveria estar nos esperando ali. Eu senti isso, porque ele começou a praguejar, sem saber que rumo tomar.

— Alguém como?

— Sei lá, um carro, alguém que desse cobertura a ele. Aí eu aproveitei que ele estava meio indeciso, sem saber o que fazer. Dei um empurrão e saí correndo, em direção a um *gendarme*, a um policial. Enquanto eu corria, escutei um tiro. Acho que você conhece essa sensação. Pensei comigo: estou morto, mas ainda não senti a morte; por isso, enquanto eu não cair no chão, vou ficar correndo o mais rápido que eu possa...

— É, eu sei como é isso, pai. Lá no Chile, naquele dia que entramos na embaixada da França, eu tive a mesma sensação. Parece que a gente morreu, mas se esqueceu de deitar...



No meio do alvoroço, Zé Maria ouviu um tiro e viu, assustado, quando uma mulher gritou, caindo no chão desmaiada.

Papai sorriu da minha comparação e continuou:

— Quando eu ouvi o tiro, olhei para o lado e vi uma mulher gritando. O *gendarme*, que estava à minha frente, percebendo tudo, sacou do revólver. Aí eu me senti mais confuso que cachorro em caminhão de mudança. Não sabia para onde ir. O jeito foi me jogar no chão. Começou a sobrar bala para todo lado, porque os tiros chamaram a atenção de outros *gendarmes* e eu ali, com as mãos protegendo a cabeça, querendo que o chão se abrisse, para eu me enterrar dentro dele. Quando pararam de atirar, os outros *gendarmes* tinham conseguido prender o meu sequestrador.

— E aí você aproveitou a confusão para se mandar...

— De jeito nenhum. Quando acabou o tiroteio, fui um dos primeiros a me aproximar, tentando saber quem era o sujeito.

— E quem era ele?

— Um ex-soldado brasileiro. Aí eu me apresentei e contei o ocorrido. Fui à *gendarmerie*, à delegacia, e apresentei queixa.

— Você podia ter escapado, pai. Agora vai ser mais complicado...

— Engano seu, Marcão. Se eu fujo, eles mandam outro fazer o serviço, porque o atentado ia ficar em segredo. Denunciando, eles vão ficar desmoralizados.

— Desmoralizados como?

— Desmoralizados porque eu vou jogar a imprensa e a opinião pública sobre eles.

— Mas, então, para que esse disfarce, essa preocupação toda em marcar este encontro às escondidas?

— Precaução. Por enquanto, eu preciso me precaver. Hoje a imprensa já noticiou o atentado. Isso vai render muito ainda...

— Será que isso funciona? — eu me mostrava descrente.

— Claro que sim, filhão. Você não está sabendo, mas o presidente do Brasil está de viagem marcada para a França no começo do ano que vem. E vai ser muito desagradável, depois desse atentado, explicar a morte de um jornalista exilado em terras francesas. Sem querer, esse tiro saiu pela culatra. Eles vão ter de arrumar muito argumento para explicar esse ato de violência.

— Não seria bom a gente mudar de casa, pai?

— Bobagem, Marcão. Onde a gente se esconder, eles acabam descobrindo. Afinal, não estamos clandestinos aqui. Eu tenho o trabalho, vocês têm a escola. Seria muito fácil nos acharem. O certo é isso que eu falei: jogar a opinião pública e a imprensa sobre eles. Isso funciona muito mais do que ficar se escondendo, que nem gato e rato.

UMA VERDADEIRA TORRE DE BABEL

Depois do atentado contra papai, meus amigos franceses passaram a nos evitar. Pierre foi um dos poucos que ficaram firmes. Eu fui sincero com ele.

— Pierre, a gente já está meio acostumado com esse clima todo. Não é a primeira vez que essas coisas acontecem. É certo que até agora eles não tinham entrado tão duro na parada, mas sabemos que isso faz parte deste jogo sujo. E eu não queria complicar a sua vida. Se você quiser se afastar, como os outros, tudo bem...

— Que é isso, *Marc*? Então você acha que vou deixar de ser seu amigo, só porque seu pai fica brincando de bangue-bangue pelas ruas de Paris? — ele gracejava, desarmando-me por completo. — Agora sim é que vocês precisarão de um guarda-costas eficiente...

Rimos e apertamos as mãos, em sinal de compromisso.

O que me chateou é que Claire também passou a evitar-me. Tudo ia tão bem entre nós, mas, de repente, ela começou a ficar arredia, arrumando desculpas para não ficar junto de mim.

Isso estava tão claro que falei seriamente com ela, tentando definir aquela situação.

— Claire, eu tenho sentido que você anda me evitando. Sempre que eu a procuro, você diz que está ocupada, que tem de estudar, que...

— Eu não vou ficar me desculpando, *Marc*. Eu preciso pensar nisso tudo: em você, no nosso relacionamento...

— Acho que eu não preciso dizer que eu gosto de você e que eu quero namorá-la para valer... Olha, eu estou sendo o mais claro possível...

— Não fale mais nada, *Marc*. Dê-me um tempo. Eu preciso pensar...

Naquele dia, só encontrei o Ricardo, em casa, com cara de assustado, tomando conta do Pablo.

— Cadê a mãe, Rico?

Ricardo levantou-se do sofá e desligou o televisor, tentando disfarçar o seu jeito assustado.

— Foi para o hospital. A mãe do Pierre levou ela...

— Não é *levou* ela que a gente fala. Levou-a...

— Tudo bem, mas que a mãe do Pierre levou ela, isso levou...

— Está bem — desisti. — Mas o que houve?

— Foi uma correria danada, Marcão. Não entendi direito, mas parece que o nenê já estava nascendo. A mãe do Pierre falou em uma tal de bolsa de água que já tinha estourado e foram as duas para o hospital.

Antes que eu pudesse argumentar alguma coisa, Pablo, que estava até então bem quietinho no sofá, quase dormindo, quando ouviu falar da bolsa de água estourada, levantou a cabeça do travesseiro, protestando inocência.

— Não fui eu, não, hein, Marcão!

A intervenção dele nos desarmou por completo, descontraindo o meu

nervosismo e o de Ricardo.

— Não, porque nessa casa tudo o que acontece é sempre eu. Outro dia o Rico furou a bola e botou a culpa em mim. Agora é essa tal de bolsa. Já vou avisando para não ficarem me acusando...

Rimos descontraidamente. E não adiantava mesmo ficar nervoso e nem explicar que a bolsa de água era uma espécie de envoltório, localizado no ventre das mulheres, que servia para proteger os nenês. O importante é que mamãe já estava no hospital, sendo atendida.

Retomando o ar sério, perguntei:

— Rico, vocês avisaram o pai?

— *Madame* Dupin telefonou, antes de saírem, mas ele tinha ido depor no caso do atentado e elas não podiam esperar.

— Vamos telefonar de novo. Quem sabe ele já tenha voltado — sugeri, dirigindo-me ao telefone.

Assim que a ligação foi completada, eu dei a notícia.

— Pai, você precisa voltar logo para casa...

— O que houve, Marcão?

— Eu cheguei aqui agora. O Rico disse que a mamãe foi para o hospital, com a *Madame* Dupin.

— Mas ainda não está na hora. Pelos cálculos dela e do médico deveria ser na semana que vem...

— Acontece que ela já foi. E não é alarme falso, não, porque a bolsa estourou e o Pablo jura de pé junto que não tem nada com isso.

— Eu já estou indo, então. Tchau, filhão! Reze para ser uma menina. Estou cansado de homem nessa casa...

— Tá, eu vou rezar...

Quando papai chegou, já voltou com novidades.

— Filhos — ele nos reuniu na sala. — Eu acabo de chegar do hospital. Mamãe deu à luz uma menina...

— Oba! — gritamos quase ao mesmo tempo. Pedimos para ir vê-la, mas papai não permitiu.

— Não adianta. Ela está no berçário e vocês não iriam ver direito. Amanhã a mamãe sai e aí vocês a terão aqui em casa.

No dia seguinte, logo pela manhã, levantamos mais cedo. Papai fez um café meio matado, mas deu conta do recado.

Sentamo-nos à mesa e ele começou, sem mais nem menos, a proibir várias coisas.

— De hoje em diante, fica terminantemente proibido ligar a vitrola com o som alto. Também não vou admitir mais que os senhores profiram palavrões a torto e a direito. Andar pelado ou de cuecas, jamais. O senhor, senhor Marcos, trate de arrancar aquelas fotos de atrizes que o senhor tem no seu quarto, coladas na parede...

Antes que nos proibisse até de respirar, eu pedi ao Rico que pegasse a

caneta que mamãe sempre trazia dentro do vaso da cozinha.

— Pronto, Marcão! Aqui está...

— Para que isso, filhão?

— Para o senhor assinar esses atos institucionais que acaba de decretar, que já vamos sair prendendo nego por aí...

Papai ficou em silêncio. Viu o ridículo que estava fazendo.

— Vocês têm razão seus peraltas. Se não se preside um país por decretos, também não se educa por decretos — ele compreendeu que estava errado. — Mas o primeiro que desrespeitar a...a...

— Pronto. Falava o nome. Que nome teria a nossa irmãzinha?

Cada um deu um palpite. Eu achava que deveria chamar Anne Rose. Acharam horrível demais, os bobões. Ricardo porque estava de olho em uma tinha esse nome. Pablo era indiferente. Papai não abria mão do nome Corine. Só que os quatro mosqueteiros não contavam com o querer de mamãe. Sim, porque, naquela casa, embora os homens fossem maioria, as mulheres tinham também suas vontades. E como tinham...

Mamãe queria que ela se chamasse Nicole e a irmãzinha ficou se chamando Nicole.

Depois da tentativa frustrada de papai querer educar-nos por decreto, ele foi ao hospital, buscar mamãe.

Em vez de irmos à aula, ficamos em casa, fazendo parte da comissão de recepção.

Pablo, desde cedo, mostrava-se emburradão. Sentia no ar, embora ninguém tivesse comentado, que ele era um sério candidato a perder os dengos e os carinhos de caçula.

Quando mamãe chegou, ele foi o primeiro a querer dar as boas-vindas à Nicole.

Sem percebermos, na nossa casa reeditava-se o velho mito da torre de Babel ao contrário: várias nacionalidades convivendo lado a lado, só que unidas, sem se dispersarem.

Papai, todo corujão, não parava de dizer.

— Olhem como ela se parece comigo...

Nicole parecia com ela mesma, ou seja, tinha o jeitão meio feioso de todo nenê recém-nascido, mas papai não parava de fazer elogios a ela, isto é, a ele próprio.

Foi o povo descuidar, Pablo meteu sua mãozinha, para Nicole o mãozão, na cara da coitadinha.

Ela abriu o berreiro e Pablo levou o primeiro pito.

UM BRASILEIRO INTRUSO

Mais tarde, começaram as visitas: *Madame* Dupin e Pierre foram os primeiros a chegar. À tardinha, Claire veio com Sarinha e Mariana.

Na saída, foi ela quem puxou conversa.

— *Marc*, olhe, eu sei que não é o melhor momento para falarmos disso, mas eu já tenho a minha resposta.

— Espere um pouquinho que eu vou levá-la, assim conversamos.

Claire despediu-se das amigas e fomos caminhando, em direção à sua casa.

— Então? — eu comecei, timidamente.

— Eu preferi escrever uma cartinha para você — ela disse, passando-me um envelope fechado.

Quando eu fiz menção de abri-lo, ela pediu que eu não o fizesse.

— Abra depois. Se você ler na minha frente, eu vou ficar sem graça.

— Então é porque a resposta é negativa, não é?

— Se eu tivesse que responder agora, eu não precisava escrever a carta...

Não demorei muito no portão. Ficamos conversando futilidades. Eu contei o protesto de inocência de Pablo, e as primeiras ciumeiras dele.

Voltei correndo para casa. Queria saber o que ela tinha a dizer.

Em casa havia mais visitas. Cumprimentei quem estava lá e fui para o meu quarto, trancando a porta.

Trêmulo, abri o envelope. Uma carta bem escrita, enorme até, saltou para as minhas mãos.

De um só fôlego, li o que Claire tinha a me dizer.

Marc, meu amigo.

Permita-me chamá-lo assim. É sempre bom, é sempre gostoso saber que sou querida por você. Isso me deixou muito contente. E eu também, creia-me, tenho muita simpatia por você. Desde aquele dia, lá na pracinha perto de Notre-Dame, quando você ficou com os olhos lacrimosos ao se referir à sua namorada, que eu passei a considerá-lo ainda mais. Você se mostrou humano, diferente dos outros rapazes que tenho conhecido.

Por isso, *Marc*, eu também quero ser sincera com você. E ser sincera quer dizer que eu não posso e nem devo ficar alimentando suas esperanças a respeito de um possível namoro entre nós. Não sei se você vai entender meu ponto de vista, mas eu não quero magoá-lo. Acontece, *Marc*, que eu entendo o namoro como se ele fosse uma plantinha. Não sei se você vai achar a comparação um tanto piegas, mas é assim que eu sinto... A plantinha, para crescer, precisa de adubo, precisa ser regada, precisa ser cultivada. Assim também é o amor. Precisa de carinho, de afeto, de a gente perder tempo com ele. No entanto, se a plantinha nasce em um terreno não-favorável, dificilmente ela se transformará em uma árvore. Assim é o nosso

namoro. Para dizer sem ficar dando voltas, indo direto ao assunto, o nosso namoro não tem condições de criar raízes. Você é um garoto brasileiro, que está aqui apenas por causa das circunstâncias. Isso quer dizer que, mais dia, menos dia, você volta para sua terra, para seu país. O que o segura aqui é apenas o fato de seus pais não poderem tomar o primeiro avião e voltar para o Brasil. E eu não tenho o direito de ficar alimentando algo que, mais cedo ou mais tarde, nós teremos de terminar.

Gostaria que você relesse esta carta e se colocasse em meu lugar. No entanto, gostaria de continuar a ser sua amiga. Um beijo carinhoso da

Claire

Li e reli a carta uma porção de vezes. E cada vez que eu relia, eu preferia ter a certeza de que não lera direito. Não adiantava. As palavras estavam ali, reais, terrivelmente reais para não ser verdade.

E o que ela me dizia, nas entrelinhas, estava muito claro: eu era apenas um garoto brasileiro que estava ali, em Sceaux, dando uma de abelhudo, de intrometido.

As palavras de Claire — garoto brasileiro! — feriam fundo, acusando-me como se eu fosse um impostor, um intrometido. Então era assim que eles, os franceses, me consideravam.

Para eles, eu era apenas mais um exilado, mais um sujeitinho de fora, que a França fazia o favor de suportar, de aturar.

Se Claire dissesse que não se interessava simplesmente porque eu não era seu tipo, tudo bem. Eu até teria entendido. Mas não. Eu era brasileiro, um intrometido, sem direito a me apaixonar por ela, e a causa era aquela: ela me considerava um abelhudo.

Quando Ricardo bateu à porta, engoli as lágrimas, escondendo a carta. Não queria que ele percebesse que eu estava naquele estado.

Ricardo veio contando mais uma estripulia do Pablo.

— Ele teve a petulância, Marcão, de arrastar a cestinha onde a mamãe guarda os remedinhos da Nicole, lá para a porta da rua...

Sorri do jeito entusiasmado com que ele contou o fato, mas eu sabia como Pablo estava se sentindo rejeitado. Resolvi sair. Fazer o que ali em casa? Todos estavam felizes com a chegada de Nicole, mas eu não estava a fim de ter que sorrir sem vontade.

Fiquei andando pela rua, sem destino. Na Rue Houdan — *rue pietonnée* — como os franceses chamam o calçadão, parei em um bar.

Pedi uma cerveja. Não tinha o costume de beber nem nas festinhas de casa, mas eu queria tomar o maior porre da minha vida.

O balconista atendeu-me, sem maiores complicações. Ou ele me achava maior de idade, ou ele queria apenas faturar, pouco se importando com a lei.

O primeiro copo desceu gostoso, limpando a garganta. Os outros desceram por conta da raiva, do desapontamento.

Pedi outra cerveja, logo que terminei a primeira. O balconista apenas exigiu

que eu pagasse adiantado. Pela experiência dele, sabia que à sua frente havia um alguém desiludido. E os desiludidos, como são esquecidos pelos outros, se esquecem de pagar a conta.

Na metade da segunda cerveja, meus movimentos foram ficando lerdos, meus reflexos não tão seguros.

Uma voz, ao meu lado, tirou-me dos meus pensamentos.

— *Brésilien*, o que você está fazendo por aqui?

A voz dele parecia-me distante, sumida, mas eu a reconhecia claramente.

— Que é isso, *brésilien!* Pierre, o dono da voz, insistia.

Com a voz pastosa de quem já não domina com perfeição as palavras, respondi qualquer coisa, sem tentar esconder o meu estado. Para quê?

Vendo que não adiantava conversar muito, Pierre convidou-me a andar.

Meio tropeçando, aceitei, não sem antes esvaziar o resto da garrafa.

— Vamos sentar em um desses bancos — ele estava solícito.

— Pierre — eu tentava organizar as frases. — Sabe duma coisa? As mulheres são todas iguais. Eu quero que elas se danem, tá sabendo?

— Então é por causa de mulher, é? — Pierre ficou mais sossegado com a minha declaração. Pelo menos estava definida a situação. — Não vai me dizer que você já está com ciúmes da Nicole...

A lembrança de minha irmãzinha fez-me rir, um riso nervoso, debochado.

— Sabe o que é, Pierre? Lá na Bolívia... — eu estava com dificuldade para coordenar as ideias, a voz pastosa. — Na Bolívia não. No Chile. Não, que Chile *mané* Chile. Lá no Brasil. É, isso mesmo. Eu sou brasileiro porque nasci no Brasil. Lá, quando nasce uma irmã, o mais velho dos filhos toma uma bebedeira em comemoração.

— Vocês, brasileiros, são mesmo uns malucos — Pierre censurou, não sei se acreditando no que eu disse.

— Malucos não — eu parei de rir, sério. — Os franceses, esses *filhaços*, podem nos achar tudo, menos malucos. Podemos ser intrometidos, abelhudos, mas malucos não, vê lá...

— Tá bom, *Marc* — Pierre sabia ser inútil discordar de um bêbado. — Mas por que você está dizendo isso de intrometidos, de abelhudos...

Não adiantava ficar escondendo de Pierre. Afinal, ele era o meu melhor amigo. Resolvi catar os cacos da minha emoção, tentar organizá-los e explicar o que havia acontecido.

— Pierre, você é um amigão e é por isso que vou mostrar o presente que recebi da Claire, ainda hoje.

Ajuntei coragem e, enfiando a mão no bolso, passei-lhe a carta, já um tanto amarrotada.

Pierre leu em silêncio. Depois tentou consolar-me.

— Agora eu entendo por que você está assim...

— E não é para ficar?



Cambaleando por causa da bebedeira, Marcão era amparado pelo amigo Pierre, que o consolava dos males do amor.

— Acho que há outros caminhos, outras maneiras de você resolver o problema. Bebedeira não é nenhuma solução. É fuga. O certo é você deixar de choramingar e batalhar o seu amor.

Virando-se para mim, ao devolver a carta, ele perguntou-me.

— Desde que horas você está fora de casa?

— Sei lá... Acho que desde antes do jantar, talvez...

— Pois então. Já são mais de nove horas da noite. Lá na sua casa o pessoal deve estar preocupado com a sua ausência. Você acha justo dar essa preocupação para seus pais? O que você acha que eles estão pensando? Que você está curtindo mágoas de amor? Será que eles não estão pensando que você sofreu um atentado ou coisa parecida?

Não era o mesmo Pierre que eu conhecia, brincalhão e alegre, que estava ali. Era um Pierre adulto, sério, muito compenetrado. Enquanto ele falava, eu ia caindo na realidade, vendo o vexame que eu estava dando.

Quando ele terminou, pedi desculpas. Batendo amigavelmente em meu ombro, ele ordenou:

— Levante-se. Vou acompanhá-lo até sua casa. E, quando perguntarem por que você está assim, não minta. Conte a verdade.

Em casa, papai estava visivelmente preocupado.

— Onde você andou, Marcão? Todo mundo preocupado com a sua ausência e você...

— E eu o quê? Não me enche não que eu estou bem — a voz denunciava o meu estado.

— Você andou bebendo?

— Andei. Por quê? — respondi mais ríspido. — Acabo de levar o maior fora e você quer que eu saia dando risada? Você nunca levou um fora na vida?

Papai compreendeu que não era hora de insistir.

— Tá bem, filhão. Acho melhor você ir para cama. E, se você sentir que o mundo está rodando, não se acanhe. Vá ao banheiro e meta o dedo na goela.

Caminhei até o quarto, despencando sobre a cama. O mundo, como papai profetizara, começou a rodar como se eu estivesse dentro de uma máquina de lavar roupa, com medo, levantei-me e fui ao banheiro. Metendo o dedo na garganta, vomitei bastante. Tornei a me deitar. Melhorara bastante. Entendi que papai, experiente em bebedeiras, também já levara algum fora na vida.

— Na manhã seguinte, acordei com uma dor de cabeça incrível. Dor de cabeça e a boca com um gosto estranho.

— Gosto de cabo de guarda-chuva? — papai perguntou, nós já na mesa do café.

— Sei lá que gosto tem o cabo de guarda-chuva, pai. Sei que é um gosto esquisito...

— É da bebedeira de ontem, filhão. Mas, agora que você já está bonzão, dá para dizer o que houve?

— Nem eu mesmo sei direito, pai. Eu me desentendi com a Claire. Eu estou a fim dela, mas não deu muito certo. Aí eu resolvi andar. Quando vi, eu estava no

bar, bebendo uma cerveja.

— Mas você não é disso, filhão.

— Eu sei que não. Até me estranhei. Quando vi...

— Quando você viu, já estava no maior dos pilequinhos, né? E, provavelmente, não voltaria tão cedo. Se não fosse o Pierre encontrá-lo...

— Ele contou?

— Lógico. Você não se lembra de ter chegado carregado por ele?

— Carregado?

— Digamos quase. Ele é que me tranquilizou, dizendo que você só tinha bebido duas. Para quem nunca bebeu nenhuma...

— Desculpe, paizão. Eu dei vexame, né?

— Nem tanto. A gente sempre tem o primeiro porre.

— Por quê? Depois há outros?

— Depois são os porres e as porradas da vida...

Despedi-me dele, dei um beijo em mamãe, que já ornamentava a pimpolha e ganhei a rua, rumo à escola. No liceu, encontrei-me com o Pierre.

— E a ressaca, *brésilien*?

— Puxa, Pierre, mil desculpas. Eu dei o maior vexame ontem, hein?

— Não, até que você é um bêbado bem comportado. Uma vez o Sorel entrou numa dessas, e ele sim é de dar escândalo, querendo bater em todo mundo.

— Estou péssimo, Pierre. Uma dor de cabeça infernal, um gosto esquisito na boca...

— Isso passa.

— Não sei, não. O mundo perdeu a graça para mim...

— Você logo se recupera.

— Sei não...

— Não vai me dizer que você vai ficar assim a vida toda... Nem bem o primeiro *round* terminou e você já se dá por vencido?

— Você leu a carta, não leu?

— Li, lógico. E sabe o que eu tenho a dizer?

— O quê?

— Aquilo era carta de uma garota apaixonada.

— Você acha?

— *Marc* — Pierre começou a filosofar — quando uma menina não gosta de um cara, você acha que ela vai gastar tinta, papel e tempo para escrever uma carta lindona como aquela? Ela já diz na fuça do sujeito para ele ir procurar a turma dele. No entanto, ela escreveu uma cartona, explicando o que só você não vê...

— O que eu não vejo?

— Que ela está apaixonada, *mon vieux*!

— É certo que ela precisa, digamos, ser trabalhada, *comprends*? É preciso

um pouco de conversa, um pouco de dengo. Ela está fazendo charme, cara!

— Você acha?

— Acho que você não deveria desistir. Vai com jeitinho, com tato, que você chega lá.

Na hora do recreio, eu a vi de longe. Aproximei-me, demonstrando naturalidade. Claire estava com a Sarinha e com umas meninas da classe dela.

— *Marc*, a sua irmã, como está? — Sarinha perguntou. Pronto, ficamos conversando fiado, falando de cocô de nenê, de fraldas, dessas miudezas.

No dia seguinte, tomei coragem e fui decidido a falar com ela. Claire estava numa rodinha de amigas.

— Dá para nós conversarmos, Claire?

Fomos para um lugar mais afastado do pátio, onde ninguém nos incomodasse.

— Pronto. Estou às suas ordens, *Marc*.

— Olha... eu li sua carta e... Bem, eu concordo com o que você quis dizer, mas...

Maldita timidez. Pois, no caminho para a escola, eu já tinha tudo decoradinho na ponta da língua. Sabia tudo o que eu iria dizer, o que Claire iria contra-argumentar, os prós, os contras e, ali, diante dela, eu ficava naquele estilo de sempre, tatibitate e mastigativo.

— *Marc*, o que eu quis dizer é que você é um carinha superlegal, supercarinhoso, superatraente, mas se a gente continuar nesse embalo, depois nós vamos nos machucar demais, entende?

— Você é sempre assim? — eu encontrara o fio da meada.

— Assim como?

— Sempre vivendo no depois? Você nunca vive o agora?

— Mas o agora acaba no depois, não?

— Mas o depois também é feito de agoras, não?

— Ih, não complique, vai!

— Não estou complicando, Claire. Eu só quero que você entenda que você não pode ficar vivendo, esperando o depois acontecer. O depois é o que a gente vive no agora. Agora eu estou gostando de você. Agora eu quero namorá-la. Agora, agora, agora...

— Mas depois você pode ir embora. Depois tudo isso que a gente construir vai se desmoronar. Depois...

— O que estou querendo dizer, Claire, é que não dá para viver o agora pensando no depois. Se fosse assim, seu pai não teria se casado com sua mãe, porque depois ele teria de ir para a guerra da Argélia, porque depois você ficaria órfã, porque depois... Eu já aprendi uma coisa na vida, Claire: viver o agora, porque o depois ninguém sabe o que será. Imagine se eu, quando saímos do Brasil, ficasse esperando o depois para viver. Sim, porque desde que tenho dez anos que vivo nessa vida de cigano. Uma vida que pode durar muito mais do que eu penso. É certo que eu posso voltar amanhã, no ano que vem, daqui a dois anos, sei lá... Como posso não voltar nunca mais. Mas isso, o depois, vai depender

sempre do agora, do que eu viver agora.

— Claire não tinha mais argumentos para discordar, ou não queria prolongar aquela batalha de frases e palavras. Preferiu silenciar.

— E eu não entendo o namoro só como um fim. Acho que nem eu nem você temos idade para namorar pensando em um compromisso sério, para casar... A gente namora para ver se dá certo, para ir se conhecendo, para... sei lá, tem tantos porquês, não?

Claire não dizia nada. Entendi que seria negativo ficar insistindo. Que ela pensasse. Resolvi concluir:

— Bem, Claire. Eu não quero mais aborrecê-la...

— Mas você não está aborrecendo...

— Olhe, você sabe o que eu sinto por você. Gostaria que você pensasse. A proposta continua de pé.

UM CONVITE INDECOROSO

Depois daquele dia, não insisti mais com Claire. Entendi que as coisas, se têm de acontecer, acontecem. Se ela tivesse que me namorar, que namorasse.

É lógico que dei um empurrãozinho. Nisso papai me ajudou bastante.

Depois da memorável bebedeira, ele se interessou pelo caso.

— Filhão, eu não sei se posso ajudá-lo, já que o meu tempo de namoro é bem outro. Naquela época, quando eu namorei sua mãe, o costume era diferente. Às nove da noite, eu já tinha que estar entregando a Tererê em casa. Demorasse um pouco no portão, dona Quiquinha, sua vó, já começava a fechar as janelas, as portas, fazendo bastante barulho para que eu desconfiasse que já eram horas. Hoje está tudo muito diferente. Hoje, às nove, o pessoal está pensando em começar a se arrumar para sair. É certo que os tempos são outros, mas acho que posso dar uma mãozinha. Você topa?

— Diz lá, paizão. Dê o mapa da mina que eu vou atrás.

— Você me disse, nas nossas últimas conversas, que a Claire não está nem aí, não é?

— É, mais ou menos isso...

— Não desista. Você precisa saber esperar. E, enquanto isso, procure se interessar por ela, procure estar sempre presente. Não um presente ostensivo, como se fosse corpo de bombeiro, um espalha-rodinha, mas um presente sutil, companheiro, amigo.

— Mas como é estar presente como corpo de bombeiro? — eu achava graça do termo.

— São esses sujeitos que pegam no pé, importunando. É como se chegassem com sirene aberta. Eles chegam na rodinha e todo mundo se manda...

— É, não é fácil estar presente, fingindo-se ausente, mas vamos tentar.

— Aí é que está a arte da coisa. Se você conseguir, vai ser tranquilo, você verá. Quando você não estiver por perto e ela sentir falta, percebendo que você está ausente, aí ela já estará apaixonada.

Segui à risca os conselhos paternos. E, com o tempo, senti que estava no caminho. Procurei ser amigo de Claire, estando a seu lado. Um amigo que sabia ouvi-la, que se interessava por ela, em quem ela podia confiar. E, enquanto isso, esperava.

Um dia, papai chegou com novidades.

— Tererê, sabe quem vem visitar a França?

— O presidente do Brasil?

— Como você adivinhou?

— O Geisel? — mamãe se espantava por ter adivinhado, já que falara por falar.

— Vem agora, em abril. Já era certo, mas entre ter certeza e a coisa acontecer vai uma grande diferença.

— Você vai estar presente?

— Não gostaria de perder essa oportunidade. O jornal está tentando conseguir uma credencial. Mas está meio difícil. Minha presença incomoda bastante...

O telefone tocou e corri a atender, desinteressando-me da conversa dos dois. Era Claire.

— *Marc*, tudo bem? Qualquer dia desses preciso ir a Paris. Você não quer me acompanhar?

Lógico que eu queria. Mas que pergunta! Ou será que ela achava que eu preferia ficar discutindo futebol com o Juca, o Sorel, a moçada toda, ou então discutindo política e a vinda do presidente do Brasil?

— Eu tinha algumas coisas para fazer, Claire, mas eu aceito sim — menti.

— Olhe, eu não quero atrapalhar. Não é hoje, mas um dia desses...

— Então, tudo bem.

No dia combinado, tomamos o metrô. Claire tinha que entregar algumas encomendas, alguns vestidos e comprar alguns aviamentos.

Depois de terminada sua missão, quando estávamos perto da Gare de L'Est, ela sugeriu:

— Posso fazer um convite, *Marc*?

— Depende. Se não for indecoroso...

Ela riu, completando.

— Que tal se nós formos àquela pracinha...

— Àquela perto de Notre-Dame?

— Isso mesmo. A Vert-Galant.

— Aceito. Convites indecorosos como esse aceito sem pestanejar.

— Então vamos tomar aquele ônibus. Ele passa na Rue de Rivoli, pertinho da Pont Neuf.

— Fomos. Descemos na Rivoli, atravessamos a Pont Neuf, uma ponte antiquíssima, construída quando Camões deveria, em Portugal, estar escrevendo *Os lusíadas*.

Chegando à pracinha, sentamo-nos no mesmo banco da primeira vez e a conversa fluiu gostoso.

— *Marc*, posso ser direta?

— Deve.

— Aquela proposta ainda está de pé?

— Bem, Claire — eu assumi uma atitude pedante —, eu tenho vivido de déu em déu, tenho sido muito inconstante em muitas coisas, mas aquela proposta ainda continua valendo sim.

— Eu tenho notado uma coisa interessante que está acontecendo comigo. Eu nem deveria dizer assim, de maneira tão direta, mas eu tenho sentido falta de você. É engraçado, mas quando você não está por perto, eu sinto falta.

Batata! A teoria do velho Zé Maria estava funcionando.

— Bem, eu acho que você deve evitar isso. Afinal de contas, depois você

pode sofrer, depois você pode se magoar, depois...

— Quer deixar de ser cínico, *Marc*? Acabo de me declarar e você fica zombando de mim?

— Zombando de você, menina? — eu disse, com sinceridade, tomando a liberdade de acariciar o rostinho dela. — Quer saber de uma coisa, Claire, sem segredos? Você não imagina o quanto eu esperei por esse momento... Isso é a coisa que eu mais queria...

— Verdade? — Claire aproximou seu rosto.

— Preciso provar?

— Precisa. Eu não acredito em brasileiros intrusos e abelhudos...

— Não? Pois eu provo, sim, senhora.

Claire cerrou os olhos, oferecendo seus lábios num beijo gostoso, puro, sem pressa. Um beijo de quem queria se dar a conhecer. Depois, ela aninhou seu rostinho no meu ombro, enquanto eu a abraçava com ternura.

— Você andou conversando com o Pierre, aquele linguarudo, é?

— Hum, hum...

— Então ele andou contando também que eu...

— Que você tomou um porre homérico... Fingi que estava nervoso e ameacei levantar-me.

— Eu vou tirar satisfações com ele.

— Vai não, bobinho. Ele está tão longe, eu estou tão pertinho. Fica aqui, fica.

Ficamos ali um tempão, preocupados apenas em nos querer bem. Quando olhei em volta, percebi o mesmo homem de óculos escuros sentado por ali. Estremeci. Ele nos olhava fixamente, como da outra vez. A seus pés, o mesmo cão policial esperava ordens. Claire percebeu meu estremecimento.

— O que foi, *Marc*?

— Aquele sujeito está nos olhando fixamente. Mas dessa vez eu vou encará-lo.

Foi apenas questão de um minuto. Mas pareceu um século. O homem segurava o cão por uma corrente. De repente, levantou-se. O cão, fiel, pôs-se a andar, vindo em nossa direção. Mas mudou a rota, ao contornar o canteiro. O homem, batendo a bengala que trazia na mão, tateava o chão. Passou por nós e se perdeu entre os canteiros.

Claire suspirou aliviada e começamos a rir.

— *Marc*, você não tem vergonha de ter medo até de um pobre ceguinho?

— Eu, medo? — fiz uma careta de destemido e valente. Pois eu já estava pronto para...

— Para quê? — Claire sorriu.

— Para... bem... para... pular no Sena e sair nadando — completei, começando a rir gostoso, sabendo que não existia mais nenhum perigo.

ENCONTROS PRESIDENCIAIS

No caminho para Châtelet, nossa estação, uma nova surpresa nos aguardava. Em um dos cruzamentos, o trânsito de carros e pedestres ficou interrompido bruscamente, enquanto vários batedores da polícia abriam caminho. Em um dos carros, tremulava a bandeira francesa e uma bandeira que eu conhecia de há muito: a bandeira brasileira.

— Nossa, *Marc!* Quantos carros! Deve ser algum figurão...

— E é. Papai ainda falou nisso há uns dias... — surpreso, eu mal conseguia pensar direito.

— Quem é?

— O presidente do Brasil, o Ernesto Geisel — eu disse, ainda tomado pela surpresa.

— *Marc*, você está bem? — Claire preocupava-se, vendo que aquele encontro repentino mexera comigo.

Enquanto o cortejo de carros sumia pelas movimentadas ruas de Paris, eu tentava recuperar o sangue-frio.

— Emocionado, *Marc*? — Claire insistia.

— Estou emocionado, sim, Claire, mas é por outra coisa — eu me controlava, não querendo demonstrar meu estado.

— É pela gente, pelo nosso amor novinho...

À noite, quando eu estava às voltas com uma pesquisa sobre o Brasil para a aula de Geografia, papai chegou. Estava meditativo, com um olhar de quem pensa no passado.

— Engraçado como é a vida, né, Tererê? — ele falou, sentando-se no sofá, enquanto mamãe era só olhos para Nicole.

— Engraçada? É muito complicada, isso sim.

— Não, não é isso que eu queria dizer.

— Então fale logo, Zé — mamãe pediu urgência, pois estava numa delicada operação de troca de fraldas.

— Hoje eu participei da entrevista coletiva com o novo presidente do Brasil, o Geisel...

— Ah, então você conseguiu a credencial? — mamãe perguntou, enquanto eu relatava que havia visto o cortejo presidencial na cidade.

— Consegui. Acabaram me arrumando na última hora...

— E aí?

— Quando eu disser, você vai até cair de costas. Portanto, sente-se direitinho aqui, agora que a menina já está de fraldas limpas.

— O que é?

— Sabe quem estava na comitiva presidencial?

— Não faço nem ideia. Devia estar o Giscard d'Estaing — o presidente da França — o embaixador do Brasil, mais o...

— Esses aí são arroz-de-festa. Evidentemente que eles deveriam estar na recepção, nos acontecimentos todos. Mas não estou falando deles.

— Fala logo, então, pai — eu pedi. — Preciso terminar este trabalho e você fica fazendo onda...

— Encontrei o cabo Cirilo.

— Quem? — não só mamãe, mas até eu teria caído para trás se não estivéssemos sentados.

— Em carne, osso e farda engomada.

— O cabo Cirilo? — mamãe não se conformava. — Mas como?

— Para você ver como a vida é engraçada. De soldadinho de chumbo, de um cargo obscuro no interior, a assessor dos homens.

— Ele deve ter se tornado um grande puxa-saco nesses seis anos para ser promovido assim. Mas ele o viu?

— Viu e eu mesmo fiz questão que ele me visse bem de pertinho.

— Ele deve ter levado um susto ao vê-lo jornalista do *Le Monde*.

— Acho que não. Ele deve saber que estou na França há três anos. E se ele sabe de todos os meus passos...

— Espera aí, pai — eu raciocinava. — Se ele acompanha o que o senhor anda fazendo...

— O atentado fica mais claro, né, Marcão? — papai adiantava-se, concluindo.

— Fica, lógico! — mamãe também concordava. — Pois ele jurou, quando você fugiu de Canaviápolis, que iria pegá-lo, vivo ou morto. Jurou na minha frente...

— Eu sei que fica mais claro, mas eu não posso provar que tudo isso é maquinação dele. Ele deve ter influências no governo e deve ter mexido os pauzinhos, mas o importante é que, com aquele escândalo todo da prisão do ex-soldado, eles ficaram mansinhos. Eu tinha certeza de que jogar a opinião pública em cima deles iria funcionar, como funcionou...

— Ele disse alguma coisa? Ameaçou você? Quis prendê-lo?

— Não disse e nem ameaçou. Mas o gostoso, Tererê, é que o encarei de frente, sem medo, sabendo que ele não poderia levantar o dedo mindinho para me prender. Olhei-o com sabor de vitória nos lábios e ele sentiu isso...

— Mas que vingança deliciosa! Se eu soubesse disso, gostaria de estar lá, olhando bem nos olhos dele — mamãe começou a se exaltar. — Eu ia dizer umas boas para ele ouvir...

Nicole, assustada com o tom de voz de mamãe, começou a chorar. Foi o suficiente para terminar com a braveza dela.

— O que foi, filhinha? Não chore, não. Mamãe não vai assustar mais você, viu? Naninha, naninha. Vamos nanar, vamos!

UMA AULA SOBRE O BRASIL

Depois que mamãe deixou a sala, papai perguntou sobre o que eu pesquisava.

— Sobre o Brasil.

— Brasil? — ele levantou-se do sofá, vindo sentar-se à mesa, interessado. — E o que você descobriu?

— Pouca coisa. Acho que bem menos que o Pedro Álvares Cabral...

— Mas por que essa pesquisa, filhão?

— *Monsieur* Fauré, o professor de Geografia, mandou que cada um fizesse uma exposição rápida sobre sua terra, ou cidade onde nasceu, ou mesmo sobre a região...

— Interessante isso. Esse professor não é aquele que mandou vocês saírem entrevistando as pessoas nas ruas, entrevistando as autoridades de Sceaux, perguntando sobre os problemas da cidade e as possíveis soluções?

— Ele mesmo. Em vez de mandar a gente decorar dimensões territoriais, nomes de montanhas e de capitais, ele propõe umas coisas bem diferentes...

— E para quando é isso?

— Para o fim da semana que vem.

— Pois eu tenho uma ideia, Marcão.

— Qual?

— Por que vocês todos não fazem uma exposição só?

— Todo mundo junto?

— Isso mesmo.

— A ideia é boa, mas cada aluno tem feito o seu...

— Você pode propor isso ao professor, não pode?

— Poder eu posso...

— Sabe, Marcão, desde aquela época em que o Rico ficou chorando por causa daquele trote que o Juca passou nele que eu venho me preocupando. Essa ideia da aula vem justamente unir a fome com a vontade de comer...

— Como assim?

— Acho que vocês têm estudado muito, mas é sempre o país dos outros, os heróis dos outros, as fronteiras dos outros. Vocês não sabem nada sobre o Brasil. O Juca não sabe o hino, nem o Rico. Muitos de vocês já nem sabem pensar em português, estou certo?

— Isso é. Eu mesmo tenho dificuldades nisso.

— Não sabem nem mesmo o porquê de estarem exilados. Eu converso com os outros brasileiros e eles reclamam isso dos filhos. Mas também não sabem como resolver o problema. Eu confesso que me sinto incoerente, às vezes. Vivo escrevendo e discutindo o Brasil, através de artigos para jornal, enquanto vocês não sabem o que está acontecendo lá...

— É, você tem razão.

— Vocês me parecem mais um bando de meninos sem pátria.

— E somos, não somos?

— Por isso mesmo eu tinha pensado até em convidar o pessoal para umas reuniões aqui em casa...

— Para quê?...

— Para falarmos do Brasil.

— Só pensou, né?

— Eles não vão gostar, não é?

— Não. Vai ficar parecendo aquele programa que a vovó grava e manda para você. Como é mesmo o nome?

— A voz do Brasil?

— Esse aí. Você mesmo disse que lá no Brasil o pessoal até desligava o rádio quando ele começava...

— É o que imaginei... Fica muito formal. Mas está aí a oportunidade. Você pode reunir a turma em torno dessa exposição, desse seminário...

— Mas na minha classe tem só a Sarinha, pai!

— Mas o professor não deve ter proposto isso nas classes dos outros alunos?

— Pode ser. Ele dá aula nas *troisièmes*. E lá tem a Mariana e o Ângelo. Nas outras classes tem o Pedro e o Juca.

— Pois leve a ideia para os colegas. Se eles concordarem, fale com *Monsieur* Fauré.

No dia seguinte, falei com a Sarinha e com o Ângelo.

— Será que *Monsieur* Fauré aprova? — Sarinha perguntou, já tendo comprado a ideia.

— Lógico que vocês têm minha aprovação. Pois eu tenho uma proposta melhor. Em vez de fazerem só na classe de vocês, *Marc*, é possível reunir todas as *troisièmes*.

— Mas não vai caber na classe.

— Pois fazemos no anfiteatro. O que vocês acham?

— Mas aí não pode ser uma exposição sem compromisso. Vai acabar sendo uma...

— Uma aula mesmo — ele concluiu. — Uma aula sobre o Brasil.

— Aula? — eu tremi, não querendo acreditar que fôssemos capazes.

— E por que não? Vocês reúnem o pessoal, montam um esquema e dão a aula.

— Vai dar um trabalhão, professor — inseguro, eu ainda tentava desistir da proposta.

— Mas que dê. Acho que seria uma oportunidade rara de vocês ficarem sabendo coisas do país de vocês. Às vezes eu me pergunto se tem alguma validade vocês ficarem sabendo só a respeito da França. É importante, por causa

do currículo, mas muito mais importante é que vocês se voltem para seu país — *Monsieur* Fauré estava entusiasmado. — E então?

— Pode deixar, professor. A gente aceita — Ângelo adiantou-se. — Mãos à obra, pessoal!

— Só que vamos precisar de mais tempo, professor — eu capitulava de vez.

— Pois eu dou mais uma semana. Não havia mesmo como desistir.

UMA BANDEIRA PINTADA POR UM FRANCÊS E UM HINO NACIONAL DESCONHECIDO

No dia seguinte, começamos a nos reunir. Eu, a Sarinha e o Ângelo.

E foi só começarmos a falar sobre o Brasil, a Sarinha disse que gostaria de voltar.

— E você, Ângelo? — ela perguntou.

— Ba, eu também quero voltar para os meus pagos, rever minha querência, deixar essa vida de gaudério, levando manotaços sem parar.

O Ângelo, esqueci de apresentá-lo, era gaúcho de Alegrete. Estava há um bom tempo na França, mas como todo bom gaúcho, ele guardava com carinho as coisas do Rio Grande. Só que, de vez em sempre, ele exagerava.

Naquele momento, por exemplo, ele queria dizer que estava com saudades de seus pagos, de sua querência, isto é, de Alegrete, e que queria deixar a vida de gaudério, de andarilho, levando manotaços, ou seja, levando safanões da vida.

Pesquisando aqui, lendo ali, fomos vendo que o Brasil era um país continental, imenso, onde conviviam diferenças enormes. Comentando isso com os dois, Ângelo deu a ideia de colocarmos um nome na nossa aula.

— Tu pode chamá-la de BRASIL — PAÍS DE CONTRASTES — ele opinou, naquele jeito meio cantado de falar, empregando a segunda pessoa do singular, mas usando o verbo na terceira.

— Essa ideia é boa — Sarinha aprovou de imediato. — E podemos até ir trabalhando esses dados que estamos conseguindo, comparando com os da França...

— Isso — Ângelo se entusiasmava. — Assim a aula perde aquele ranço de patriotada, de só ficarmos falando bem da querência da gente.

— E ganhamos os franceses — concluí —, porque estaremos falando deles também.

— Eu vou pedir para o Pedro, que desenha muito bem, para ele fazer uns cartazes convidando todo mundo. Se ele fizer dois, um eu coloco na cantina, outro na entrada dos alunos...

— Isso mesmo, Sarinha. Assim todos vão ficar motivados...

— Essa aula vai ficar marcada na paleta para o resto da vida, tchê!

— Traduza, Ângelo.

— Ba, tu não entende nada mesmo. Vai ficar marcada para sempre, mais ou menos isso.

Pedro não só fez os cartazes, mas chamou o Juca e a Mariana para participarem das reuniões. Isso gratificou demais porque foi algo espontâneo. Nós havíamos convidado, mas queríamos que fosse uma adesão livre, sem imposições, para não virar uma coisa chata.

E, pesquisando, fomos descobrindo uma série de novidades.

Em uma das noites, Juca veio com a primeira delas: segundo ele pesquisou, os brasileiros deveriam chamar-se brasilienses. Brasileiro era o português que

vinha enriquecer na colônia, uma espécie de "fazer a América". Seria o que os franceses chamam de *nouveau-riche*, de novo-rico...

Sarinha trouxe outra: a nossa bandeira — pasmem! — foi pintada por um francês, um tal de Debret, que esteve pelo Brasil numa viagem diplomática. Ele pintou a bandeira do D. Pedro I e ela serviu de modelo para a bandeira atual.

— Se os franceses ficam sabendo, vamos ter de aguentar muita gozação — Juca pediu para nem tocarmos no assunto.

— Sem essa, Juca. É preciso assumir nossa colonização cultural... — Pedro falou difícil.

Mas a novidade-bomba ficou por conta do Juca. E pegou todo mundo de surpresa, até o Ricardo.

Ele contestava o início do Hino Nacional, dizendo que não era o conhecido "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas..."

— Mas como não? — o Ricardo teimou. — Nessa você não me pega mais, seu portuguesinho...

E não é que o Juca provou o que dizia? Aquele pedacinho inicial, que ele disse que se chamava protofonia, tem letra.

— É assim, ó — disse ele:

"Espera o Brasil
Que todos cumprais
O vosso dever.

Eia, avante,
Brasileiros,
Sempre avante.

Gravai o buril
Nos pátrios anais
Do vosso poder.

Eia, avante,
Brasileiros,
Sempre avante.

Sem esmorecer
Com ânimo audaz
Cumpri vosso dever
Na guerra e na paz.

À sombra da lei
À brisa gentil
O lábaro erguei
Do belo Brasil
Eia, sus, ó sus!

Quando ele terminou, batemos palmas, boquiabertos. E mais boquiabertos ficamos quando soubemos que no Hino Nacional tem dois versos que não são do Duque Estrada, o letrista do hino, mas sim da Canção do exílio, poesia do Gonçalves Dias.

O BOATO DA SEMANA

Por aqueles dias, no liceu, estávamos numa rodinha eu, Claire, Pierre, Sarinha, o pessoal quase todo.

Claire havia cobrado a minha indiferença. Naqueles dias, ocupado com as pesquisas, até esqueci-me dela.

— Nem telefonar você telefonou, *Marc*...

— Sabe o que é, Claire? Eu estou entusiasmado com... Nesse momento, Ricardo e Juca chegaram esbaforidos.

Mostrando um recorte do *Jornal do Brasil*, os dois perguntaram:

— Vocês já leram?

— Era um artigo de fundo, onde o articulista discutia a necessidade da assinatura da anistia, da volta dos exilados ao Brasil.

Sendo mais realista, resolvi esfriar o entusiasmo dos dois.

— Em primeiro lugar, isso é só uma opinião de um articulista, nada mais.

— Em segundo, guris — Ângelo opinou ele está aventando uma hipótese. Em terceiro, não existe nada de concreto.

— Em quarto, até hoje tem gente sendo cassada lá no Brasil. Portanto, continuamos exilados...

— É. Eu tenho que concordar com vocês. Para quem viveu um tempão no Chile e outro tanto em Portugal que nem eu, só depois de assinado, carimbado e registrado em cartório é que posso acreditar...

— Você também esteve no Chile, Juca?

— Até o golpe militar. Aí pulamos para a embaixada de Portugal. Vivi quatro anos lá e agora estamos cá...

— Então, com você aconteceu o mesmo que comigo e com o Rico — eu me identificava com ele. — Só que, na hora de pular, nós fomos para a embaixada da França, vindo direto. E você, Pedro? — perguntei, motivando a turma a falar de algo que sempre evitávamos.

— Eu saí direto para a Suécia! Depois, meu velho veio para Paris por causa da firma onde ele trabalha. Você esteve na Argélia, não foi, Mariana?

Cada um de nós estivera em um país diferente, sabendo tudo sobre eles, menos sobre o nosso, o Brasil.

— Por isso é que eu acho que a aula que estamos fazendo, além de dar um conhecimento, está unindo a gente.

— E vocês nem convidam a gente, né? — Pierre estava enciumado.

— Pois estão convidados. Você e a Claire são os nossos convidados de honra — Mariana convidou, piscando cúmplice para mim. — Assim não separamos os namoradinhos...

— Por falar na nossa aula, turma, eu gostaria de dançar a chula...

— Dançar o quê, Ângelo? — perguntamos, ao mesmo tempo.

— Eu acho legal — Sarinha concordou com a proposta.

— Eu já vi o Ângelo dançar a chula. É muito legal.

— Mas como é isso? — estávamos curiosos.

— A chula mesmo a gente dança em redor de uma lança, mas se me arrumarem um cabo de vassoura dá para mostrar como é — Ângelo começou a explicar o que era a dança, enquanto alguém foi buscar o que ele pedia. — A chula é um desafio de amor. Cada desafiante deve sapatear sem tocar a lança. E o sapateado tem de ser cada vez mais criativo, mais original.

Trazido o cabo de vassoura, Ângelo demonstrou que era craque mesmo. Pierre, muito atrevido, metido a sabidão, quis experimentar. Não demorou muito, coisa de dois ou três sapateados, tropeçou e caiu sentado no chão.

— Aí, metidão!

— Vocês, brasileiros, têm cada dança sem graça — disse ele, levantando-se e massageando os fundilhos.

— No dia fica melhor porque eu vou pilchado a caráter, com esporas e tudo. E depois, o anfiteatro é assoalhado, o sapateado fica mais forte.

— Você vai o quê? — alguém perguntou. — Pilchado?

— É, pilchado. Vocês não usam este termo? Ninguém usava.

— *Pilchado* quer dizer "vestido", "trajado"... Aprendíamos mais uma.

— Tá aprovado, turma?

— Eu acho que sim, não? — Sarinha comprava a ideia. — A dança, acho que dá um toque visual, além de ser vibrante, de dar impacto. É certo que é muito regionalista, mas é positiva.

— Tá faltando uma coisa nessa nossa aula. — Pedro lembrou. — Falta falar de política.

— Foi bom você falar nisso, Pedro — eu pedi a palavra. — Eu fiz um apanhado desde 64, quando deram o golpe, falando dos governos militares, fechando com o porquê do nosso exílio. É pena que não vai dar para ler. Está quase para bater o sinal, mas está bem arrumadinho. Depois eu lhe mostro.

Juca achava que cada um de nós deveria fazer um depoimento pessoal, narrando sua experiência de exilado. Discordamos.

— Isso vai gastar muito tempo, Juca. E, depois, nem todo mundo quer falar nesses detalhes.

— Todos concordaram com Pedro.

— Marcão, em vez de ler, dá para você falar o que você escreveu? Lendo fica muito formal, muito distante...

— Muito chato, você quer dizer, Pedro?

— Eu não quis dizer isso, mas já que você colocou assim, é isso mesmo, fica chato.

— Bem, eu posso tentar.

— Então, eu acho que a gente deve fechar com você falando isso, mas de improviso. Não faz mal que você gagueje, que você erre um pouco.

— Depois que o Marcão falar, aí podemos fechar com o Hino Nacional...

— A ideia de Sarinha foi aprovada unanimemente.

UM 7 DE SETEMBRO EM MAIO

A aula foi um sucesso. Tivemos o cuidado de fazer até ensaio. Nisso a Mariana revelou-se uma excelente diretora de teatro.

Em vez de fazermos uma aula expositiva, paradona, nós procuramos motivar o pessoal, sempre contando com a participação da plateia.

— Nós gostaríamos de iniciar a nossa aula, que chamamos de BRASIL — PAÍS DE CONTRASTES, fazendo um desafio a vocês.

Sarinha estava meio insegura, mas muito simpática.

— Nós vamos dar um disco com músicas brasileiras a quem souber, prestem bastante atenção, quantas Franças cabem dentro do Brasil...

O desafio, assim de chofre, gerou polêmica. Uns achavam que o Brasil é que tinha que caber dentro da França, enquanto outros tentavam adivinhar.

— Calma lá, pessoal — Ângelo ajudava a por ordem no pedaço. Vamos fazer o seguinte. Cada um sobe aqui no palco e dá um palpite. Você aí, guri — ele apontou um garoto, acho que o Victor.

— Umas três — ele tinha certeza de que estava exagerando, para ser engraçado.

— Negativo! Outro! — Sarinha chamou o segundo.

— Dentro do Brasil deve caber umas cinco Franças.

— Não. Outro!

— O terceiro foi categórico.

— Podem me dar o disco que eu vou acertar. Cabem sete Franças...

— Nada disso. Mais um — Sarinha convocou o quarto, fazendo questão de dizer: — Olhem, só para vocês terem uma ideia, Minas Gerais, Estado em que o Marcão nasceu, é maior que a França...

— Posso exagerar? — um loirinho sorriu.

— Pode.

— Cabem dez.

— Pode subir o quinto. Vou dar mais uma informação: no maior Estado brasileiro, o Amazonas, cabem duas Franças, a Itália e sobra espaço para mais seis Bélgicas...

— Cabem onze?

— O sexto, por favor. E mais uma dica: O Brasil tem 8 500 000 km2, enquanto a França tem 540 000 km2. E estou arredondando para facilitar a vida da maioria. Agora façam as contas.

A grande maioria tratou de agarrar nos lápis, fazendo as contas. Jean-Paul foi o primeiro a se apresentar.

— Pronto, Jean-Paul? — incentivava Sarinha. — Vamos ver o que ele conseguiu.

— Cabem quinze Franças e ainda sobra espaço.

— Isso mesmo. Está certo. Cabem quinze Franças e ainda sobra espaço para colocar a Itália e Portugal.

Enquanto Sarinha entregava o disco a Jean-Paul, Pedro tomou a palavra, pedindo silêncio.

— Como vocês viram, o Brasil é mesmo um país continental, imenso. Tão imenso que tem quatro fusos horários, estados enormes, fazendo fronteira com dez países, quase todos os da América do Sul, ficando de fora apenas o Chile e o Equador, como vocês podem ver neste mapa aqui.

Nossa aula estava mesmo muito bem organizada, com mapas, gráficos; com todos os recursos que conseguimos usar!

— Maior que ele, só a Rússia, o Canadá, os Estados Unidos e a China. Mas, não é à toa que chamamos essa nossa exposição de BRASIL — PAÍS DE CONTRASTES. O maior Estado brasileiro, o Amazonas, que é este aqui, por causa da floresta amazônica, é tão despovoado que não chega a ter um habitante por quilômetro quadrado. O território é tão grande que existem cidades maiores que a Bélgica...

— O Pedro — Juca adiantou-se — tem razão quando diz que o Brasil é um país de contrastes. Lá deve haver umas três mil e quinhentas a quatro mil cidades. Vocês sabem quantas livrarias existem lá?

— Umas trinta mil? — alguém da primeira fila palpitou.

— Não, não. Devem existir umas trezentas ou quatrocentas.

— Então, tem muitas cidades sem livrarias? — outro espantou-se.

— Existem mais de três mil e quinhentas cidades sem livrarias. Enquanto isso, só no Quartier Latin, bairro de Paris, deve ter umas quatrocentas...

— Outro dado que é importante dizer a vocês — era minha vez de interferir — é que, apesar de o Brasil ser quinze vezes maior que a França, ele tem mais ou menos um milhão e trezentos mil quilômetros de estradas, nem sempre asfaltadas, enquanto a França, quinze vezes menor, tem o mesmo tanto, mas todas asfaltadas.

— Isso sem falar na taxa de mortalidade infantil — Mariana ajudava. — Em nosso país, de l 000 crianças nascidas, morrem umas 170, enquanto aqui morrem apenas onze.

— Quanto às ferrovias — Sarinha expunha, na sua vez —, elas somam, no Brasil, uns 30 000 km, contra mais ou menos 37 000 km aqui da França.

— Usando o método comparativo, ficava muito mais fácil fazer com que todos compreendessem o gigantismo territorial brasileiro e seus contrastes tão marcantes.

Mostramos a eles as várias diferenças entre as regiões e suas características.

Depois que o Ângelo, já pilchado a caráter, dançou a chula, desafiando dois ou três que, nem bem começaram, tiveram o mesmo fim que Pierre, indo ao chão, tomei o microfone e comecei a falar:

— Para terminar, eu gostaria de pedir licença a vocês para fazermos uma pequena comemoração, que é muito importante para nós, os brasileiros.

Eu estava tenso, ao ver que ficara sozinho no palco, mas confiante no que tinha a dizer.



Marcão e os colegas brasileiros expunham, a uma platéia de franceses atentos, um pouco das coisas do Brasil.

— Nós queremos comemorar aqui e agora, a data de nossa independência. É certo que ainda está longe, já que o nosso 14 Juillet acontece dia 7 de setembro, e nós ainda estamos em maio. Mas não faz mal. Há muito tempo nós não temos podido comemorar essa data...

O silêncio que todos faziam, de olhos fixos em mim, deu-me confiança, chegando a emocionar-me.

— Mas, como vocês sabem, estamos proibidos de pisar o solo brasileiro. Muitos de nós, para ser franco, acho que nunca comemoramos o 7 de Setembro. Muitos de nós temos vivido sempre fugindo de país em país, como se fôssemos bandidos perigosos. Por isso, quero agradecer a *Monsieur* Fauré a oportunidade que ele nos deu, de aprendermos, com esta atividade, muitas coisas sobre o nosso país, sobre a nossa pátria.

Nessa hora, sem que eu pedisse, o pessoal irrompeu em uma vigorosa salva de palmas. *Monsieur* Fauré levantou-se e agradeceu de onde estava.

— E estamos fugindo, simplesmente porque nossos pais não concordam como que está acontecendo no Brasil. Por isso, muitos de nós já se acostumaram à ideia de sermos chamados de meninos sem pátria. Sinceramente, nós não sabemos se vamos um dia voltar ao Brasil. Mas, se voltarmos, seja amanhã, depois, daqui a dois ou três anos, sei lá, nós somos muito gratos a vocês. Gratos pela hospitalidade, pelo carinho e pela amizade.

Nova salva de palmas espocou entre o pessoal.

— E, para terminar — eu pedia silêncio —, quero chamar aqui em cima do palco todos os brasileiros para cantarmos o nosso Hino Nacional. E que este nosso canto seja não só um grito pela liberdade, para que as pessoas nunca mais precisem abandonar seus países por pensarem de modo diferente, mas que seja também a maneira de expressarmos o nosso agradecimento à acolhida de vocês.

Quando terminei de falar, o pessoal já em cima do palco e o hino começando, eu não acreditava que tivesse falado tudo aquilo. Falara sem medo, sem gaguejar, com coragem, muita coragem.

No final, os mais chegados vieram cumprimentar-nos. Pierre foi o mais efusivo.

— *Brésilien*, vem cá. Dê um abraço forte, amigão!

Foi gostoso receber aquele abraço. Senti-me recompensado pela trabalheira toda.

Uma coisa apenas me desagradou muito: Claire, em vez de se aproximar, virou as costas, abandonando o anfiteatro, sem nem me lançar um olhar.

Na saída, no entanto, ela me aguardava.

— *Marc*, me leva para casa? — ela me pediu, silenciosa, sem fazer festa.

Começamos a andar, lado a lado, sem conversar.

— Fiz alguma coisa errada, Claire?

— Errada? Pelo contrário... Você foi o mais comunicativo de todos. Quando você fez o seu discurso, notei que muita gente do meu lado estava emocionada...

— Você nem me cumprimentou...

— Posso ser sincera? Eu fiquei sentindo saudades de você...

— Saudades? — eu parei, sem entender. Claire tinha os olhos marejados de

lágrimas.

— Senti que a volta de vocês é questão de tempo, não sei... E o pior, *Marc*, é que estou me apaixonando cada vez mais por você...

UMA NOTÍCIA DE TIRAR O FÔLEGO

No começo de 1979, com a posse de João Baptista Figueiredo, o general que substituiu o presidente Ernesto Geisel, as notícias sobre a anistia eram cada vez mais fortes. Não mais artigos esparsos, mas o comentário constante de todos os jornais brasileiros.

— Tererê, se o novo general assinar a anistia, não será por boa vontade dele, não. A pressão da sociedade, os fatos, o momento histórico, há uma série de dados que pesam na balança. Mas eu só vou acreditar nisso quando a coisa estiver no papel, assinadinha.

— Pois eu só acredito quando estiver arrumando as malas — mamãe concordava.

Ricardo ia mais além.

— Quando eu estiver dentro do avião, aí eu vou ter certeza disso. E você, Marcão?

Eu, que já cursava a *seconde*, que corresponde à primeira série do segundo grau, era de opinião que, enquanto estivesse tudo combinado, mas nada resolvido, eu ia estudando. Na verdade, eu não queria pensar em anistia. É certo que eu sentia saudades do Brasil, dos colegas, dos parentes, principalmente de vovó Quiquinha, mas na França havia a Claire, por quem eu estava perdidamente apaixonado. O melhor era não pensar, entender as notícias como simples boatos.

Mas, apesar de nossa descrença, as notícias eram cada vez mais fortes a respeito da anistia. Tanto é assim que, volta e meia, nos pegávamos falando frases do tipo: "quando a gente puder voltar ao Brasil", "quando estivermos voltando", "assim que pudermos voltar", "quando", "quando", "quando"...

Que diferença de tempos atrás, onde as frases expressavam a preocupação sobre qual país nos receberia na próxima fuga...

No final de agosto, tão logo voltamos das férias, um dia papai chegou da rua com o *Le Monde* nas mãos. Estávamos almoçando e mamãe chegou mesmo a dar bronca.

— Por que você demorou, Zé? Todo mundo esperando para almoçarmos!

Papai deu uma desculpa qualquer. Sentou-se à mesa, colocando o jornal dobrado perto de mamãe.

— E, ainda por cima, deixa o jornal bem na mesa — mamãe pegou-o, fazendo menção de lançá-lo sobre o sofá. Mas não completou sua intenção. Parou no meio, sua atenção voltada para alguma notícia.

Lendo o cabeçalho da notícia, ela ficou sem fala.

— ?! + *+ = £ ;§*/...

— Que é isso, mãe? — assustamos, Ricardo pegando o jornal.

— Depois de ler, era ele que não conseguia dizer nada.

— ?! + *+ = £; §*/...

Ficando nervoso, tomei o jornal das mãos do boquiaberto Ricardo. Estupefato, mal podia acreditar no que eu estava lendo. Na página estrategicamente dobrada por papai, li o que aguardávamos há tempos.

— *Anistie au Brésil!*

Aí eu não aguentei. Empurrando a cadeira para trás, levantei-me, corri em direção à cozinha e, dando um pulo, soquei o ar como o Pelé fazia na comemoração do gol.

— Hirru! Anistia! Anistia! Nós vamos poder voltar ao Brasil!

Isso serviu para reanimar o pessoal, que tinha saído da órbita terrestre. Papai pegou o jornal deixado na mesa e leu a notícia, agora com calma, em voz alta.

Segundo a transcrição do jornal, o presidente Figueiredo havia assinado a anistia, baseado no fato de que lugar de brasileiro é no Brasil.

— Eles estão sendo pressionados, isso sim — papai comentava, crítico, mas feliz com a notícia.

Quando Pablo conseguiu entender o porquê da euforia, saiu correndo da sala e foi chorar no seu quarto.

Não foi preciso ninguém perguntar o motivo. Como eu me relacionava bem com ele, fui o escalado para consolá-lo.

— Pablo, o que foi, cara? — perguntei, sorrindo, mas já sabendo a resposta.

Ele enfiou mais ainda a cabeça no travesseiro, não querendo conversar com ninguém.

— Puxa, Pablo, que fossa é essa, assim de repente? Soluçando, ele finalmente conseguiu dizer alguma coisa.

E o que ele disse doeu dentro de mim.

— Marcão, e eu?... O que será de mim?

— Você o quê, Pablo? Não estou entendendo...

Estava. Mas eu queria que ele expusesse o problema.

— Eu vou ficar sozinho aqui? — ele disse, enxugando as lágrimas.

— Claro que não, mano! Tem cabimento uma coisa dessas?

— Vocês vão para o Brasil. E eu, que sou chileno? Para onde é que eu vou?

— Mas, você é brasileiro que nem nós, Pablo. Esse negócio de nascer ou não no país não tem muito a ver. Você é muito mais brasileiro que muito nego que vive lá, mas que não está nem aí com nada, entende? — eu me atrapalhava, tentando mostrar a ele que aquilo não era motivo para preocupações.

— Quer dizer que vocês me levam?

— Mas é claro! Então você acha que nós vamos abandoná-lo na França? Se alguém dessa casa vai voltar para o Brasil, pode crer que os dois primeiros a tomar o avião serão você e a Nicole.

Quando aparecemos na porta da sala, ninguém havia saído da mesa. Esperavam, ansiosos, o desfecho das negociações.

Mamãe aproximou-se, com a garrafa de água gelada. Pablo ainda estava com cara de choro. Para quebrar o gelo e voltar a alegria à casa, ela mandou que ele se inclinasse.

— Para quê? — Pablo estava sem saber o que ela queria fazer.

— Obedeça, chileno. Não discuta, vamos! — mamãe falava com autoridade.

Quando ele se inclinou, mamãe rapidamente derramou a água da garrafa em sua nuca, proferindo, solene:

— De hoje em diante, ficas batizado com o nome de Pablo, o Brasileiro. Tenho dito.

Batemos palmas, abraçando o mano que, com medo da água fria, queria sair correndo.

Por isso, até hoje o apelido dele é Brasileiro. Quando perguntam se ele é parente do cracão Sócrates Brasileiro Sampaio Vieira de Oliveira, ele desconversa e acaba dizendo que são primos. Prefere deixar o pessoal pensando que sim. Não gosta de contar seu batizado.

UM MOMENTO MUITO DIFÍCIL

Não foi fácil contar a notícia à Claire. Convidei-a para darmos uma volta pela pracinha de Sceaux. Andávamos calados. Não era preciso dizer nada. Parecia que ela sentia o que eu tinha a confessar.

— *Marc*, quando você volta? — ela abriu o diálogo.

Percebi que ela fez a pergunta com certa dificuldade, como se não quisesse fazê-la. Parei de andar e olhei-a nos olhos. Havia lágrimas em seu olhar azul.

— Pierre contou-me. Parece que as coisas estão mudando em seu país, não?

Claire tentava tornar a situação menos dramática, sem aquela de dramalhão mexicano por isso, ela tentou sorrir ao terminar a frase. Só que o sorriso para virar choro, basta um olhar de saudade, a certeza do adeus.

Em vez de responder à sua Pergunta inicial, segurei o seu rostinho entre minhas mãos e, aproximando o seu rosto do meu, beijei-a docemente. Depois, ficamos nos olhando, sem pressa de desviarmos os olhares.

— Não vou esquecê-la jamais, Claire...

Foi a única coisa que consegui dizer, antes que ela se desvencilhasse do meu abraço e se pusesse a correr, até sumir de vista.

Eu sabia que esse momento haveria de acontecer. Mais cedo ou mais tarde, haveria a separação. Eu já estava acostumado com despedidas. Estava calejado para usar uma expressão bem brasileira. Claire não. Era sua primeira despedida. Ela ainda não sabia trabalhar com perdas.

Não tentei correr atrás dela. Sabia que ela desejava ficar sozinha para curtir sua fossa.

Atravessei a rua e fui para casa.

REUNIÃO DE SUBVERSIVOS?

Em setembro, quando as coisas já se haviam definido e a volta estava iminente, fomos convidados por *Monsieur* Legrand para comparecer à escola. Era a *rentrée*, a volta às aulas, o início do ano letivo francês.

Estávamos de passagem comprada, a documentação em dia, esperando apenas o dia certo para o embarque. Havia em nós uma sensação de férias.

É certo que eu já sentia saudades de Pierre, de Claire, do pessoal todo, mas eu procurava não pensar muito nisso.

Na entrada da escola, no dia marcado por *Monsieur* Legrand, encontrei-me com o Ângelo.

— Cadê o pessoal, gaúcho?

— E eu sei, tchê? Devem estar na sala de *Monsieur* Legrand. Vamos até lá.

Na diretoria, estavam todos: Juca, Pedro, Sarinha, Mariana, a turma toda.

Ao entrar, ainda zombei:

— Qual é, moçada? Reunião de subversivos, é?

— Até que enfim, hein, Marcão? Só faltava você e o Rico... — Pedro reclamou.

— *Monsieur* Legrand entendeu o que eu dissera em português e fez cara feia. Pensei que o caldo fosse entornar, a gente levando bronca. Mas tranquilizei-me. Nem alunos matriculados éramos mais...

Monsieur Legrand levantou-se, solene e disse:

— *Accompagnez-mol!*

— Começamos a acompanhá-lo. Virei-me, então, para o Ângelo, indagando com o olhar para onde ele estava nos levando. Baixinho, ele brincou:

— Sei não, tchê! Mas ele não é de negar estribo — Ângelo queria dizer que podíamos confiar nele.

Pelos corredores não havia ninguém. Nas classes, as aulas normais de sempre. Surpresos, olhávamos uns para os outros, com ar de deboche, um ar assumido como defesa, sem saber o que nos esperava.

Quando cruzamos a porta que dava para o anfiteatro, fiquei espantado, todo mundo perdendo o ar de deboche. Muitos alunos nos esperavam.

— Marcão, o que é isso? — Pedro perguntou, em voz baixa.

— Seja lá o que for, Pedrão, vamos aguentar firme. *Monsieur* Legrand levou-nos à frente, colocando-nos sobre o palco, onde se faziam as comemorações na escola.

De repente, nós nos vimos sozinhos ali em cima.

— *Monsieur* Legrand chamou alguns alunos, que se posicionaram bem à frente de todos: Pierre, Armand, Sorel, Claire, Jean-Paul e uns quinze velhos amigos mais chegados. Cada um deles trazia uma folha de papel nas mãos.

Encaminhando-se para eles, *Monsieur* Legrand pediu, com o olhar, que o servente ligasse o sistema de som. Pierre tomou o microfone que *Monsieur*

Legrand lhe passou. Subindo no palco, onde estávamos, disse:

— Como a grande maioria do pessoal aqui do Lycée Marie Curie está sabendo, foi assinada a anistia no Brasil, possibilitando que os exilados voltem para lá. E eu pedi a *Monsieur* Legrand que nos autorizasse a fazer uma pequena despedida aos amigos brasileiros que estão voltando. Quem os conheceu mais de perto, quem conviveu estes anos com o Juca, o Ângelo, a Sara, a Mariana, o Ricardo, o Pedro e o Marcão, sabe que eles tem passado por vários países, mas sempre tiveram que sair correndo, às pressas, sempre fugindo.

Aquela homenagem era realmente uma surpresa para todos nós. As palavras amigas de Pierre nos tocaram bastante.

— E nós, como franceses e amigos, gostaríamos que a saída de vocês da França tivesse um significado especial. Por isso, nós estamos aqui hoje. Naquela aula que muita gente assistiu sobre o Brasil, eles agradeceram a nossa hospitalidade, a nossa amizade, lembram-se? Agora nós é que queremos agradecer o muito que vocês nos ensinaram. E eu convido a todos para prestarem bastante atenção nesta música que vamos cantar, eu e o pessoal aqui da frente. Foi a melhor maneira que escolhemos para dizer o quanto nós gostamos deles.

Quando os primeiros acordes foram ouvidos, deu aqui dentro da gente um arrepio gelado. A música era o Hino Nacional.

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas,

De um povo heroico, o brado retumbante,

E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,

Brilhou no céu da pátria nesse instante."

Monsieur Legrand, que havia se adiantado, começou a hastear a bandeira brasileira.

À medida que a bandeira ia subindo, devagarinho, foi dando dentro do peito uma coisa esquisita: foi arrepiando a pele, os olhos se enchendo de lágrimas. Olhei para os outros e o mesmo acontecia com eles: Juca tinha os lábios trêmulos, o mesmo acontecendo com o Ângelo e o Pedro. Para não chorar, desviei o olhar, mas acabei cruzando com os de Sarinha e Mariana. Todos nós estávamos embasbacados. Tentei olhar para os amigos franceses, mas foi pior.

No meio de todo mundo, avistei Claire. Ela cantava com vontade, sem olhar para o papel, enquanto seu rosto era banhado por lágrimas. Foi o suficiente para que eu me rendesse. Está certo que homem não chora, mas eu não era homem, era um ser humano tentando ser durão. Olhando para Claire, ela também me olhando, comecei a chorar.

— Marcão! — Juca chamava-me a atenção. — Vamos cantar! Vamos mostrar para eles que nós também sabemos o hino de nossa pátria. Vamos mostrar que a gente não é um bando de meninos sem pátria...

Sem desviar os olhos dos olhos de Claire, obedeci ao apelo de Juca.

"Brasil, um sonho intenso, um raio vivido,

De amor e de esperança à terra desce,

Se em teu formoso céu risonho e límpido A imagem do Cruzeiro resplandece."

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

VOCÊ FOI É HOMEM, FOI MACHO TODA VIDA

Na noite que antecedeu nossa partida, eu não conseguia dormir. Fiquei rolando na cama, pensando em tudo o que nos acontecera naqueles anos. Havia um quê de insônia misturado com as saudades que eu já sentia de Claire, do amigão Pierre, da França, mas também havia um muito de ansiedade e expectativa pela volta. "Como estariam todos no Brasil?", eu pensava. Como estariam os colegas de infância, o Rodrigo Pantoni, o Leandro Bôer, o Artur e o Hugo Rozestraten, meus amigos de futebol de rua. Como estaria seu Valdemar, o porteiro do nosso prédio? E como estaria Ana Rosa? Com o mesmo jeitinho simpático, o mesmo cabelo de corte chanel ou ela teria mudado o penteado? E a minha cidadezinha, como estaria Canaviápolis?

Tudo aquilo era um ponto de interrogação em minha mente.

Sem conseguir pregar olho, levantei-me. Ricardo e Pablo dormiam o sono dos justos, sono pesadão.

Saí do quarto e fui até à sala. Sentando-me no sofá, desabafei:

— Droga!

Alguém mais na casa não conseguia dormir também.

— Marcão, é você, filhão? — a voz de papai interrompeu meus pensamentos. Ele estava sentado na poltrona do canto da sala e eu não notara sua presença.

— Pai, você está aí? — perguntei, sem graça, certo de que eu estava sozinho.

— Estou, filhão! Eu também não consigo dormir...

— Eu ia até o banheiro e...

— Não precisa mentir, filhão. Sente-se aqui perto — ele convidou-me. — Vamos conversar...

Sentei-me e ele passou a mão na minha cabeça, como fazia quando eu era pequeno.

— Já com saudades?

— Não vou mentir, não. Acho que não adianta, não é mesmo?

— Filhão, eu queria pedir desculpas a você por tudo isso, sabe? Esse tempo de fugas, de países emprestados, essa correria... De certa maneira, eu me sinto culpado...

— Culpado de quê, pai?

— A gente assume certas posições na vida e isso às vezes traz dissabores...

— O senhor se culpa por não ter feito coluna social n'*O Binóculo*! — eu gracejei.

— É isso aí — ele também riu. Se eu ficasse falando dos bacanas de Canaviápolis, como o cabo Cirilo queria, nós não teríamos passado por tudo isso...

— Que é isso, pai? E com que cara eu ia olhar para os colegas, para o pessoal de lá?

Lembrando-me do que o padre me dissera, quando eu ainda estava no

convento, antes de sair do Brasil, eu continuei:

— Você me pede desculpas, mas para mim... Você quer saber o que penso de você, paizão?

— Quero. Diga!

— Para mim você foi é homem, foi macho toda vida... Mordendo os lábios, tentando não me emocionar, eu concluí:

— Eu me orgulho de você, velhão!

— Verdade, filho?

— Palavra de escoteiro.

— Então, me dá um abraço forte...

ADIEU, BRESILIEN!

No dia seguinte, nem acreditávamos que estivéssemos indo para Orly, com um destino certo: Brasil.

Pierre quis acompanhar-nos até o aeroporto. Não permiti. Aliás, foi uma decisão de toda a família não permitir nenhum bota-fora mais demorado. Estávamos cansados de tantos adeuses nesses anos todos. Que saíssemos sem nos despedir de ninguém, como se fôssemos até à esquina comprar uma *baguette*. Como chegamos, queríamos sair: se, na chegada, há seis anos, ninguém nos havia recebido, partíamos assim, sem nos despedir de ninguém.

Quando chegamos à sala de embarque, alguns repórteres entrevistavam os exilados que regressavam. Havia em todos os semblantes um misto de alegria pelo reencontro de amigos que não se viam há tempos. Havia a expectativa comum do regresso, da volta à pátria.

À chamada para que nos dirigíssemos ao portão de embarque, peguei minha valise e já começava a sentir saudades, quando uma voz feminina chamou meu nome.

— *Marc! Marc!*

Virei-me e não era preciso adivinhar quem vinha correndo, chamando-me. Claire estava linda dentro de um macacão cor-de-rosa. Parando de correr, ela ficou a poucos metros de onde eu estava. Sua respiração estava ofegante. Ficamos nos olhando nos olhos; depois eu soltei a valise e nos jogamos um nos braços do outro, nos estreitando doce e demoradamente.

Não dissemos nada. Não havia mais nada a dizer. Nosso silêncio, o silêncio daquele abraço já dizia tudo, já demonstrava o nosso amor, a saudade que começávamos a sentir um do outro.

Fomos interrompidos por uma luz muito forte projetada sobre nós. Pegos em flagrante, ficamos sem graça. Um microfone inoportuno apareceu à nossa frente. Um repórter de uma televisão brasileira perguntou-me:

— Você que está se despedindo de sua namorada, como é que você está vendo o seu regresso ao Brasil?

Olhei para o repórter e não consegui articular nenhuma palavra. Estava emocionado demais. Houve um bloqueio momentâneo, dando-me um branco no cérebro. Há quase dez anos eu esperava ansiosamente por essa pergunta, desde quando saí do Brasil, via Bolívia, via Chile, via exílio.

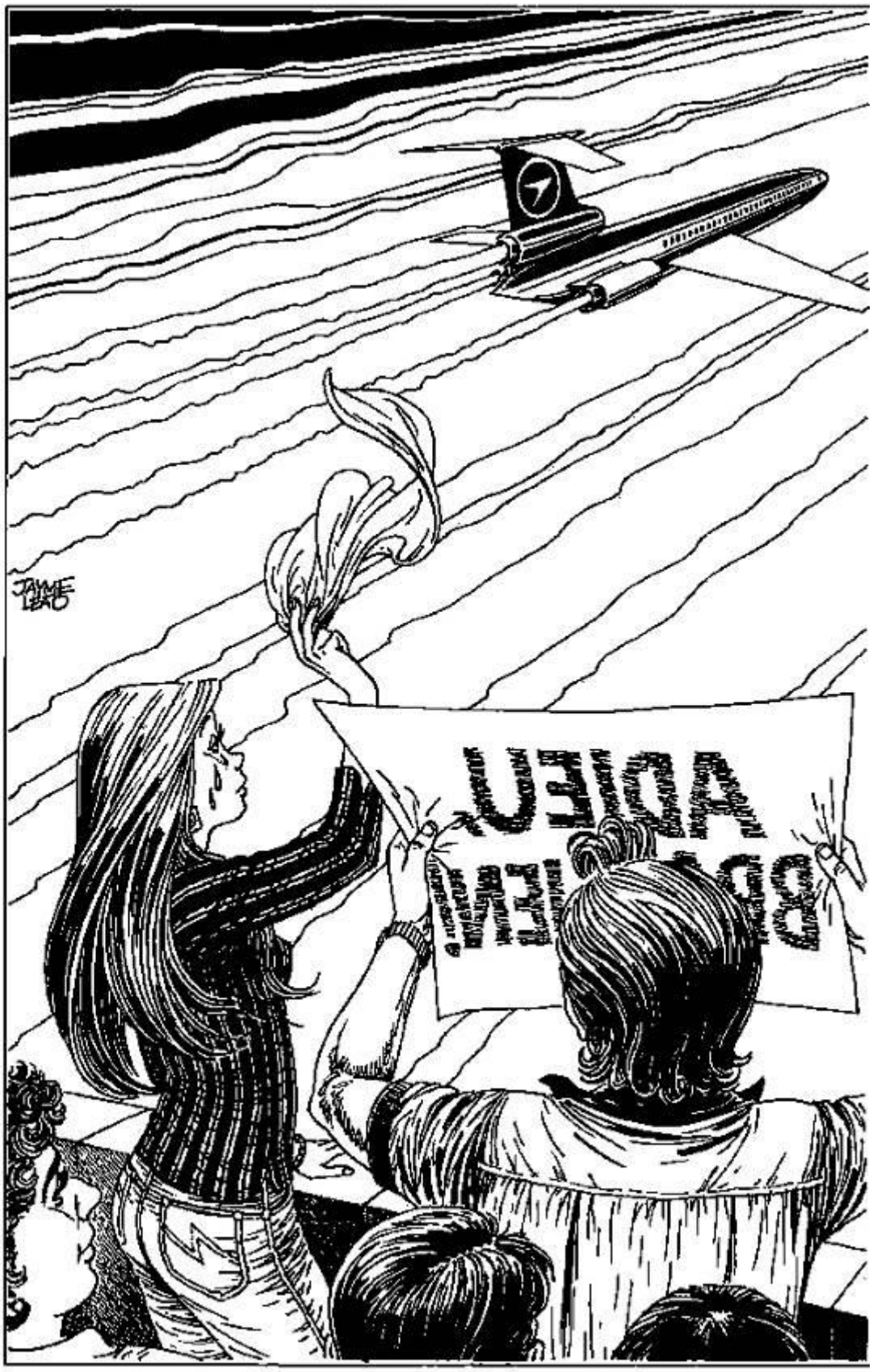
Olhei para Claire e ela sorriu, encorajando-me. Só então respondi, sem medo, com a certeza de que o pesadelo estava para terminar.

— Estou vendo essa volta como uma conquista nossa. Vamos deixar de ser meninos sem pátria. Afinal, somos filhos desse solo chamado Brasil, como diz o hino, não?

Ricardo veio correndo chamar-me,

— Vamos embora, Marcão. O Brasil tá esperando pela gente...

Despedi-me de Claire e encaminhei-me ao portão de embarque, juntando-me aos demais.



De dentro do avião, Marcão viu, emocionado, o amigo Pierre empunhando uma faixa de despedida e Claire acenando adeus.

Já no avião, enquanto a maioria dos brasileiros improvisavam um sambão lascado, olhei pela janelinha. Na sacada do aeroporto, havia uma faixa improvisada nas mãos de um rapaz sardento; "*adieu, brésilien*!"

Era o Pierre, que resolvera vir ao bota-fora, chegando atrasado.

Quando o avião rolava na pista, olhei pela janelinha novamente. Ao lado de Pierre, alguém acenava um lenço branco.

A batucada esquentava. O pessoal começou a cantar um samba muito em voga, propício para a ocasião:

"Pode ir armando o coreto
Preparando aquele feijão preto
Que eu tô voltando... ,
Põe meia dúzia de Brahma pra gelar
Muda a roupa de cama
Eu tô voltando..."

Convidado a cantar, recusei. Fechei os olhos, fingindo dormir. Foi a maneira que arrumei para que ninguém percebesse que eu estava chorando.

"Lembro-me do tempo do exílio, quando a saudade era do Brasil como um todo. O Brasil me faltava [...]. Era preciso reaprender o Brasil."

(Paulo Freire)

FIM